



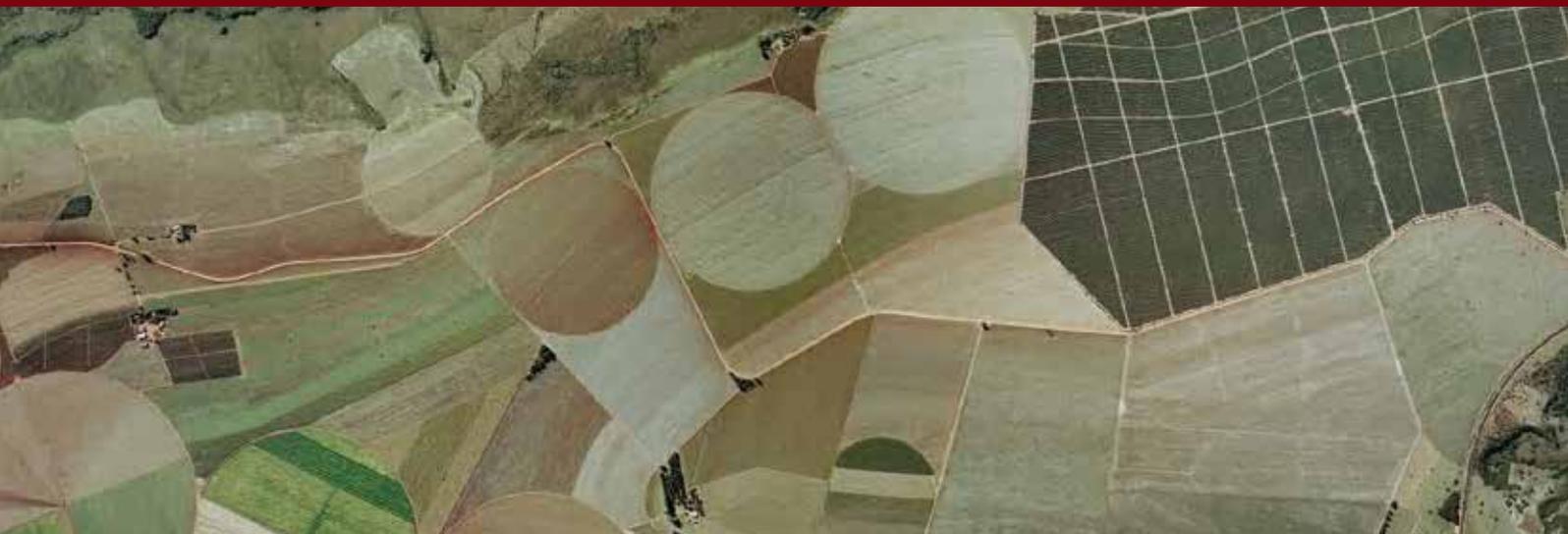
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO  
DA SAFRA BRASILEIRA**

**café**

V. 4 - SAFRA 2017 - N.4 - Quarto levantamento | **DEZEMBRO 2017**



Monitoramento agrícola

**Presidente da República**

Michel Temer

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)**

Blaíro Maggi

**Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)**

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

**Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)**

Jorge Luiz Andrade da Silva

**Diretoria de Gestão de Pessoas (Dígep)**

Marcus Luis Hartmann

**Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)**

Danilo Borges dos Santos

**Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dípai)**

Cleide Edvirges Santos laia

**Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)**

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

**Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)**

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

**Gerência de Geotecnologias (Geote)**

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

**Equipe Técnica da Geasa**

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

**Equipe Técnica da Geote**

Aquila Felipe medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Jade Oliveira ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Lucas Barbosa Fernandes

**Superintendências Regionais**

Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO  
DA SAFRA BRASILEIRA**

**café**

V.4 - SAFRA 2017 - N.4 - Quarto levantamento | **DEZEMBRO 2017**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-7913

Acomp. safra brasileira de café, v. 4- Safra 2017, n.4- Quarto levantamento, Brasília, p. 1-84, dez. 2017

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>  
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro  
Publicação integrante do Observatório Agrícola  
ISSN: 2318-7913

#### **Colaboradores**

Djalma Fernandes Aquino (Gefab - Café)

João Marcelo Brito Alves de Faria (Geint)

#### **Colaboradores das Superintendências**

AM – Antônio Batista da Silva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz, José Humberto Campos de Oliveira, Pedro Jorge Benício Barros e Thiago Augusto Magalhães Maia

BA – Marcelo Ribeiro, Ednabel Lima, Aurendir de Melo, Gerson dos Santos, Jair Lucas Junior, Israel Santos, Joctã do Couto e Suely de Lima.

ES – Maicow Paulo de Almeida e Ismael Cavalcante Maciel Júnior.

GO – Espedito Leite Ferreira, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Roberto Alves de Andrade, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos, Marcos Aurélio Grano e Sírío José da Silva Júnior.

MG – Alessandro Lúcio Marques, Eliana Aparecida Silva, Luiz Paulo Junqueira, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Pedro Pinheiro Soares, Sérgio de Lima Starling e Warlen César Henriques Maldonado.

MT – Allan Vinicius Pinheiro Salgado, Jacir Lopes da Silveira e Pedro Ramon Manhone.

PR – Rosimeire Lauretto, Daniela Furtado de Freitas Yanaga, José Segundo Bosqui e Rafael Rodrigues Fogaça.

RJ – Olavo Franco de Godoy Neto e Jorge Antonio de F Carvalho.

RO – João Adolfo Kásper, Niécio Campanati Ribeiro e Thales Augusto Duarte Daniel.

SP – Cláudio Lobo de Ávila, Elias Tadeu de Oliveira e Marisete Belloli Breviglieri.

#### **Instituições Parceiras**

AM – Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam), Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas (Idam);

BA – Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiater);

ES – Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper);

MG – Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

MT – Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer);

PR – Departamento de Economia Rural (Deral);

RJ – Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

RO – Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

SP – Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) - IEA (Instituto de Economia Agrícola).

#### **Editoração**

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

#### **Diagramação**

Guilherme dos Reis Rodrigues

#### **Fotos**

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com>

#### **Normalização**

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompamento da safra brasileira : café – v. 1, n. 1 (2014-) – Brasília : Conab, 2014-

v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de jan./2014. Continuação de: Acompamento da safra brasileira de café (2008-2012).

ISSN 2318-7913

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

# SUMÁRIO



**1. Resumo executivo** ..... 8



**2. Introdução**..... 10



**3. Estimativa de área cultivada** ..... 12



**4. Estimativa de produtividade**..... 18



**5. Estimativa de produção** ..... 21



**6. Crédito rural** ..... 27



**7. Monitoramento agrícola** ..... 29



**8. Avaliação por estado**..... 46

-8.1. Minas Gerais..... 46

-8.2 Espírito Santo..... 49

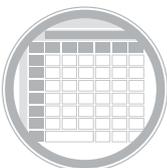
-8.3. São Paulo-----	51
-8.4. Bahia-----	53
-8.5. Rondônia-----	58
-8.6. Paraná-----	59
8.7. Rio de Janeiro-----	60
8.8. Goiás-----	61
-8.9. Mato Grosso-----	63
-8.10. Amazonas-----	64



<b>9. Receita bruta-----</b>	<b>66</b>
------------------------------	-----------



<b>10. Análise de mercado do café beneficiado-----</b>	<b>71</b>
--	-----------



<b>12. Parque cafeeiro-----</b>	<b>77</b>
---------------------------------	-----------



<b>13. Calendário de colheita-----</b>	<b>80</b>
--	-----------





## 1. RESUMO EXECUTIVO

**A**no de bienalidade negativa na maior parte dos estados produtores.

**Produção:** 44,97 milhões de sacas beneficiadas. Redução de 12,5%.

**Arábica:** 34,25 milhões de sacas. Redução de 21,1%.

**Conilon:** 10,72 milhões de sacas. Crescimento de 34,2%.

**Área total:** 2,21 milhões de hectares. Redução de 0,6%.  
Área em produção: 1,87 milhão de hectares. Redução de 4,3%.

Área em formação: 344,9 mil hectares. Crescimento de 26,4%

### Minas Gerais (24,45 milhões de sacas)

A produção é 20,4% menor do que a safra 2016 devido à bienalidade negativa. Será 24,1 milhões de sacas de arábica. Redução de 20,8%. O conilon será de 343,7 mil sacas. Crescimento de 16%.

**Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste):** 13.684,2 mil sacas.

**Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste):** 3.638 mil sacas.

**Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central):** 6.481,1 mil sacas, sendo 6.257,7 mil sacas de café arábica e 223,4 mil sacas de conilon.

**Norte de Minas (Norte, Jequitinhonha e Mucuri):** 621,7 mil sacas, sendo 501,4 mil sacas de café arábica e 120,3 mil sacas de conilon.

#### **Espírito Santo (8,87 milhões de sacas)**

As condições climáticas desfavoráveis atravessadas pelas lavouras de conilon em 2016 e a falta de mudas para plantio levaram a uma forte redução de área, além do ciclo de bienalidade negativa no arábica, resultando numa queda de 1,1% na produção. Produção de 5.915 mil sacas de conilon e 2.920 mil sacas de arábica.

#### **São Paulo (4,41 milhões de sacas)**

Redução na produção devido ao ciclo de bienalidade negativa e alto índice de podas.

#### **Bahia (3,36 milhões de sacas)**

**Cerrado:** redução de área em produção e produtividade em face da florada que foi abaixo do desejado. Área irrigada. Produção de 288 mil sacas de arábica.

**Planalto:** o reflexo do estresse climático em safras anteriores acarretou atraso na floração e redução da sua intensidade. Produção de 690 mil sacas de arábica.

**Atlântico:** o forte incremento de produtividade reflete numa produção bem superior à safra anterior. Produção de 2.380 mil sacas.

#### **Rondônia (1,94 milhão de sacas)**

Crescimento de 19,1%. Aumento de produtividade devido à renovação do parque cafeeiro e implantação de mudas clonais.

#### **Paraná (1,21 milhão de sacas)**

Crescimento de 15,6%. Com a forte geada em 2013 houve inversão na bienalidade da cultura, sendo positiva para este ano.

#### **Rio de Janeiro (349 mil sacas)**

Área semelhante à safra 2016.

#### **Goiás (190,2 mil sacas)**

Redução de 16,1% na produção devido ao ciclo de bienalidade negativa. Área totalmente irrigada.

#### **Mato Grosso (91,5 mil sacas)**

Forte queda de área em razão do abandono de lavouras antigas no estado deve resultar numa queda de 27% na produção.

#### **Amazonas (7,5 mil sacas)**

Aumento de área e produtividade resultam numa produção 25% superior à safra passada. Transição agroecológica com o objetivo de certificação orgânica





## 2. INTRODUÇÃO

Como é de conhecimento público, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) procede ao acompanhamento da safra brasileira de café desde o ano de 2001, divulgando quatro estimativas anualmente, com levantamentos de informações realizados por meio de visitas a produtores, cooperativas e agentes envolvidos na cadeia produtiva da cultura.

O primeiro levantamento acontece entre novembro e dezembro, com divulgação em janeiro, no período pós-florada, um dos mais importantes para a cultura. Nessa ocasião, o clima favorável e boas práticas agrícolas garantem a uniformidade e qualidade dos grãos.

O segundo levantamento ocorre em maio, com divulgação no próprio mês citado, no período pré-colheita, onde, menos de 20% da cultura do país foi colhida.

O terceiro levantamento será realizado em agosto e divulgado em setembro, no período de plena colheita no país, de março a outubro, e concentrada entre maio e agosto. Nessa ocasião do levantamento, a colheita já terá ultrapassado 90% do total.

O quarto levantamento será realizado em dezembro e divulgado no mesmo mês, sendo o último da safra, compreendendo o período pós-colheita, em que a colheita já foi finalizada, com as estimativas corrigidas com os dados consolidados e coletados a campo.

Após análise estatística dos dados obtidos em campo, são divulgadas as previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado, objetivando, assim, permitir a elaboração de planejamentos estratégicos, por toda a cadeia produtiva do café, bem como a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando, portanto, a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Nesta safra, as informações serão de um ano de biennialidade negativa, o que, naturalmente, possuindo produtividades inferiores à safra anterior. Essa é uma característica de cultura permanente, sobretudo, para café arábica, que é a maior produção do país.

Ressalta-se que as previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes ao longo do ano safra, visto que informações mais precisas, somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que, porventura tenham ocorrido, são detectados, bem como estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas à medida que a colheita avança.

A realização desses levantamentos de dados pela Conab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café, conta com as parcerias estaduais dos órgãos de governo dos principais estados produtores citados na contracapa deste boletim. Também são consultados técnicos dos escritórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como forma de obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições que, ao longo dos anos, realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira com muita dedicação. Na oportunidade, a Conab registra os seus agradecimentos aos referidos profissionais, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste boletim se referem aos trabalhos realizados nos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e Amazonas), que correspondem por volta de 99,6% da produção nacional.



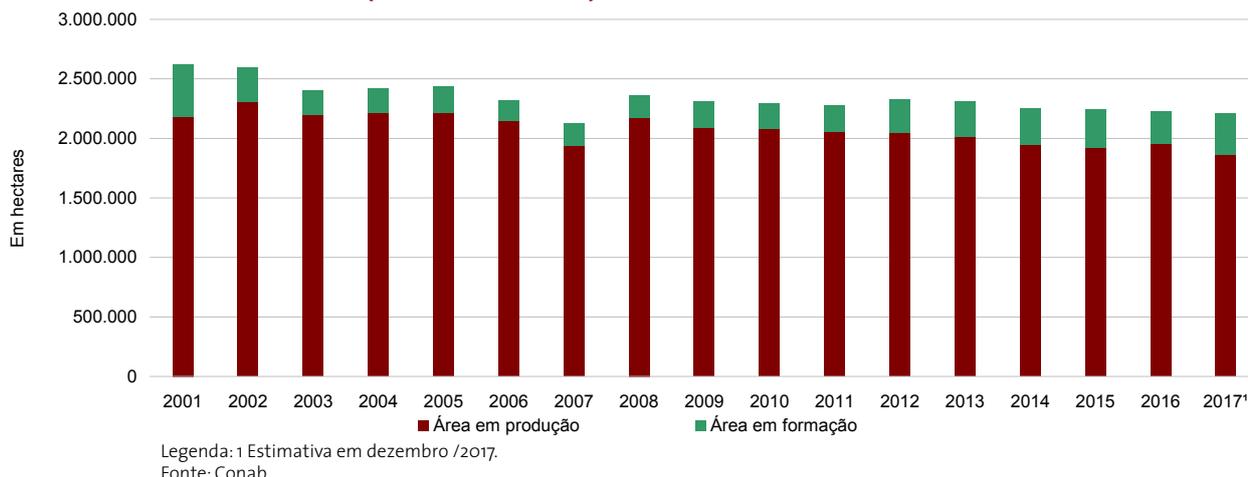


### 3. ESTIMATIVA DE ÁREA CULTIVADA

#### 3.1. ÁREA TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A área total plantada no país com a cultura totaliza 2,21 milhões hectares, semelhante à cultivada em 2016. Desse total, 344,92 mil hectares (15,6%) estão em formação e 1,87 milhão de hectares (84,4%) em produção.

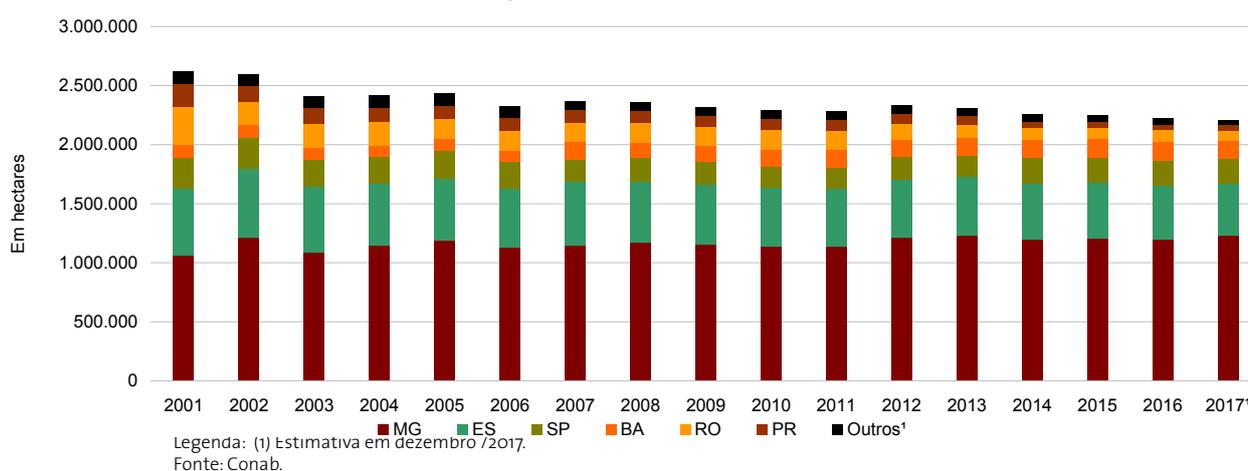
**Gráfico 1 – Área de café total (arábica e conilon) no Brasil**



A área de café vem diminuindo a cada safra e, se comparada à da safra passada, a safra 2017 é 0,6% menor. É notório que esse comportamento ocorra visto ao ganho de produtividade que os produtores têm alcançado, tendo em vista a aplicação de novas tecnologias nessa cultura, com o uso de novas variedades, aduba-

ção adequada, irrigação, entre outros. É possível perceber que a queda de área é uma tendência, tanto em estados com menor área cultivada, quanto nos maiores, como é caso do Espírito Santo. Dos principais estados produtores, apenas Minas Gerais e Bahia apresentam ganho na área cultivada entre 2001 e 2017.

**Gráfico 2 – Área das Unidades da Federação**

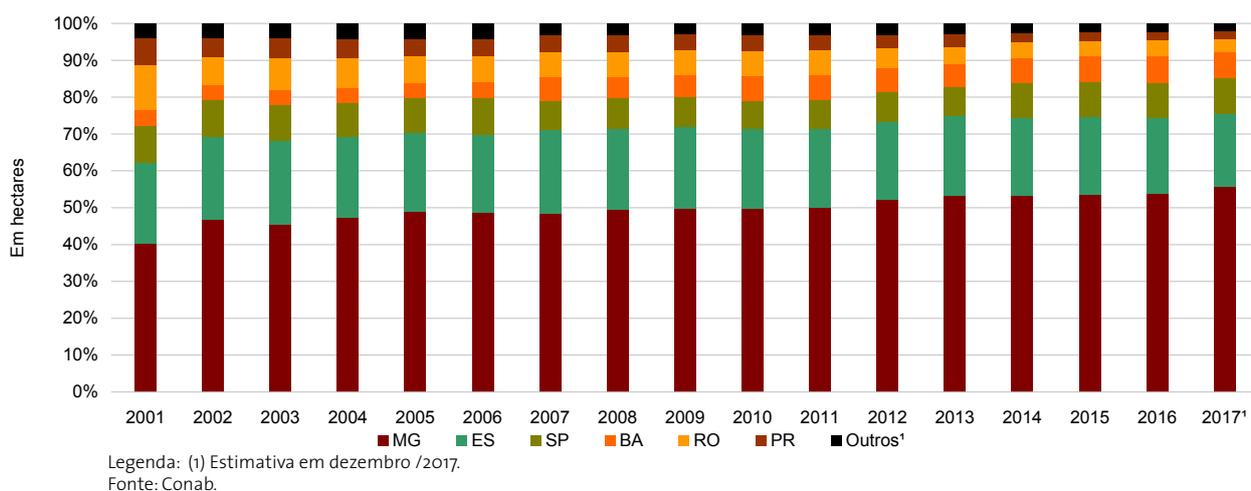


Essa mudança nas áreas cultivadas com café, tendo redução em alguns estados e ganhos em outros, tem contribuído para concentrar ainda mais a produção de café no país. Em 2001 os quatro maiores estados com área cultivada (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Bahia) respondiam por 76% do total do país, em 2017 a estimativa é que eles respondam por 92% da área total. Alguns fatores podem ter contribuído para essa

concentração como as condições edafoclimáticas dessas regiões, a cadeia de produtividade mais estruturada, os investimentos dos governos estaduais para incentivo do setor e a facilidade de escoamento, tendo em vista que em 2014 o Brasil exportou 76% da sua produção, em 2015 foram 81% e em 2016 foram 63%, considerando o ano civil (janeiro a dezembro).



**Gráfico 3 – Percentual de área cultivada das Unidades da Federação**



**Tabela 1 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em formação, em produção e total**

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.991,0	9.243,1	32,2	88.699,4	75.218,8	(15,2)	95.690,4	84.461,9	(11,7)
RO	6.904,0	9.084,0	31,6	87.657,0	74.255,0	(15,3)	94.561,0	83.339,0	(11,9)
AM	66,0	71,1	7,7	429,4	503,8	17,3	495,4	574,9	16,0
PA	21,0	88,0	319,0	613,0	460,0	(25,0)	634,0	548,0	(13,6)
NORDESTE	12.408,0	12.926,0	4,2	149.753,0	141.641,0	(5,4)	162.161,0	154.567,0	(4,7)
BA	12.408,0	12.926,0	4,2	149.753,0	141.641,0	(5,4)	162.161,0	154.567,0	(4,7)
Cerrado	2.829,0	3.350,0	18,4	11.328,0	9.670,0	(14,6)	14.157,0	13.020,0	(8,0)
Planalto	6.857,0	7.225,0	5,4	92.533,0	85.201,0	(7,9)	99.390,0	92.426,0	(7,0)
Atlântico	2.722,0	2.351,0	(13,6)	45.892,0	46.770,0	1,9	48.614,0	49.121,0	1,0
CENTRO-OESTE	3.333,5	4.029,0	20,9	19.819,6	15.079,0	(23,9)	23.153,1	19.108,0	(17,5)
MT	1.577,0	2.131,0	35,1	14.193,0	9.563,0	(32,6)	15.770,0	11.694,0	(25,8)
GO	1.756,5	1.898,0	8,1	5.626,6	5.516,0	(2,0)	7.383,1	7.414,0	0,4
SUDESTE	245.553,0	315.382,0	28,4	1.633.795,0	1.579.982,0	48,2	1.879.348,0	1.895.364,0	0,9
MG	188.782,0	254.352,0	34,7	1.009.481,0	980.762,0	(2,8)	1.198.263,0	1.235.114,0	3,1
Sul e Centro-Oeste	107.526,0	157.575,0	46,5	524.220,0	496.493,0	(5,3)	631.746,0	654.068,0	3,5
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	25.486,0	45.011,0	76,6	183.076,0	169.867,0	(7,2)	208.562,0	214.878,0	3,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	52.691,0	47.478,0	(9,9)	269.593,0	281.905,0	4,6	322.284,0	329.383,0	2,2
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	3.079,0	4.288,0	39,3	32.592,0	32.497,0	(0,3)	35.671,0	36.785,0	3,1
ES	42.059,0	46.970,0	11,7	410.057,0	385.538,0	(6,0)	452.116,0	432.508,0	(4,3)
RJ	857,0	857,0	-	13.022,0	13.053,0	0,2	13.879,0	13.910,0	0,2
SP	13.855,0	13.203,0	(4,7)	201.235,0	200.629,0	(0,3)	215.090,0	213.832,0	(0,6)
SUL	3.860,0	2.940,0	(23,8)	46.160,0	46.070,0	(0,2)	50.020,0	49.010,0	(2,0)
PR	3.860,0	2.940,0	(23,8)	46.160,0	46.070,0	(0,2)	50.020,0	49.010,0	(2,0)
OUTROS (*)	641,0	399,0	(37,8)	12.450,6	7.945,0	(36,2)	13.091,6	8.344,0	(36,3)
NORTE/NORDESTE	19.399,0	22.169,1	14,3	238.452,4	216.859,8	(9,1)	257.851,4	239.028,9	(7,3)
CENTRO-SUL	252.746,5	322.351,0	27,5	1.699.774,6	1.641.131,0	(3,5)	1.952.521,1	1.963.482,0	0,6
BRASIL	272.786,5	344.919,1	26,4	1.950.677,6	1.865.935,8	(4,3)	2.223.464,1	2.210.854,9	(0,6)

Legenda: (\*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

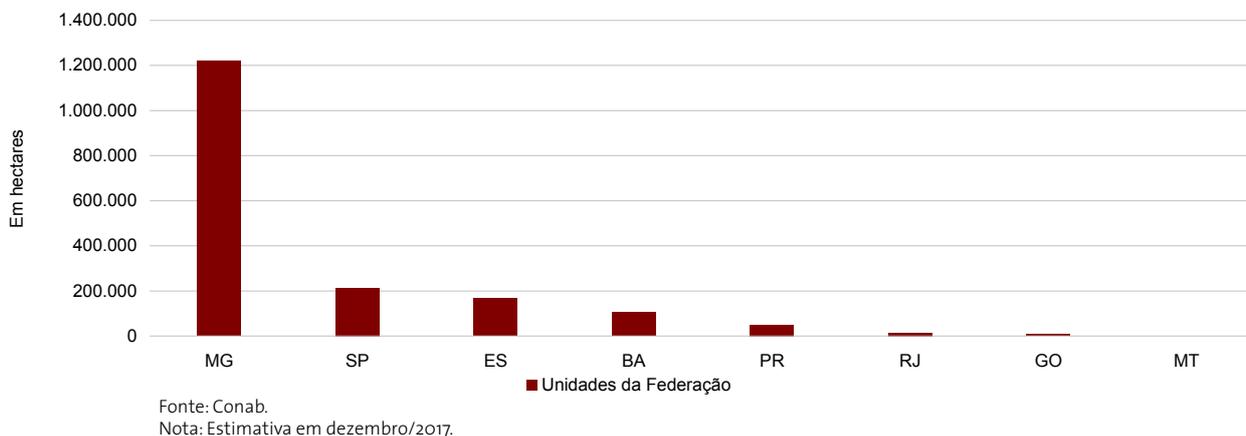


### 3.2. CAFÉ ARÁBICA

A área plantada do café arábica no país soma 1,78 milhão de hectares, o que corresponde a 81% da área existente com lavouras de café. Para a safra atual, estima-se crescimento de 1,4% (24,13 mil hectares). Minas Gerais concentra a maior área com a espécie,

1,22 milhão de hectares, correspondendo a 68,5% da área ocupada com café arábica, em nível nacional. São Paulo, segundo maior produtor de arábica, cultiva 12% (213,83 mil hectares) da área total do país. Os demais estados possuem participação inferior a 10%.

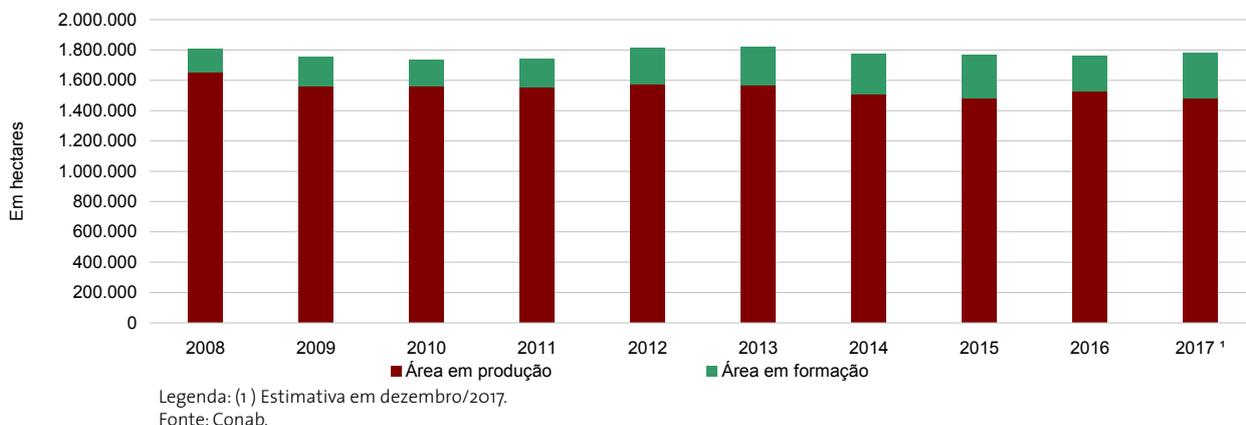
Gráfico 4 – Área das Unidades da Federação – Café arábica



A área plantada de café arábica no país tem se mantido estável nos últimos dez anos e gira em torno de 1,78 milhão de hectares. Além dos ciclos plurianuais de preços e produção, o café arábica é caracterizado por flutuações de área em produção entre as safras. Essas variações ocorrem em virtude do ciclo de bie-

nalidade do café. Nos anos de ciclo de bienalidade negativa a área em formação aumenta, uma vez que os produtores optam por manejar as culturas, especialmente as áreas mais velhas, onde a produtividade é menor. Em 2017, ano de bienalidade negativa, teremos um aumento de 28,1% na área em formação.

Gráfico 5 – Área de café arábica no Brasil



**Tabela 2 - Café arábica - Comparativo de área em formação, em produção e total**

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	9.686,0	10.575,0	9,2	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.446,0	(7,1)
BA	9.686,0	10.575,0	9,2	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.446,0	(7,1)
Cerrado	2.829,0	3.350,0	18,4	11.328,0	9.670,0	(14,6)	14.157,0	13.020,0	(8,0)
Planalto	6.857,0	7.225,0	5,4	92.533,0	85.201,0	(7,9)	99.390,0	92.426,0	(7,0)
CENTRO-OESTE	1.756,5	1.906,0	8,5	5.696,6	5.561,0	(2,4)	7.453,1	7.467,0	0,2
MT	-	8,00	-	70,00	45,00	(35,7)	70,0	53,0	(24,3)
GO	1.756,5	1.898,0	8,1	5.626,6	5.516,0	(2,0)	7.383,1	7.414,0	0,4
SUDESTE	218.067,0	283.687,0	30,1	1.361.031,0	1.331.556,0	(2,2)	1.579.098,0	1.615.243,0	2,3
MG	187.635,0	253.707,0	35,2	996.749,0	967.751,0	(2,9)	1.184.384,0	1.221.458,0	3,1
Sul e Centro-Oeste	107.526,0	157.575,0	46,5	524.220,0	496.493,0	(5,3)	631.746,0	654.068,0	3,5
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	25.486,0	45.011,0	76,6	183.076,0	169.867,0	(7,2)	208.562,0	214.878,0	3,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	51.945,0	47.059,0	(9,4)	261.317,0	273.448,0	4,6	313.262,0	320.507,0	2,3
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.678,0	4.062,0	51,7	28.136,0	27.943,0	(0,7)	30.814,0	32.005,0	3,9
ES	15.720,0	15.920,0	1,3	150.025,0	150.123,0	0,1	165.745,0	166.043,0	0,2
RJ	857,0	857,0	-	13.022,0	13.053,0	0,2	13.879,0	13.910,0	0,2
SP	13.855,0	13.203,0	(4,7)	201.235,0	200.629,0	(0,3)	215.090,0	213.832,0	(0,6)
SUL	3.860,0	2.940,0	(23,8)	46.160,0	46.070,0	(0,2)	50.020,0	49.010,0	(2,0)
PR	3.860,0	2.940,0	(23,8)	46.160,0	46.070,0	(0,2)	50.020,0	49.010,0	(2,0)
OUTROS (*)	406,0	399,0	(1,7)	9.206,0	6.293,0	(31,6)	9.612,0	6.692,0	(30,4)
NORTE/NORDESTE	9.686,0	10.575,0	9,2	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.446,0	(7,1)
CENTRO-SUL	223.683,5	288.533,0	29,0	1.412.887,6	1.383.187,0	(2,1)	1.636.571,1	1.671.720,0	2,1
BRASIL	233.775,5	299.507,0	28,1	1.525.954,6	1.484.351,0	(2,7)	1.759.730,1	1.783.858,0	1,4

Legenda: (\*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

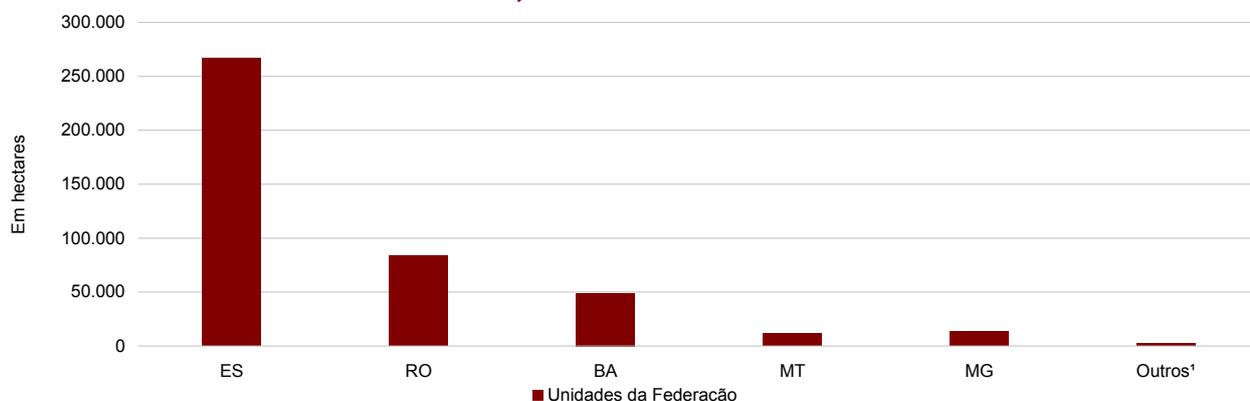
Nota: Estimativa em dezembro/2017.

### 3.3. CAFÉ CONILON

Para o café conilon, a estimativa é de redução de 7,9% na área, estimada em 427 mil hectares. Desse total, 381,58 mil hectares estão em produção e 45,41 mil hectares em formação. No Espírito Santo está a maior área, 266,47 mil hectares, seguido de Rondônia, com

83,34 mil hectares e logo após, a Bahia, com 49,12 mil hectares, concentrada na região do atlântico. Os três estados concentram 93,4% da área cultivada no país, sendo o Espírito Santo responsável por 62,4% da área total.

**Gráfico 6 – Área das Unidades da Federação – Café conilon**



Legenda (1): Acre, Amazonas, Pará, Rio de Janeiro, Ceará.

Fonte: Conab.

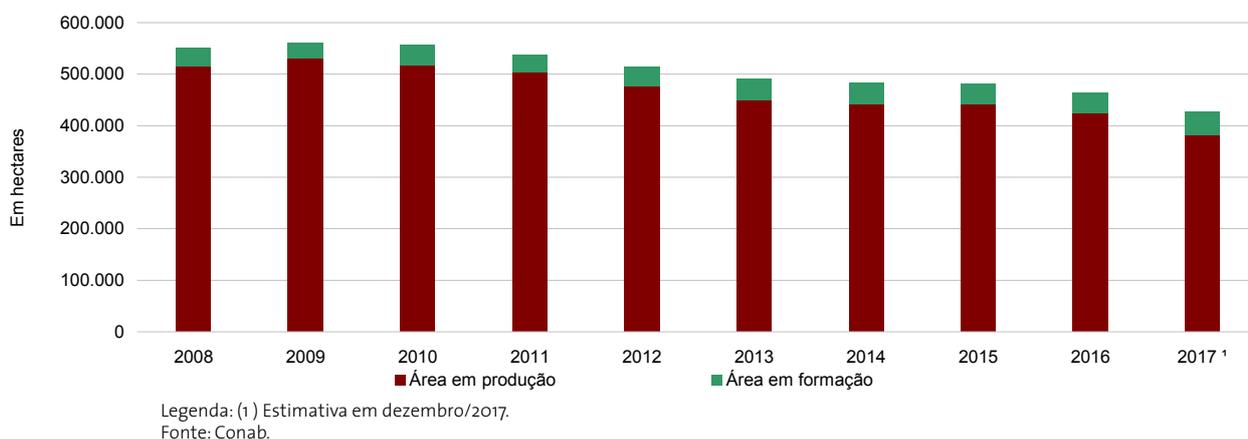
Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Apesar de também sofrer influência da bialidade de produção, normalmente ela ocorre com menor intensidade no café conilon devido às práticas de manejo. A área dessa espécie vem decrescendo a cada ano. Desde 2008 a área reduziu 125,2 mil hectares. A área em formação segue praticamente estável, em torno de 38 mil hectares a cada ano, sempre próxima de 8% da

área total. Este ano a estimativa é de redução de 36,74 mil hectares da cultura no país em relação a 2016. A maior queda ocorre no Espírito Santo, onde o forte estresse hídrico das duas últimas safras provocou a morte de muitas lavouras, já que não houve mudas disponíveis para replantio de toda a área planejada.

**Gráfico 7 – Área de café conilon no Brasil**



**Tabela 3 - Café conilon - Comparativo de área em formação, em produção e total**

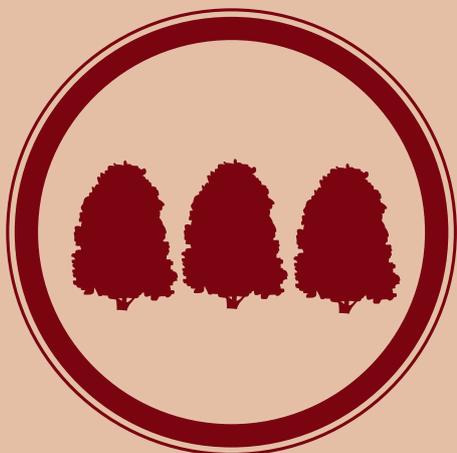
REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.991,0	9.243,1	32,2	88.699,4	75.218,8	(15,2)	95.690,4	84.461,9	(11,7)
RO	6.904,0	9.084,0	31,6	87.657,0	74.255,0	(15,3)	94.561,0	83.339,0	(11,9)
AM	66,0	71,1	7,7	429,4	503,8	17,3	495,4	574,9	16,0
PA	21,0	88,0	319,0	613,0	460,0	(25,0)	634,0	548,0	(13,6)
NORDESTE	2.722,0	2.351,0	(13,6)	45.892,0	46.770,0	1,9	48.614,0	49.121,0	1,0
BA	2.722,0	2.351,0	(13,6)	45.892,0	46.770,0	1,9	48.614,0	49.121,0	1,0
Atlântico	2.722,0	2.351,0	(13,6)	45.892,0	46.770,0	1,9	48.614,0	49.121,0	1,0
CENTRO-OESTE	1.577,0	2.123,0	34,6	14.123,0	9.518,0	(32,6)	15.700,0	11.641,0	(25,9)
MT	1.577,0	2.123,0	34,6	14.123,0	9.518,0	(32,6)	15.700,0	11.641,0	(25,9)
SUDESTE	27.486,0	31.695,0	15,3	272.764,0	248.426,0	(8,9)	300.250,0	280.121,0	(6,7)
MG	1.147,0	645,0	(43,8)	12.732,0	13.011,0	2,2	13.879,0	13.656,0	(1,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	746,0	419,0	(43,8)	8.276,0	8.457,0	2,2	9.022,0	8.876,0	(1,6)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	401,0	226,0	(43,6)	4.456,0	4.554,0	2,2	4.857,0	4.780,0	(1,6)
ES	26.339,0	31.050,0	17,9	260.032,0	235.415,0	(9,5)	286.371,0	266.465,0	(7,0)
OUTROS (*)	235,0	-	(100,0)	3.244,6	1.652,0	(49,1)	3.479,6	1.652,0	(52,5)
NORTE/NORDESTE	9.713,0	11.594,1	19,4	134.591,4	121.988,8	(9,4)	144.304,4	133.582,9	(7,4)
CENTRO-SUL	29.063,0	33.818,0	16,4	286.887,0	257.944,0	(10,1)	315.950,0	291.762,0	(7,7)
BRASIL	39.011,0	45.412,1	16,4	424.723,0	381.584,8	(10,2)	463.734,0	426.996,9	(7,9)
OUTROS (*)	406,0	399,0	(1,7)	9.206,0	6.293,0	(31,6)	9.612,0	6.692,0	(30,4)
NORTE/NORDESTE	9.686,0	10.575,0	9,2	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.446,0	(7,1)
CENTRO-SUL	223.683,5	288.533,0	29,0	1.412.887,6	1.383.187,0	(2,1)	1.636.571,1	1.671.720,0	2,1
BRASIL	233.775,5	299.507,0	28,1	1.525.954,6	1.484.351,0	(2,7)	1.759.730,1	1.783.858,0	1,4

Legenda: (\*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.





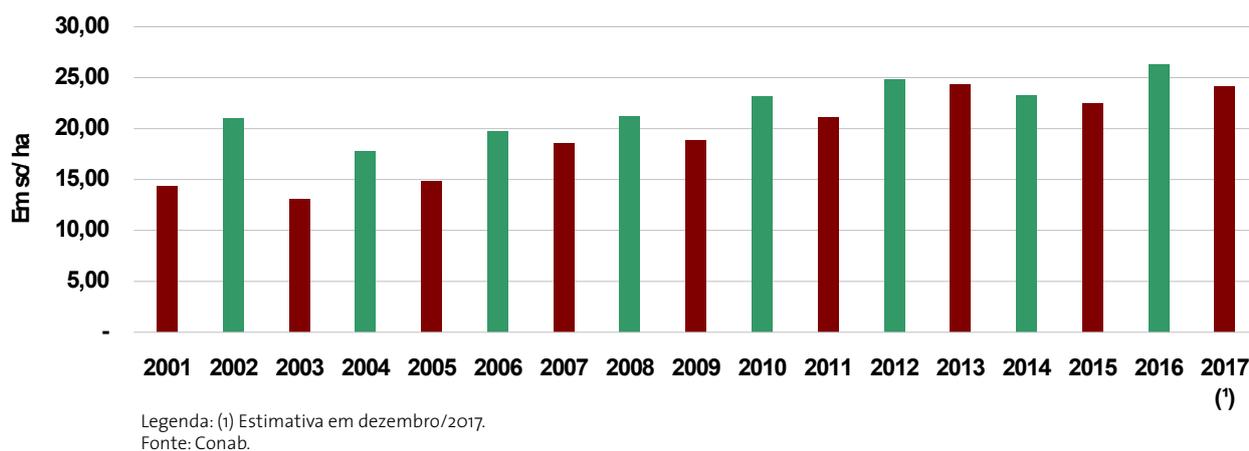
## 4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

### 4.1. PRODUTIVIDADE TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A produtividade na safra 2017 é estimada em 24,1 sc/ha, equivalendo a uma redução de 8,5% em relação à safra passada. As maiores reduções deverão ocorrer em Minas Gerais e em São Paulo, principais regiões produtoras onde predomina o cultivo de arábica, sendo que a bienalidade é negativa nessa safra.

Esse ciclo bienal consiste na alternância de um ano com grande florada dos cafeeiros, seguido por outro ano com florada menos intensa. Isso é uma característica natural dessa cultura perene, ocasionada pelo esgotamento da planta, uma vez que no ano negativo ela se recupera para produzir melhor no ano subsequente.

**Gráfico 8 – Produtividade de café total (arábica e conilon) no Brasil**



O manejo adequado e pacote tecnológico elevado, utilizado pelos produtores, tem levado, ao longo dos anos, numa diminuição da diferença entre as produtividades de ciclo positivo e negativo, como pode ser percebido entre 2001 e 2013. Contudo, uma adversida-

de climática pode alterar o ciclo bienal, como ocorreu em 2014 que, apesar de ser uma safra positiva, a forte restrição hídrica fez com que a produtividade fosse inferior ao ano anterior.

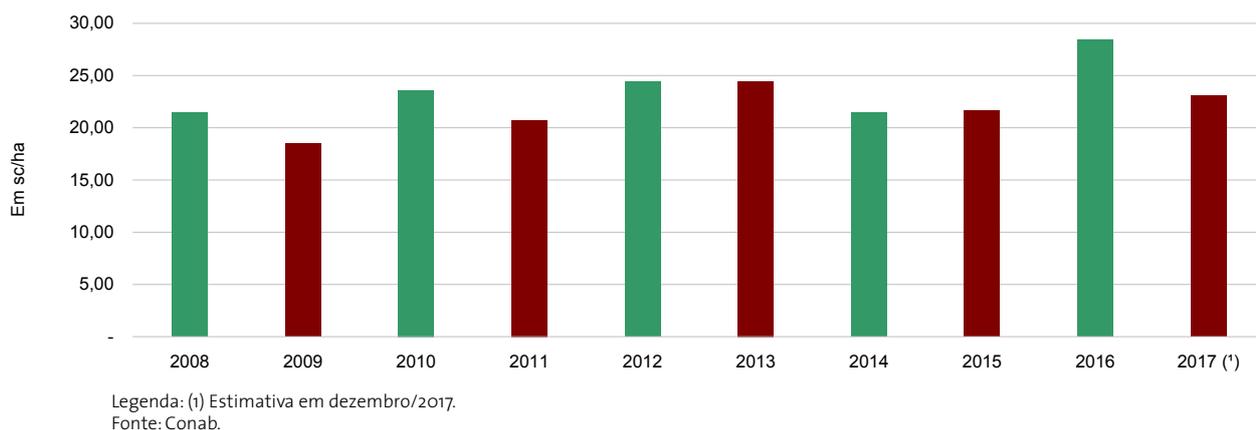
## 4.2. PRODUTIVIDADE DE ARÁBICA

O arábica, espécie mais influenciada pelo ciclo bienal, teve, nessa safra, uma bienalidade negativa. A estimativa é que a produtividade seja de 23,07 sc/ha.

de 2013 inverteu a bienalidade, ou seja, este ano ela será positiva. A zona da mata mineira também será influenciada pela bienalidade positiva, fato já consumado há anos.

Há algumas exceções como no Paraná, onde a geada

**Gráfico 9 – Produtividade de café arábica no Brasil**



### 4.3. PRODUTIVIDADE DE CONILON

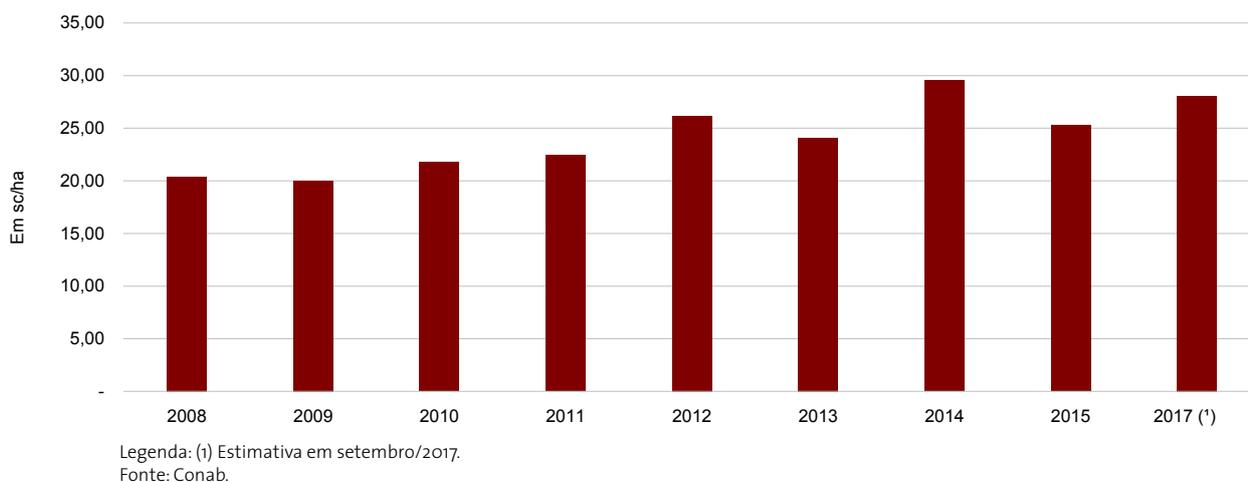
O café conilon é uma espécie mais rústica e, por isso, possui vantagens sobre o arábica. Além de ser mais resistente a pragas e doenças que o arábica, consegue tolerar temperaturas mais elevadas e deficiência hídrica. Além disso, as produtividades são mais elevadas.

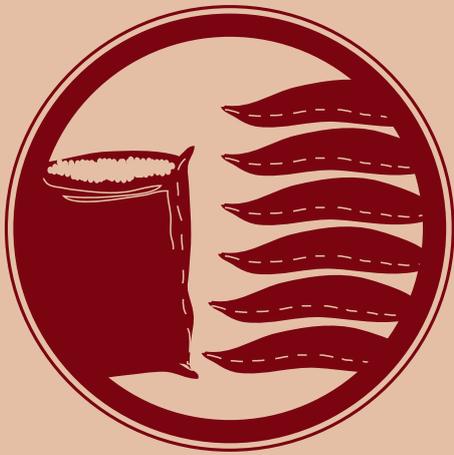
O Espírito Santo produziu 63% do café conilon do país em 2016 e, por isso, as variações que ocorrem naquele estado influenciam a média nacional. O estado sofreu

a influência de chuvas abaixo da média em duas safras consecutivas. O decréscimo significativo da produtividade de café conilon em 2015 e 2016 se deve à seca e à má distribuição de chuvas, principalmente nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, além da falta de águas nos mananciais para irrigação.

A estimativa é de recuperação de parte do potencial de produtividade dessa espécie em 2017, com produtividade média brasileira se situando em 28,1 sc/ha, produtividade de 49,4% superior à safra 2016.

**Gráfico 10 – Produtividade de café conilon no Brasil**





## 5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

### 5.1. PRODUÇÃO TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

**A** estimativa de produção de café arábica e conilon em 2017 é que o país colha 44,97 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. O resultado representa redução de 12,5%, quando comparado com a produção de 51,37 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior.

**Tabela 4 – Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em produção, produtividade e produção**

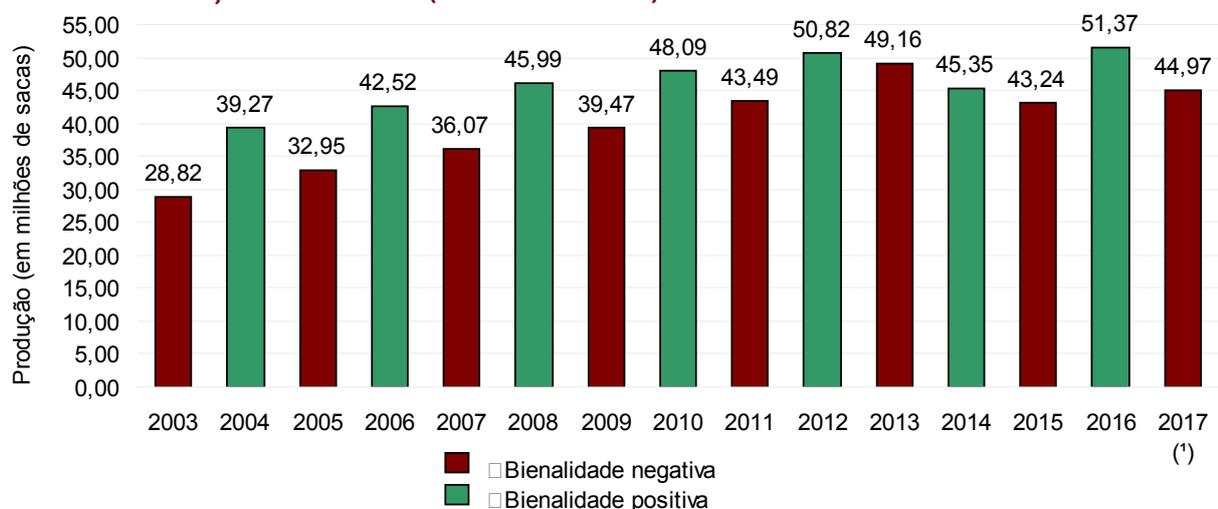
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil/sc)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88.699,4	75.218,8	(15,2)	18,51	25,95	40,2	1.642,0	1.952,1	18,9
RO	87.657,0	74.255,0	(15,3)	18,56	26,10	40,6	1.626,9	1.938,2	19,1
AM	429,4	503,8	17,3	13,97	14,89	6,5	6,0	7,5	25,0
PA	613,0	460,0	(25,0)	14,85	13,91	(6,3)	9,1	6,4	(29,7)
NORDESTE	149.753,0	141.641,0	(5,4)	13,98	23,71	69,6	2.093,3	3.358,0	60,4
BA	149.753,0	141.641,0	(5,4)	13,98	23,71	69,6	2.093,3	3.358,0	60,4
Cerrado	11.328,0	9.670,0	(14,6)	30,51	29,78	(2,4)	345,6	288,0	(16,7)
Planalto	92.533,0	85.201,0	(7,9)	9,96	8,10	(18,7)	921,6	690,0	(25,1)
Atlântico	45.892,0	46.770,0	1,9	18,00	50,89	182,7	826,1	2.380,0	188,1
CENTRO-OESTE	19.819,6	15.079,0	(23,9)	17,77	18,68	5,1	352,2	281,7	(20,0)
MT	14.193,0	9.563,0	(32,6)	8,83	9,57	8,3	125,4	91,5	(27,0)
GO	5.626,6	5.516,0	(2,0)	40,31	34,48	(14,5)	226,8	190,2	(16,1)
SUDESTE	1.633.795,0	1.579.982,0	(3,3)	28,20	24,10	(14,5)	46.069,9	38.071,1	(17,4)
MG	1.009.481,0	980.762,0	(2,8)	30,44	24,92	(18,1)	30.724,1	24.445,3	(20,4)
Sul e Centro-Oeste	524.220,0	496.493,0	(5,3)	31,72	27,56	(13,1)	16.627,7	13.684,2	(17,7)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	183.076,0	169.867,0	(7,2)	40,43	21,54	(46,7)	7.401,6	3.658,3	(50,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	269.593,0	281.905,0	4,6	22,56	22,99	1,9	6.081,9	6.481,1	6,6
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	32.592,0	32.497,0	(0,3)	18,81	19,13	1,7	612,9	621,7	1,4
ES	410.057,0	385.538,0	(6,0)	21,87	22,99	5,1	8.967,4	8.865,0	(1,1)
RJ	13.022,0	13.053,0	0,2	26,68	26,74	0,2	347,4	349,0	0,5
SP	201.235,0	200.629,0	(0,3)	29,97	21,99	(26,6)	6.031,0	4.411,8	(26,8)
SUL	46.160,0	46.070,0	(0,2)	22,68	26,26	15,8	1.047,0	1.210,0	15,6
PR	46.160,0	46.070,0	(0,2)	22,68	26,26	15,8	1.047,0	1.210,0	15,6
OUTROS	12.450,6	7.945,0	(36,2)	13,24	12,22	(7,7)	164,8	97,1	(41,1)
NORTE/NORDESTE	238.452,4	216.859,8	(9,1)	15,66	24,49	56,3	3.735,3	5.310,1	42,2
CENTRO-SUL	1.699.774,6	1.641.131,0	(3,5)	27,93	24,11	(13,7)	47.469,1	39.562,8	(16,7)
<b>BRASIL</b>	<b>1.950.677,6</b>	<b>1.865.935,8</b>	<b>(4,3)</b>	<b>26,33</b>	<b>24,10</b>	<b>(8,5)</b>	<b>51.369,2</b>	<b>44.970,0</b>	<b>(12,5)</b>

Legenda: (\*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

**Gráfico 11 – Produção de café total (arábica e conilon) no Brasil**

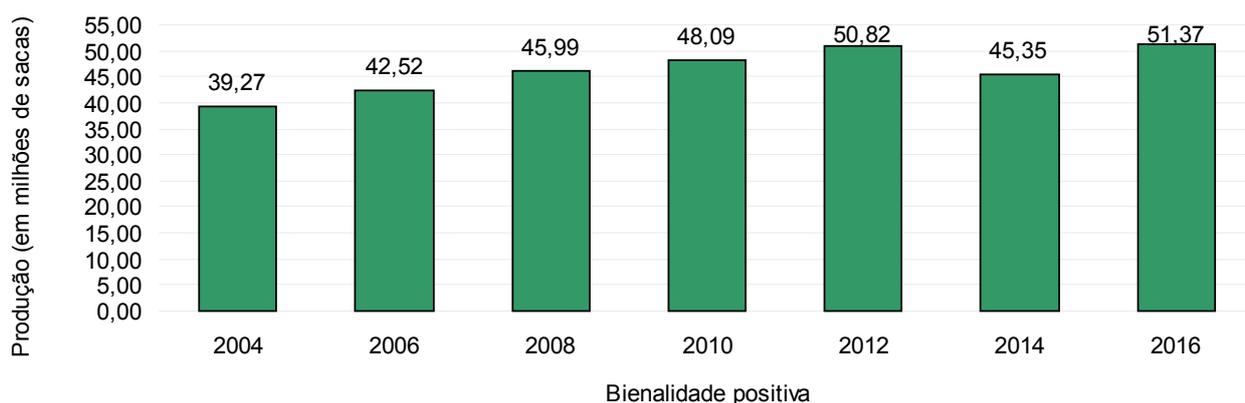


Legenda: (i) Estimativa em dezembro/2017.

Fonte: Conab.

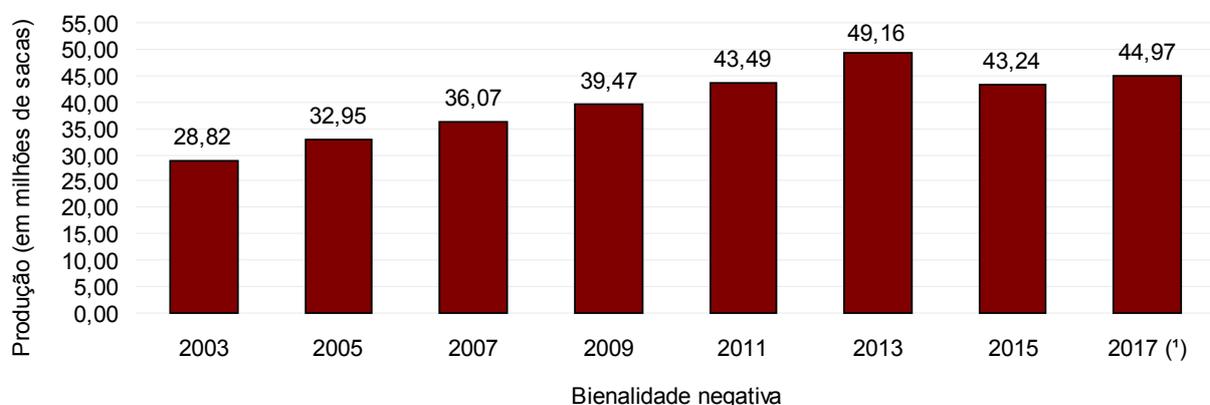


**Gráfico 12 – Produção de café total (arábica e conilon) no Brasil – Anos de bienalidade positiva**



Legenda: (1) Estimativa em dezembro/2017.  
Fonte: Conab.

**Gráfico 13 – Produção de café total (arábica e conilon) no Brasil – Anos de bienalidade negativa**



Legenda: (1) Estimativa em dezembro/2017.  
Fonte: Conab.

## 5.2. PRODUÇÃO DE ARÁBICA

O café arábica representa 76% da produção total (arábica e conilon) de café do país. Para essa safra, de ciclo de bienalidade negativa, estima-se que a produção seja de 34,25 milhões sacas. Tal resultado representa redução de 21,1%.

Em Minas Gerais, maior estado produtor dessa espécie, o resultado do presente levantamento sinaliza

uma redução da produção de 20,8%, quando comparado à safra passada devido, principalmente, à bienalidade negativa das maiores regiões produtoras do estado, com exceção da Zona da Mata, que apresenta bienalidade invertida com relação ao restante do estado. A produção deve totalizar 24,1 milhões de sacas na safra 2017.



**Tabela 5 – Café arábica - Comparativo de área em produção, produtividade e produção**

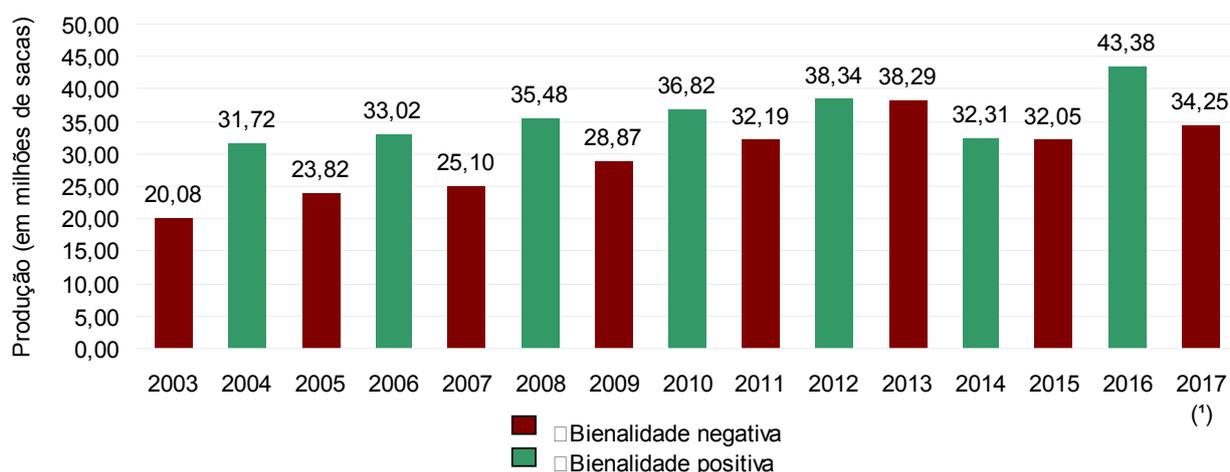
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil/sc)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	103.861,0	94.871,0	(8,7)	12,20	10,31	(15,5)	1.267,2	978,0	(22,8)
BA	103.861,0	94.871,0	(8,7)	12,20	10,31	(15,5)	1.267,2	978,0	(22,8)
Cerrado	11.328,0	9.670,0	(14,6)	35,74	29,78	(16,7)	345,6	288,0	(16,7)
Planalto	92.533,0	85.201,0	(7,9)	9,96	8,10	(18,7)	921,6	690,0	(25,1)
CENTRO-OESTE	5.696,6	5.561,0	(2,4)	40,04	34,40	(14,1)	228,1	191,3	(16,1)
MT	70,0	45,0	(35,7)	18,29	24,44	33,7	1,3	1,1	(14,1)
GO	5.626,6	5.516,0	(2,0)	40,31	34,48	(14,5)	226,8	190,2	(16,1)
SUDESTE	1.361.031,0	1.331.556,0	(2,2)	29,93	23,89	(20,2)	40.738,4	31.812,4	(21,9)
MG	996.749,0	967.751,0	(2,9)	30,53	24,90	(18,4)	30.427,9	24.101,6	(20,8)
Sul e Centro-Oeste	524.220,0	496.493,0	(5,3)	31,72	27,56	(13,1)	16.627,7	13.684,2	(17,7)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	183.076,0	169.867,0	(7,2)	40,43	21,54	(46,7)	7.401,6	3.658,3	(50,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	261.317,0	273.448,0	4,6	22,54	22,88	1,5	5.889,4	6.257,7	6,3
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	28.136,0	27.943,0	(0,7)	18,10	17,94	(0,9)	509,2	501,4	(1,5)
ES	150.025,0	150.123,0	0,1	26,21	19,65	(25,0)	3.932,1	2.950,0	(25,0)
RJ	13.022,0	13.053,0	0,2	26,68	26,74	0,2	347,4	349,0	0,5
SP	201.235,0	200.629,0	(0,3)	29,97	21,99	(26,6)	6.031,0	4.411,8	(26,8)
SUL	46.160,0	46.070,0	(0,2)	22,68	26,26	15,8	1.047,0	1.210,0	15,6
PR	46.160,0	46.070,0	(0,2)	22,68	26,26	15,8	1.047,0	1.210,0	15,6
OUTROS (*)	9.206,0	6.293,0	(31,6)	11,03	9,12	(17,3)	101,5	57,4	(43,4)
NORTE/NORDESTE	103.861,0	94.871,0	(8,7)	12,20	10,31	(15,5)	1.267,2	978,0	(22,8)
CENTRO-SUL	1.412.887,6	1.383.187,0	(2,1)	29,74	24,01	(19,2)	42.013,5	33.213,7	(20,9)
<b>BRASIL</b>	<b>1.525.954,6</b>	<b>1.484.351,0</b>	<b>(2,7)</b>	<b>28,43</b>	<b>23,07</b>	<b>(18,8)</b>	<b>43.382,2</b>	<b>34.249,1</b>	<b>(21,1)</b>

Legenda: (\*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

**Gráfico 14 – Produção de café arábica no Brasil**

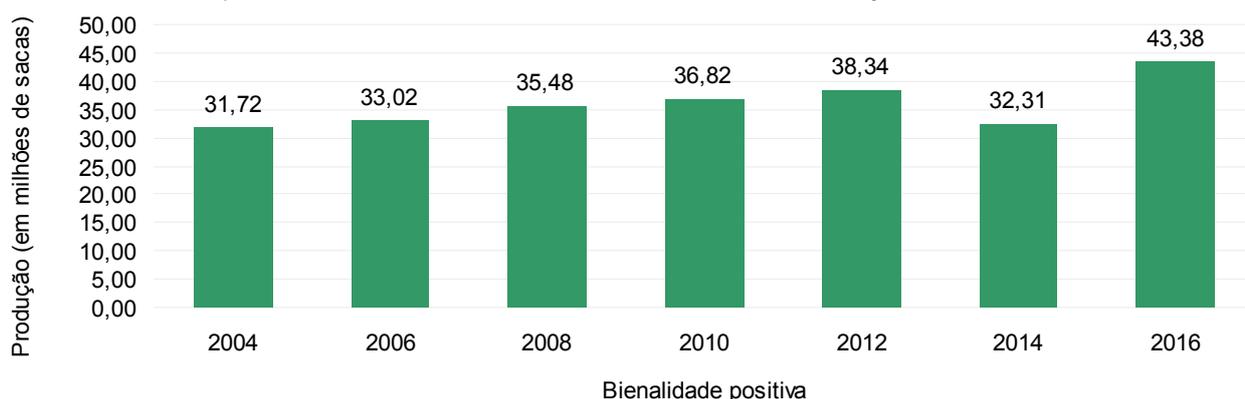


Legenda: (1) Estimativa em dezembro/2017.

Fonte: Conab.

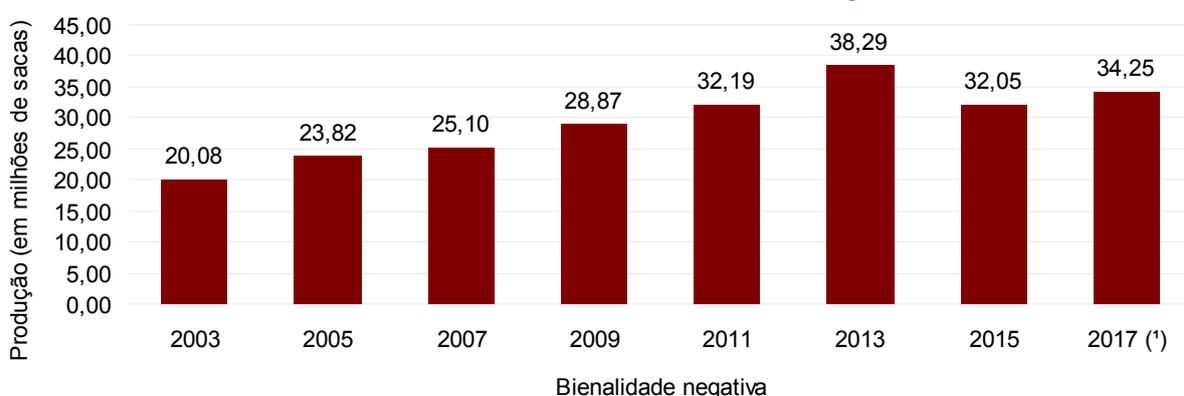


**Gráfico 15 – Produção de café arábica no Brasil – Anos de bienalidade positiva**



Legenda: (1) Estimativa em dezembro/2017.  
Fonte: Conab.

**Gráfico 16 – Produção de café arábica no Brasil – Anos de bienalidade negativa**



Legenda: (1) Estimativa em dezembro/2017.  
Fonte: Conab.

### 5.3. PRODUÇÃO DE CONILON

A produção de conilon representa 24% da produção total (arábica e conilon), estimada em 10,72 milhões de sacas, representando um crescimento de 34,2% sobre a safra 2016. Esse resultado se deve, sobretudo, à recuperação da produtividade no Espírito Santo, Bahia e Rondônia, bem como ao processo de maior utilização de tecnologias como o plantio de café clonal e ao maior investimento nas lavouras.

No Espírito Santo, maior produtor de conilon, nos últimos três anos com o baixo índice pluviométrico, houve diminuição da área em produção devido ao esgotamento das barragens, rios, córregos e à proibição do uso da irrigação, resultando em estresse severo das

plantas que, em quantidade anormal, foram recepa-das ou arrancadas. Essa situação interrompeu uma sequência contínua de aumento na produção de café no estado. A produção de 9,95 milhões de sacas obtida em 2014 caiu para 5,04 milhões em 2016.

A partir do final de 2016, no geral, melhoraram as condições climáticas nas regiões produtoras de conilon do Espírito Santo. Em virtude da adaptação, associada ao uso de tecnologias e empreendedorismo do produtor, as lavouras de conilon estão passando por um processo de recuperação da seca e de revigoramento, com resposta positiva na produção da safra 2017.



**Tabela 6 – Café conilon - Comparativo de área em produção, produtividade e produção**

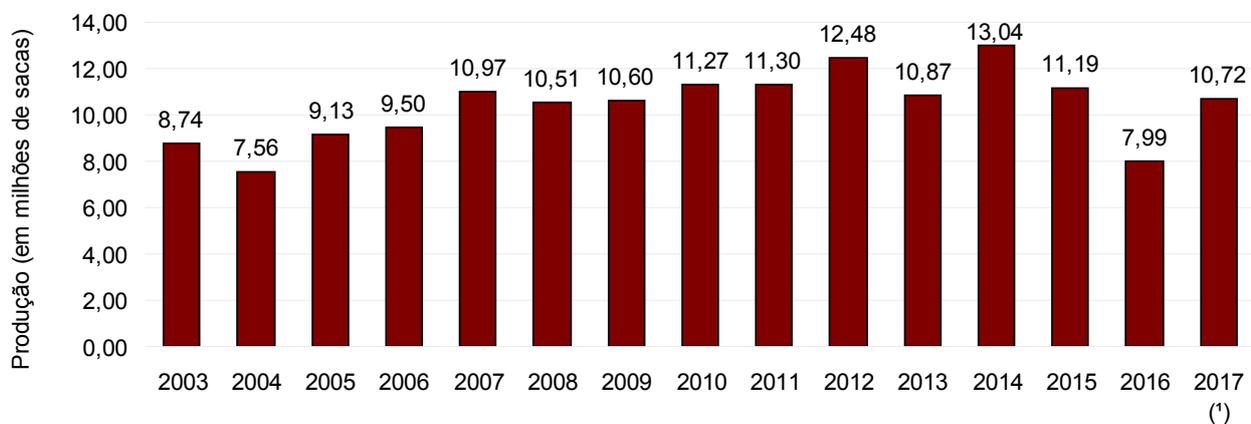
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil/sc)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88.699,4	75.218,8	(15,2)	18,51	25,95	40,2	1.642,0	1.952,1	18,9
RO	87.657,0	74.255,0	(15,3)	18,56	26,10	40,6	1.626,9	1.938,2	19,1
AM	429,4	503,8	17,3	13,97	14,89	6,5	6,0	7,5	25,0
PA	613,0	460,0	(25,0)	14,85	13,91	(6,3)	9,1	6,4	(29,7)
NORDESTE	45.892,0	46.770,0	1,9	18,00	50,89	182,7	826,1	2.380,0	188,1
BA	45.892,0	46.770,0	1,9	18,00	50,89	182,7	826,1	2.380,0	188,1
Atlântico	45.892,0	46.770,0	1,9	18,00	50,89	182,7	826,1	2.380,0	188,1
CENTRO-OESTE	14.123,0	9.518,0	(32,6)	8,79	9,50	8,1	124,1	90,4	(27,2)
MT	14.123,0	9.518,0	(32,6)	8,79	9,50	8,1	124,1	90,4	(27,2)
SUDESTE	272.764,0	248.426,0	(8,9)	19,55	25,19	28,9	5.331,5	6.258,7	17,4
MG	12.732,0	13.011,0	2,2	23,26	26,42	13,5	296,2	343,7	16,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.276,0	8.457,0	2,2	23,26	26,42	13,6	192,5	223,4	16,1
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.456,0	4.554,0	2,2	23,27	26,42	13,5	103,7	120,3	16,0
ES	260.032,0	235.415,0	(9,5)	19,36	25,13	29,8	5.035,3	5.915,0	17,5
OUTROS (*)	3.244,6	1.652,0	(49,1)	19,51	24,03	23,2	63,3	39,7	(37,3)
NORTE/NORDESTE	134.591,4	121.988,8	(9,4)	18,34	35,51	93,7	2.468,1	4.332,1	75,5
CENTRO-SUL	286.887,0	257.944,0	(10,1)	19,02	24,61	29,4	5.455,6	6.349,1	16,4
<b>BRASIL</b>	<b>424.723,0</b>	<b>381.584,8</b>	<b>(10,2)</b>	<b>18,81</b>	<b>28,10</b>	<b>49,4</b>	<b>7.987,0</b>	<b>10.720,9</b>	<b>34,2</b>

Legenda: (\*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

**Gráfico 17 – Produção de café conilon no Brasil**



Legenda: (1) Estimativa em dezembro/2017.

Fonte: Conab.



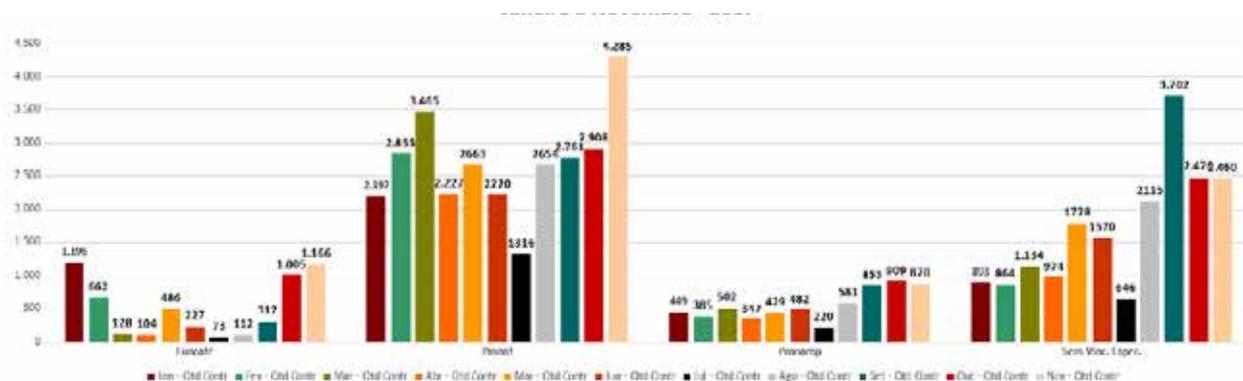


## 6. CRÉDITO RURAL

As linhas de crédito rural para custeio de café no primeiro quadrimestre contabilizaram 36.155 operações, representando um montante de R\$ 2,48 bilhão. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) foi o programa onde ocorreu a maior quantidade de contratos 19.744, seguido por aqueles sem vínculo específico 10.017. Funcafé (Fundo de Defesa da Economia Cafeeira) e Pronamp (Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural) reunidos, somaram 6.394 operações.

As atividades inseridas no Programa Sem Vínculo Específico, representaram no quadrimestre 527% dos recursos disponíveis, totalizando R\$ 1,3 bilhão. O Pronamp, vem em seguida, representando 20% do total, com R\$ 496,7 milhões. O Pronaf, com 18% do total e R\$ 448,8 milhões. O Funcafé somou 10% das operações e recursos de R\$ 236,1 milhões.

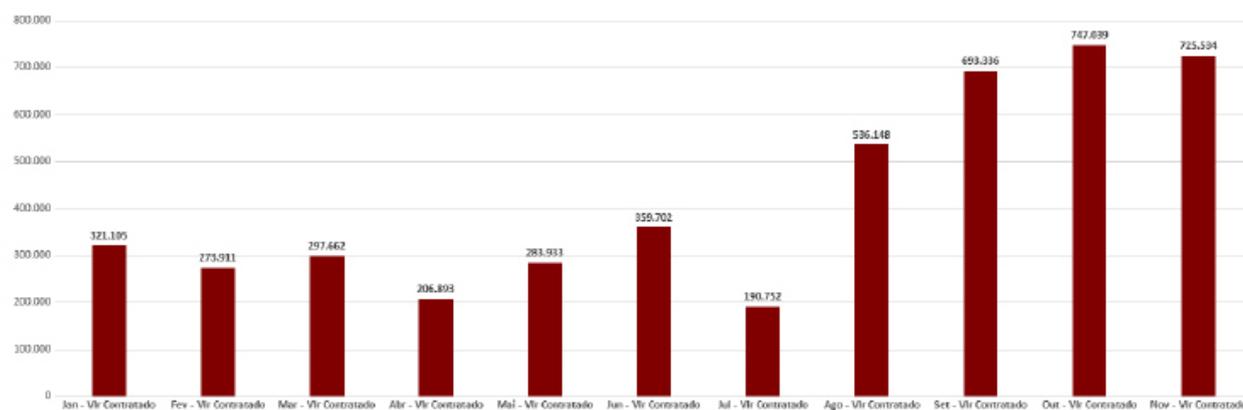
Gráfico 18 – Total de contratos de custeio de café – 2017



Fonte: Bacen/Conab.

Nota: com possíveis alterações contratuais em valor e quantidade, dados coletados mês a mês

Gráfico 19 – Valor total contratado de custeio de café – 2017



Fonte: Bacen.

Nota: Dados de janeiro a abril, passíveis de alterações.





## 7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

O monitoramento agrícola do café tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas, da produção agrícola nacional. Esse monitoramento é feito a partir do mapeamento das áreas de cultivo, que auxilia na quantificação da área plantada, no acompanhamento da dinâmica do uso do solo e na análise das condições meteorológicas, desde o início do florescimento até a conclusão da colheita. A condição para o desenvolvimento das lavouras, considerando a sua localização (mapeamentos) e as fases predominantes, são analisadas no monitoramento agrometeorológico e apresentadas no capítulo da avaliação por estado.

## 7.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No monitoramento agrometeorológico, dentre os parâmetros observados, destacam-se: a precipitação acumulada e a temperatura mínima média\* (decendial e mensal) e o desvio da precipitação e da temperatura máxima com relação à média histórica (anomalia). Para os principais estados produtores foi elaborada uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- Favorável: quando a precipitação e a temperatura são adequadas para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver, apenas, problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou

excesso de chuvas e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas;

- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

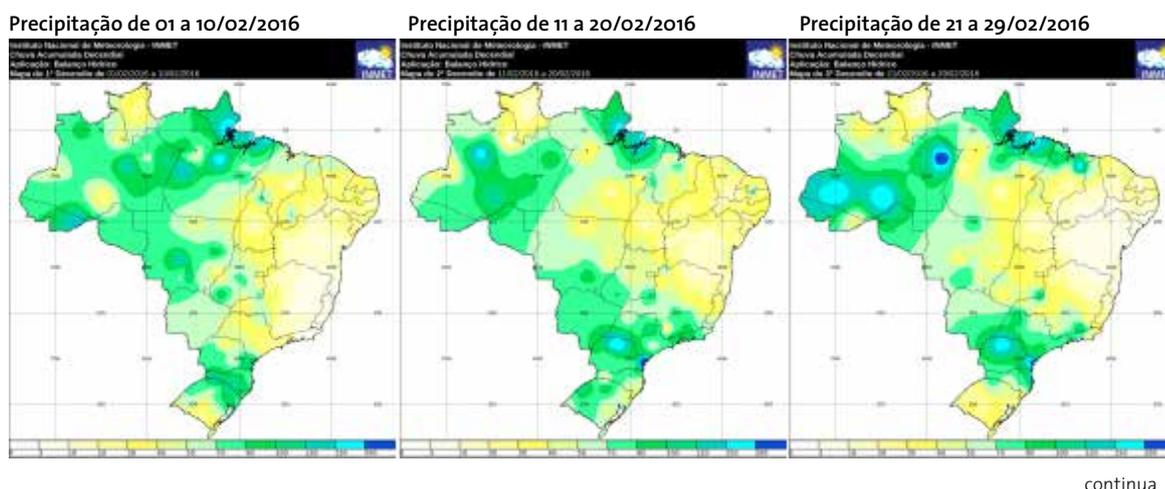
Cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

 Favorável	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição excesso de chuva	 Alta restrição excesso de chuva	 Média restrição temperaturas baixas
 Baixa restrição falta de chuva	 Alta restrição falta de chuva	 Média restrição excesso de chuva	 Baixa restrição temperaturas baixas	 Alta restrição temperaturas baixas

Nas figuras abaixo, verificam-se os dados utilizados no monitoramento da safra 2017, no período de agosto de 2016 - época de início da floração - a outubro de 2017 - quando se conclui a colheita. Para alguns estados, considerou-se também parte do período vegeta-

tivo (fevereiro a junho de 2016) e de repouso (julho e agosto de 2016), em função das adversidades climáticas ocorridas durante o desenvolvimento dos ramos produtivos da safra 2017.

**Figura 1 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em fevereiro de 2016**



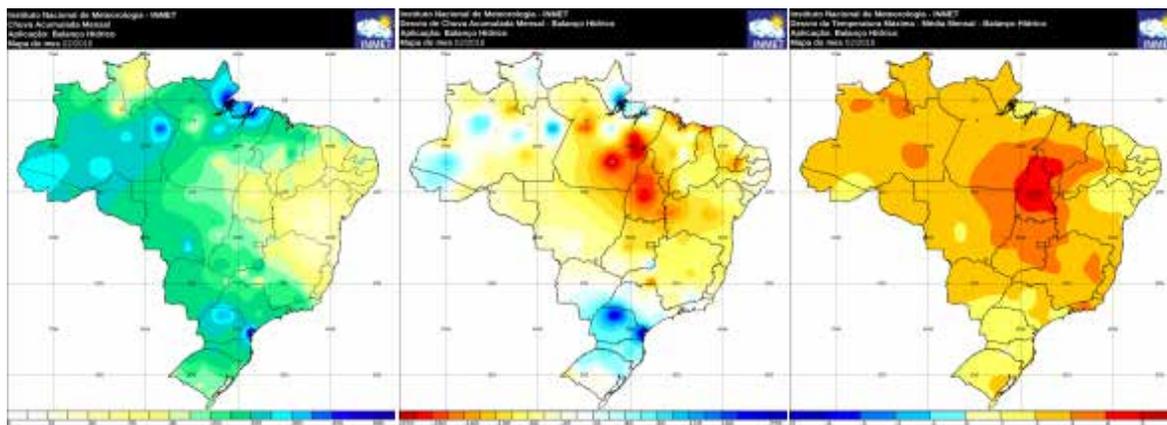
\*- dos meses com maior probabilidade de ocorrências de geadas – junho e julho.



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



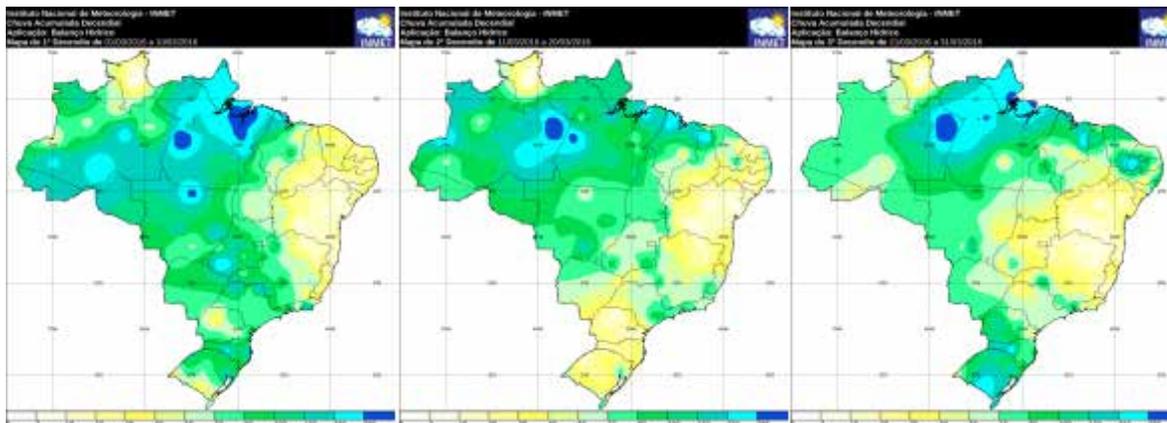
Fonte: Inmet.

Figura 2 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em março de 2016

Precipitação de 01 a 10/03/2016

Precipitação de 11 a 20/03/2016

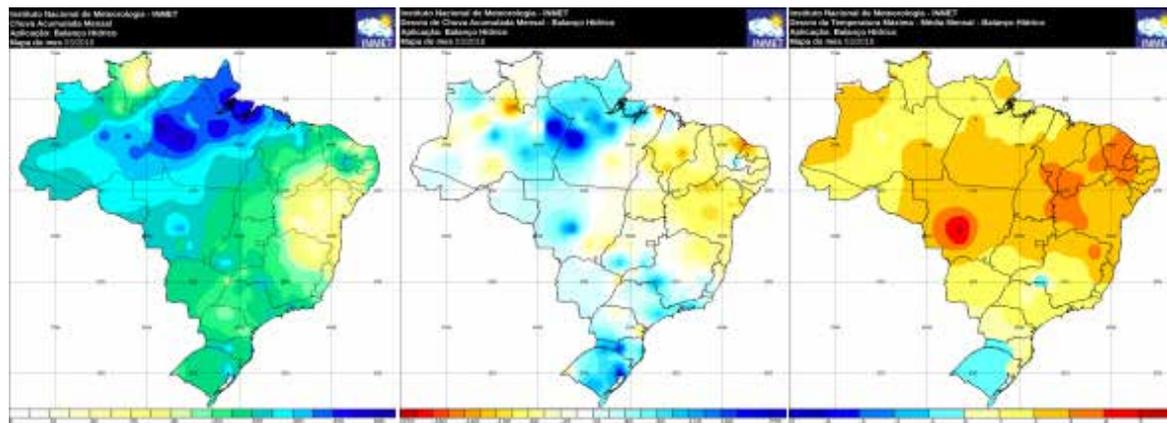
Precipitação de 21 a 31/03/2016



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

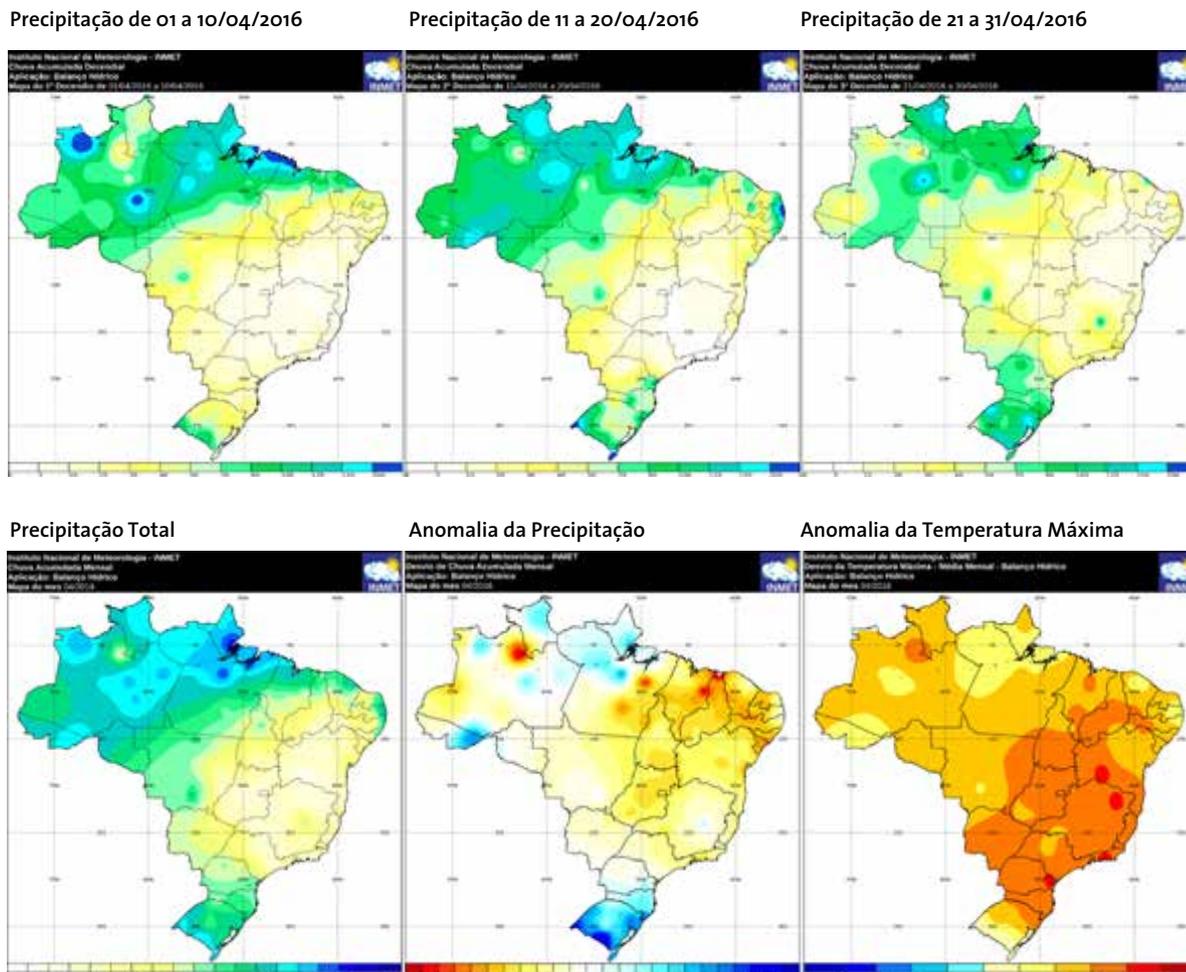
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.



**Figura 3 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em abril de 2016**



**Figura 4 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em maio de 2016**



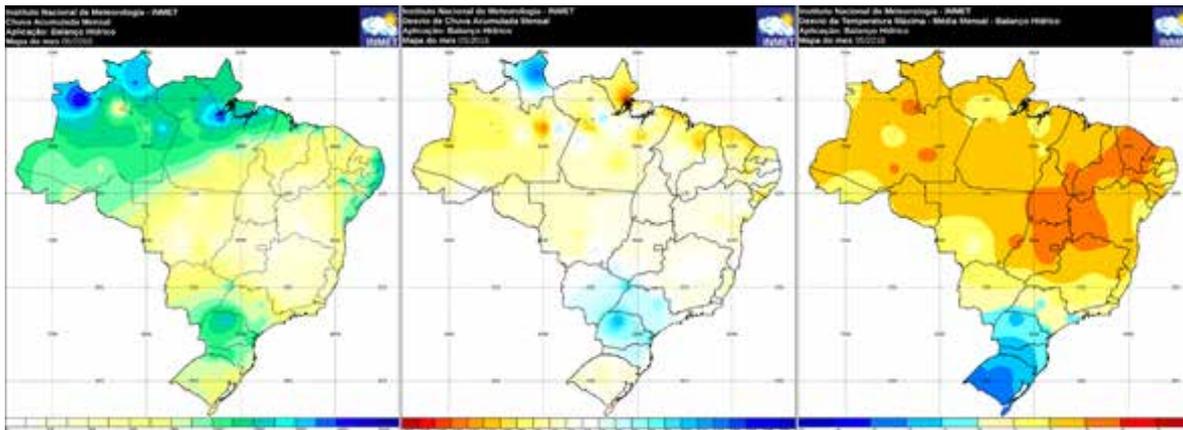
continua



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



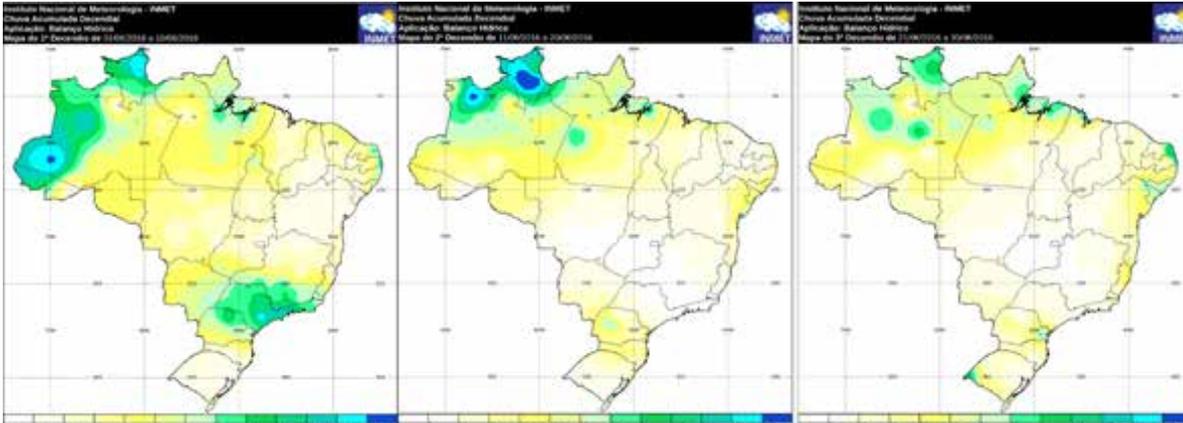
Fonte: Inmet.

Figura 5 - Precipitação e temperatura mínima média decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média, em junho de 2016

Precipitação de 01 a 10/06/2016

Precipitação de 11 a 20/06/2016

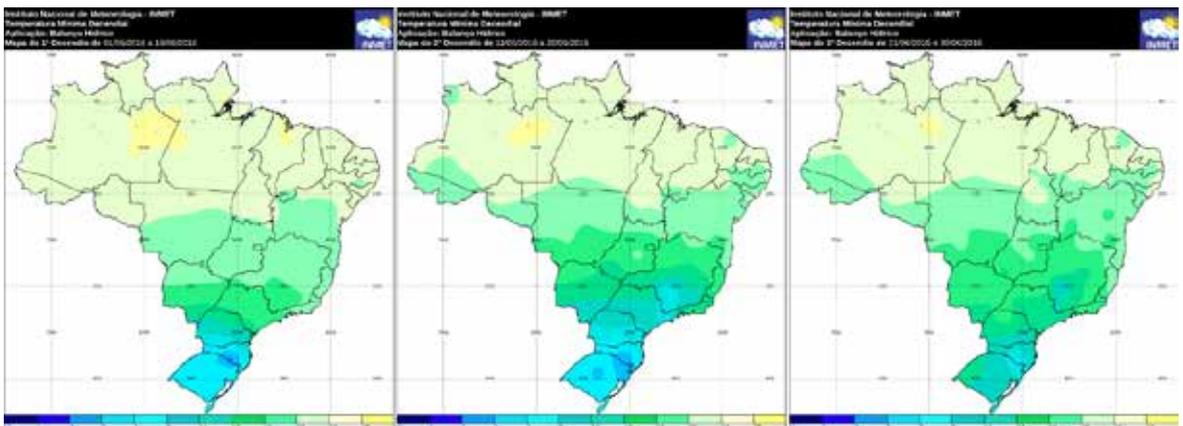
Precipitação de 21 a 31/06/2016



Temp. min. de 01 a 10/06/2016

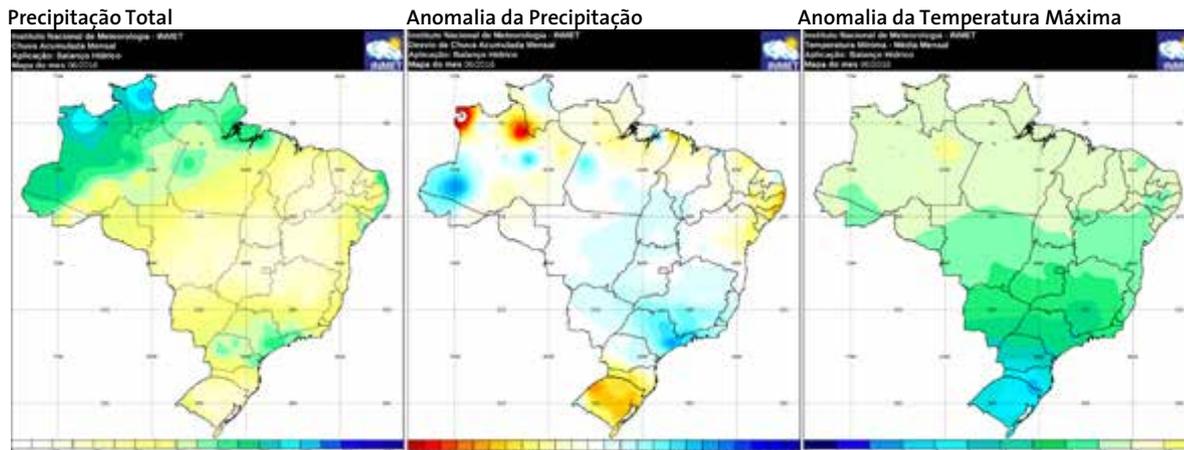
Temp. min. de 11 a 20/06/2016

Temp. min. de 21 a 30/06/2016



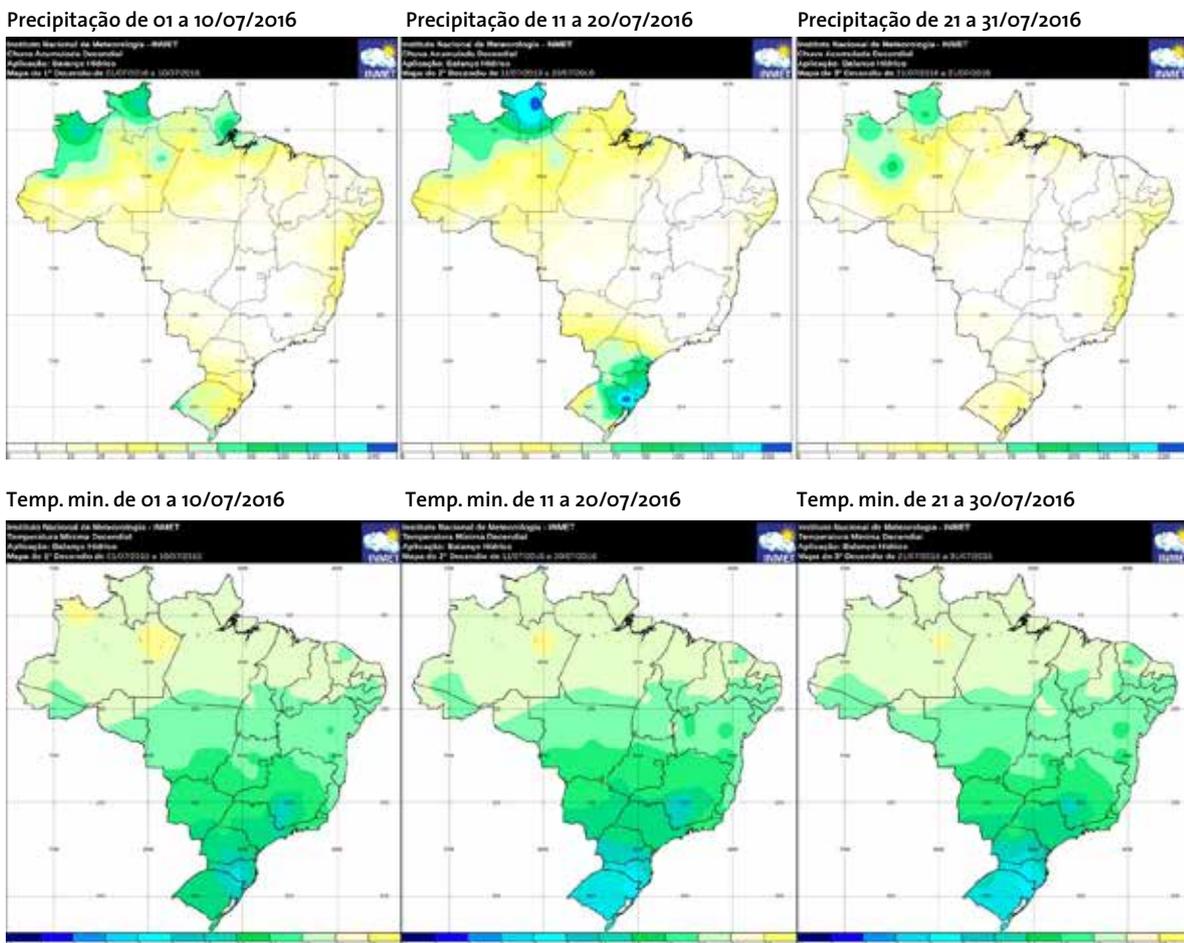
Fonte: Inmet.

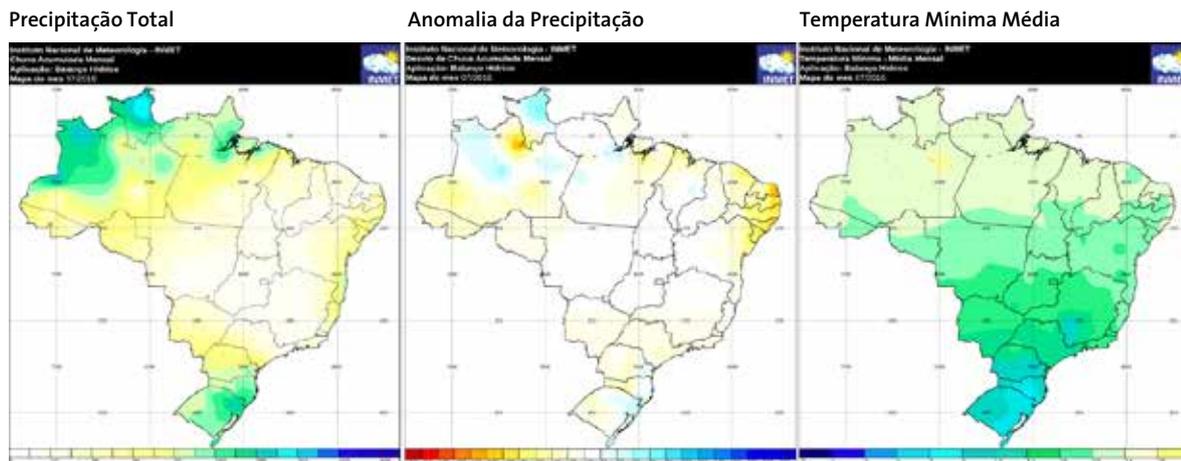




Fonte: Inmet.

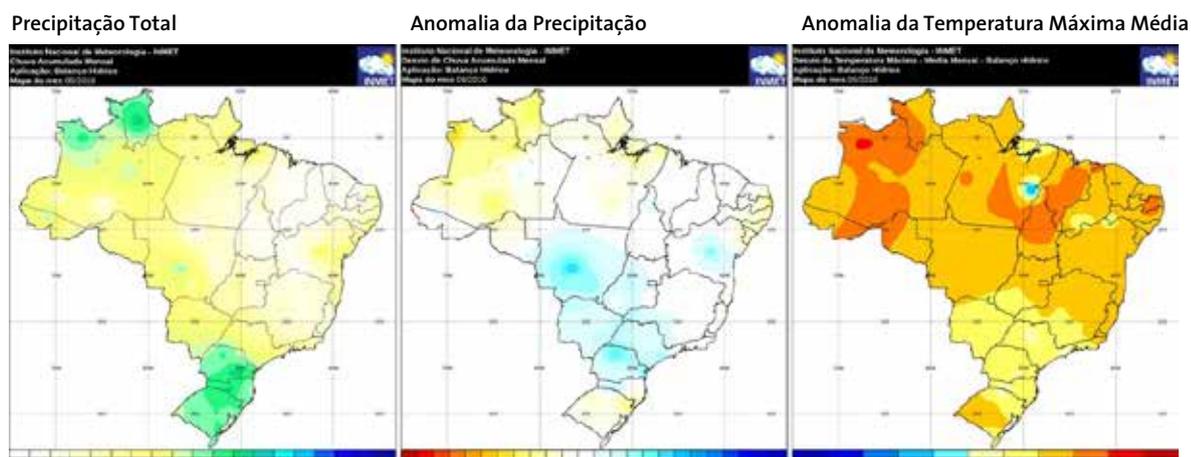
**Figura 6 – Precipitação e temperatura mínima média decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média, em julho de 2016**





Fonte: Inmet.

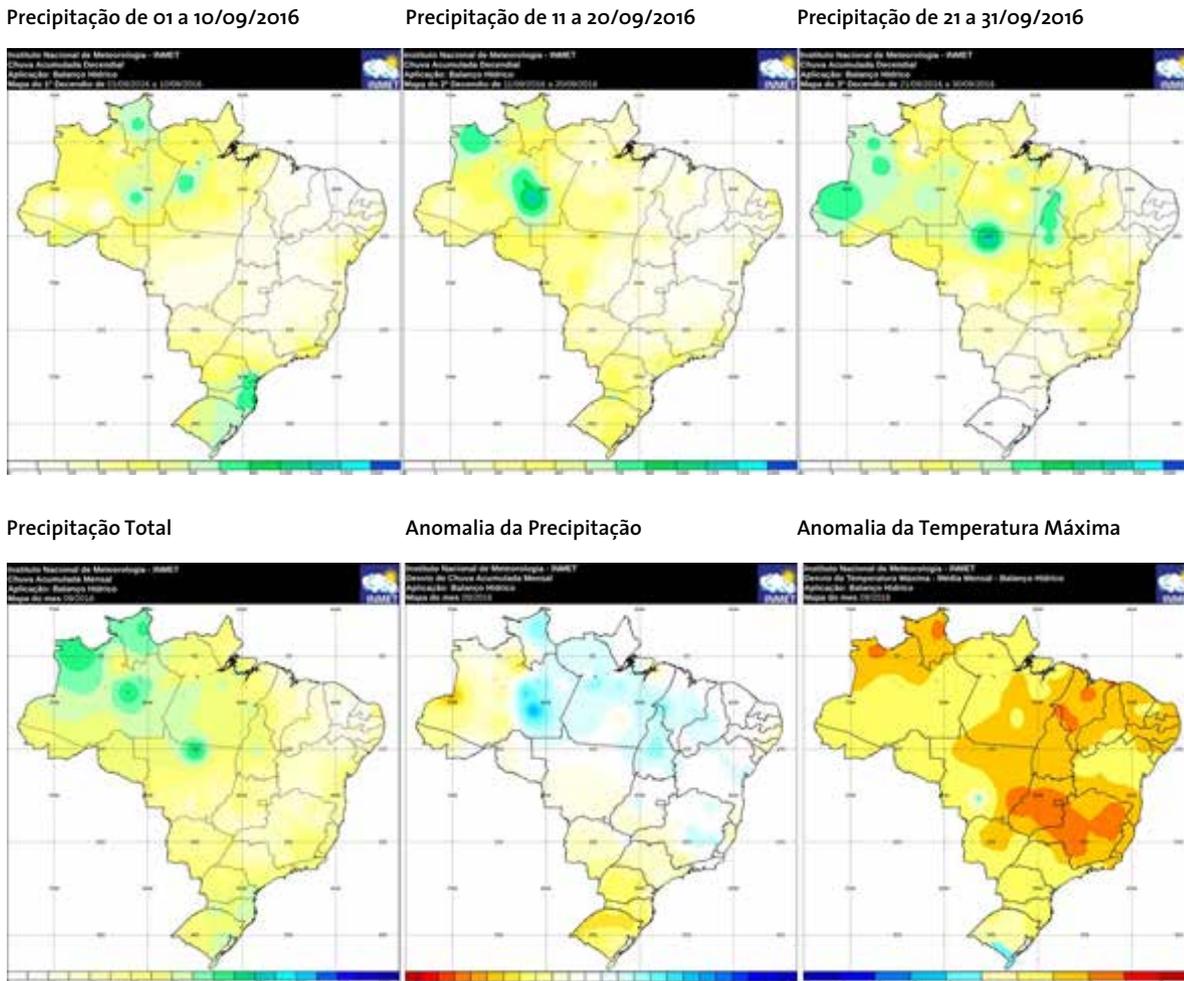
**Figura 7 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em agosto de 2016**



Fonte: Inmet.

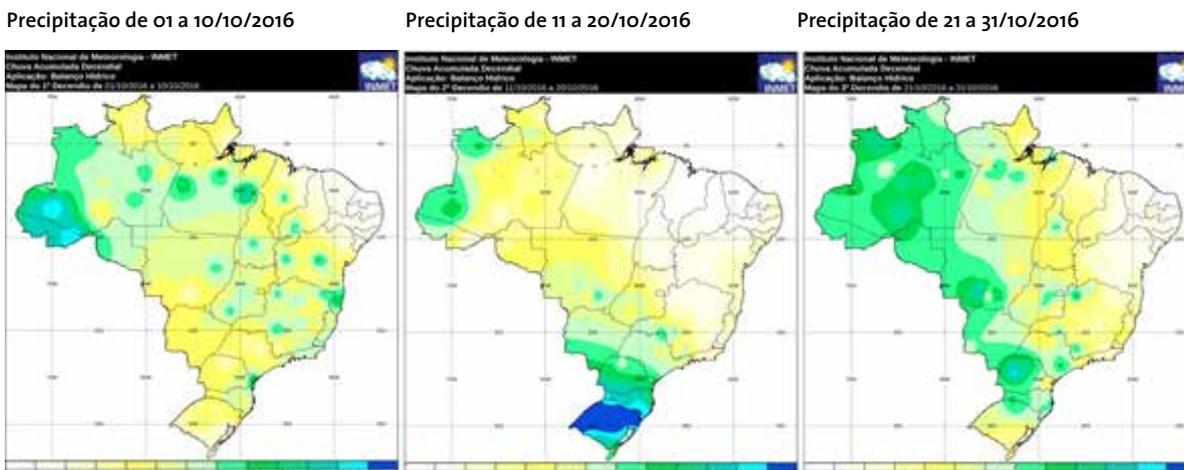


**Figura 8 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em setembro de 2016**



Fonte: Inmet.

**Figura 9 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em outubro de 2016**



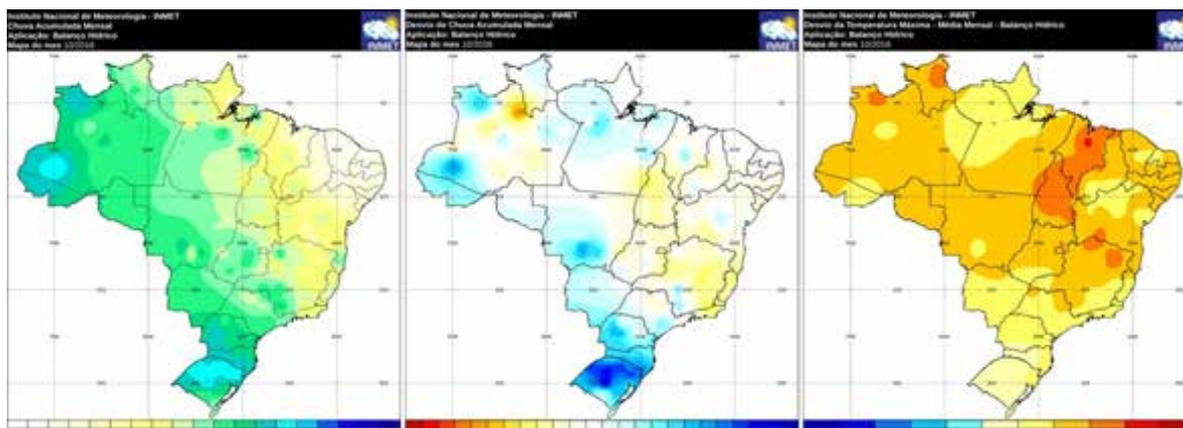
continua



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



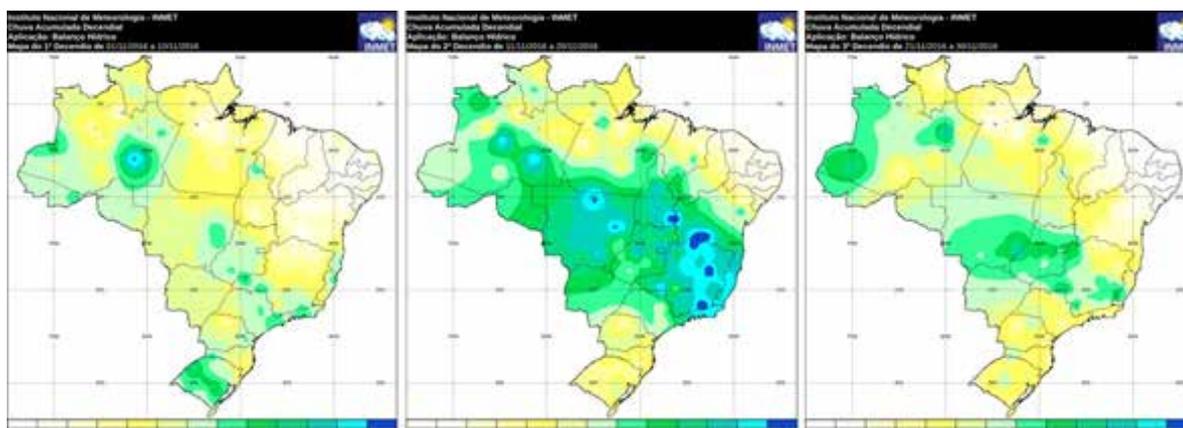
Fonte: Inmet.

Figura 10 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em novembro de 2016

Precipitação de 01 a 10/11/2016

Precipitação de 11 a 20/11/2016

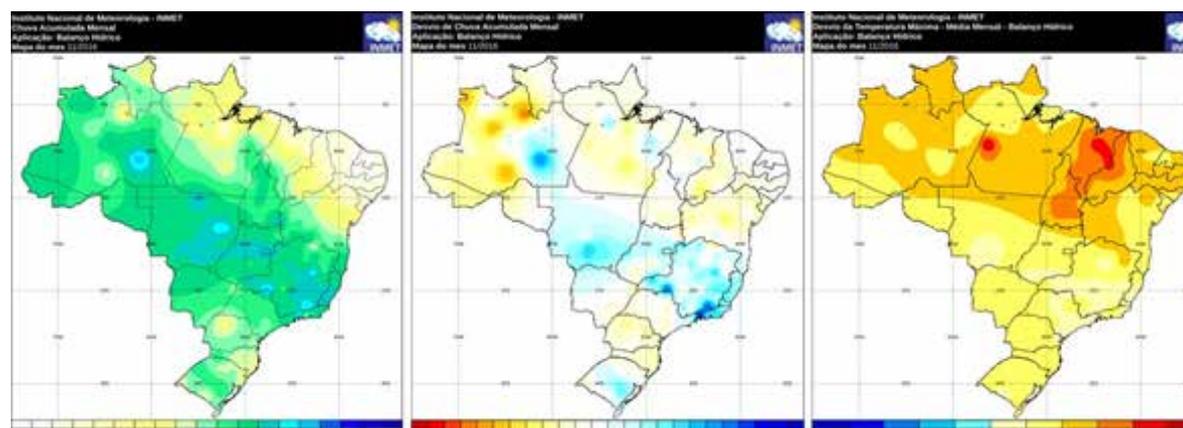
Precipitação de 21 a 31/11/2016



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

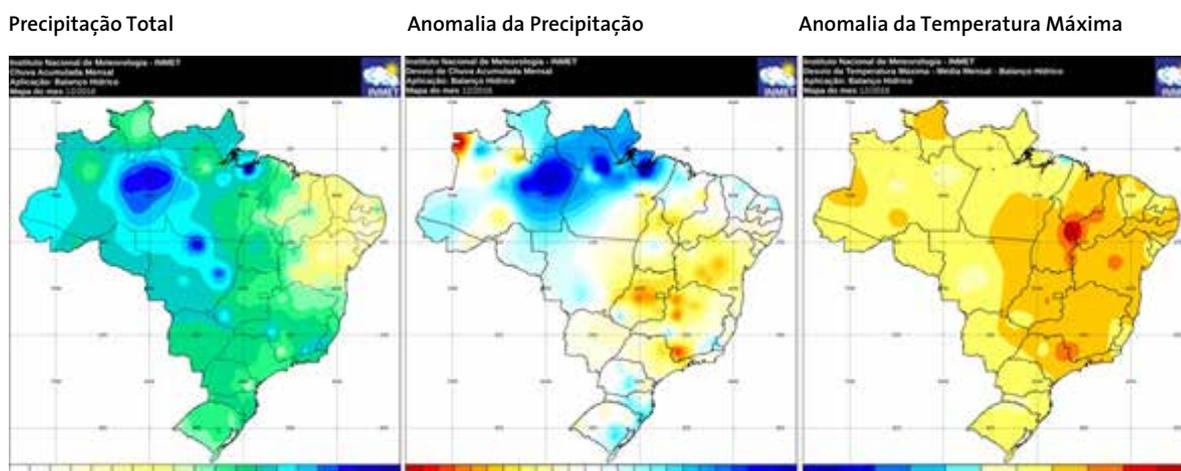
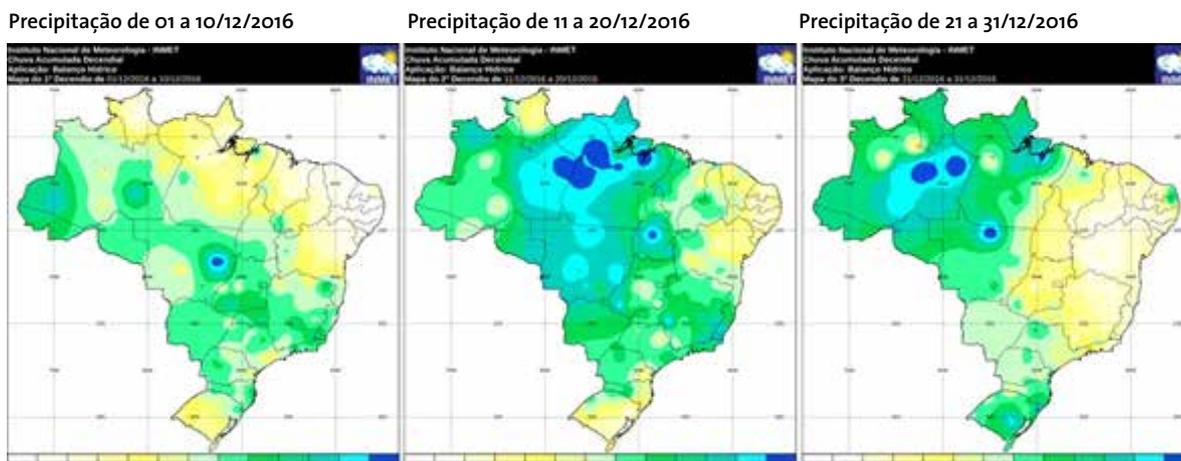
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.

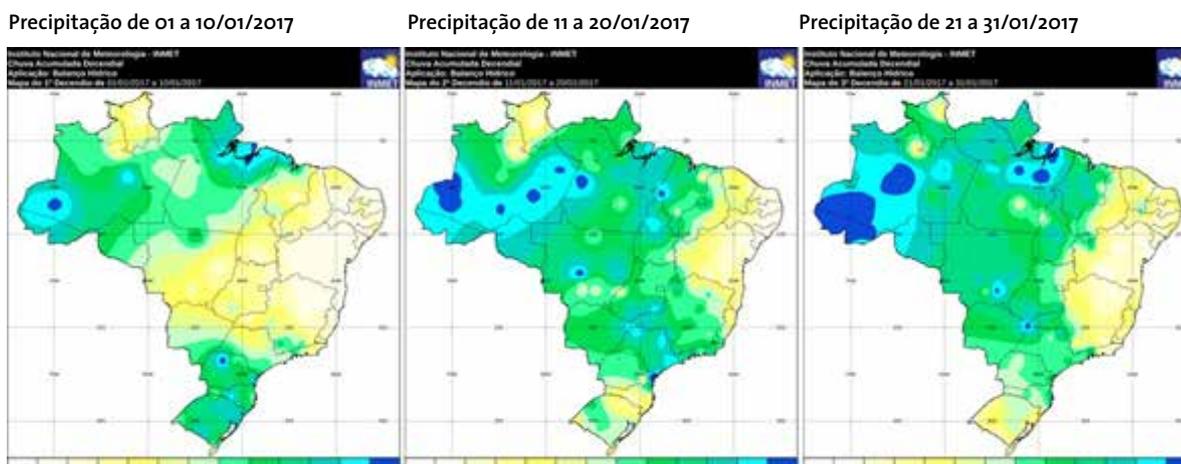


**Figura 11 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em dezembro de 2016**



Fonte: Inmet.

**Figura 12 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em janeiro de 2017**



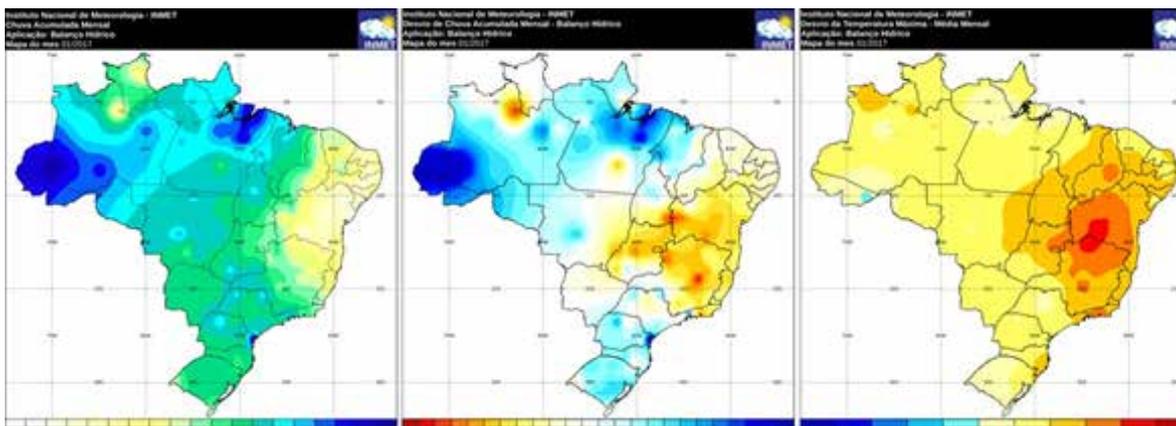
continua



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



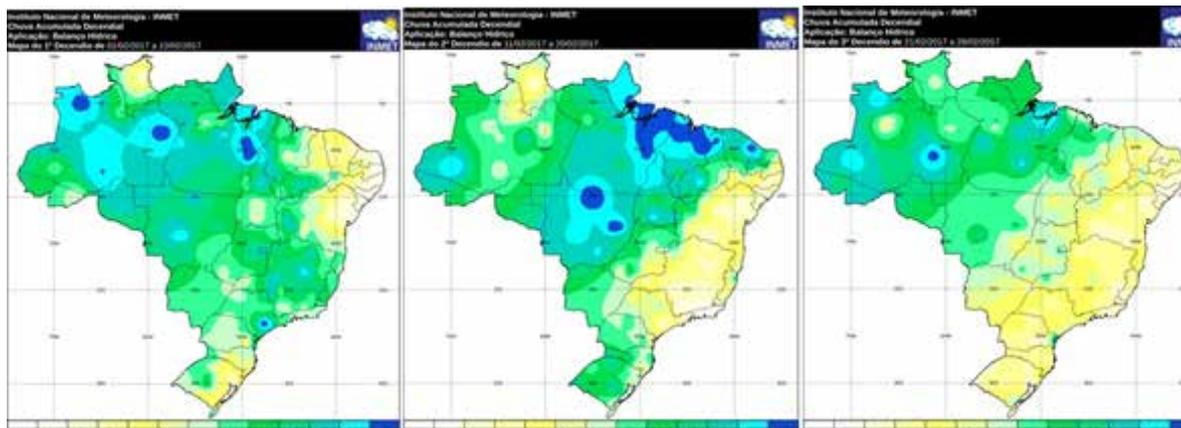
Fonte: Inmet.

Figura 13 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em fevereiro de 2017

Precipitação de 01 a 10/02/2017

Precipitação de 11 a 20/02/2017

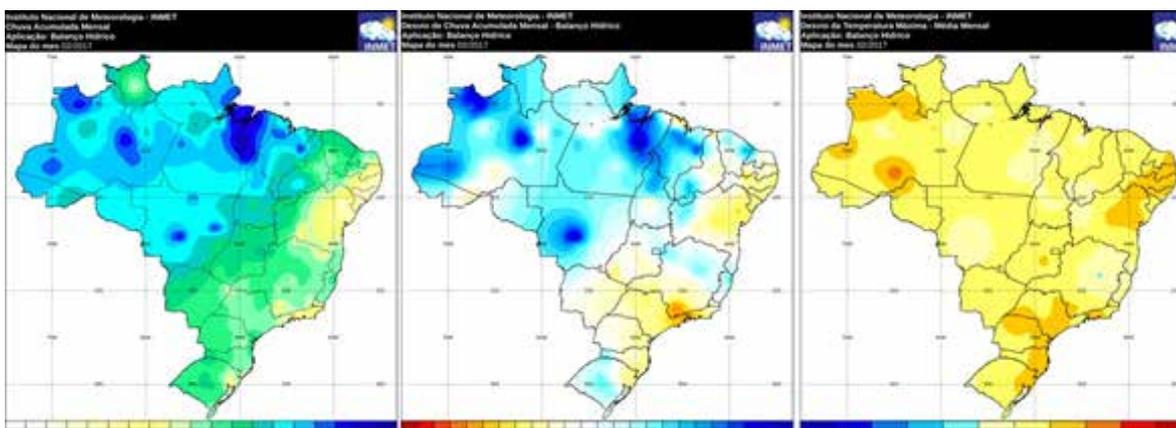
Precipitação de 21 a 31/02/2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

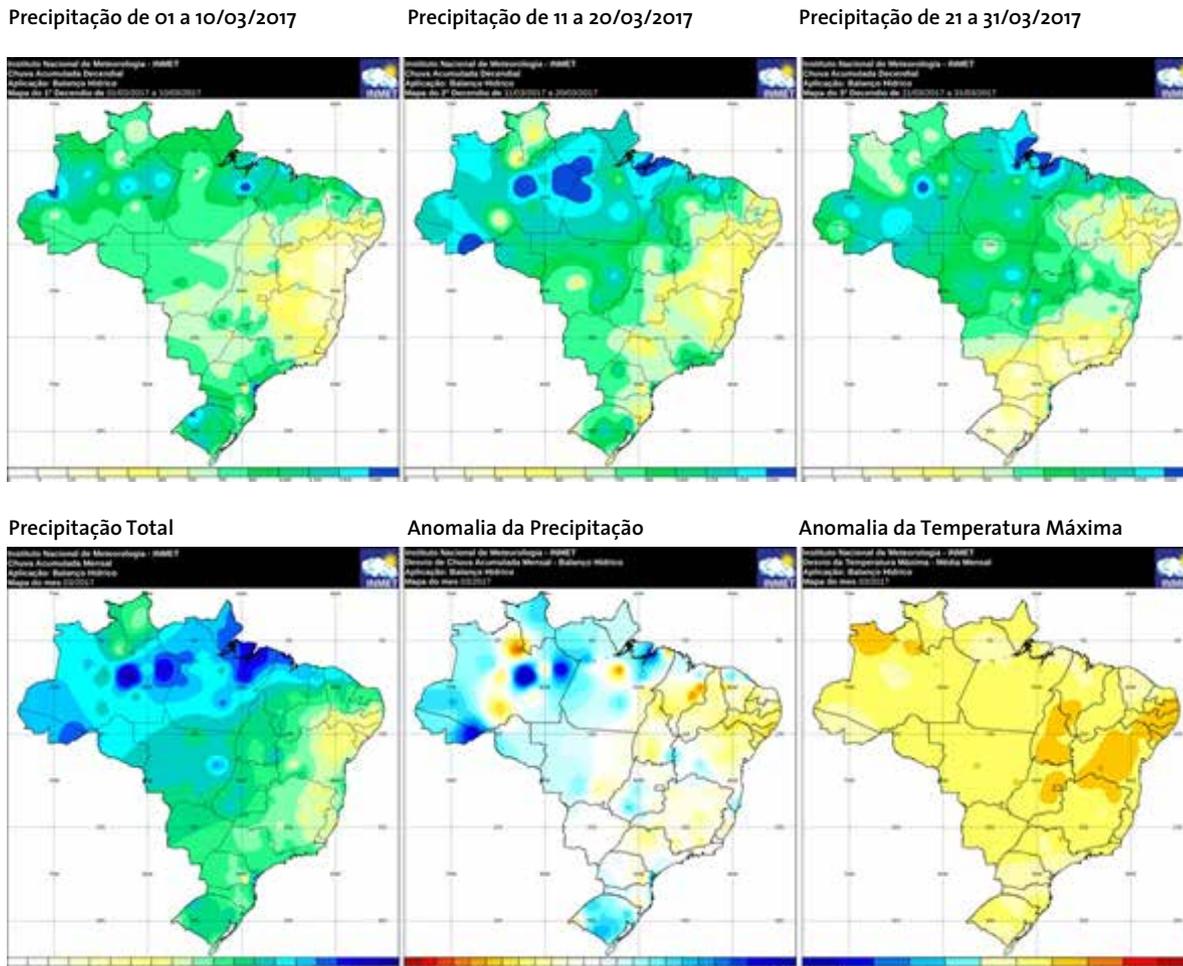
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.



**Figura 14 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em março de 2017**



Fonte: Inmet.

**Figura 15 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em abril de 2017**



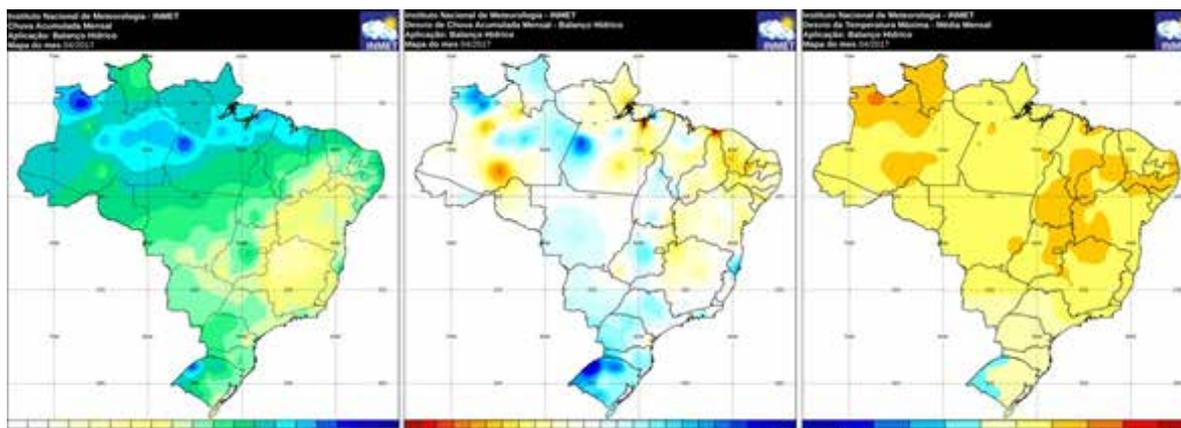
continua



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



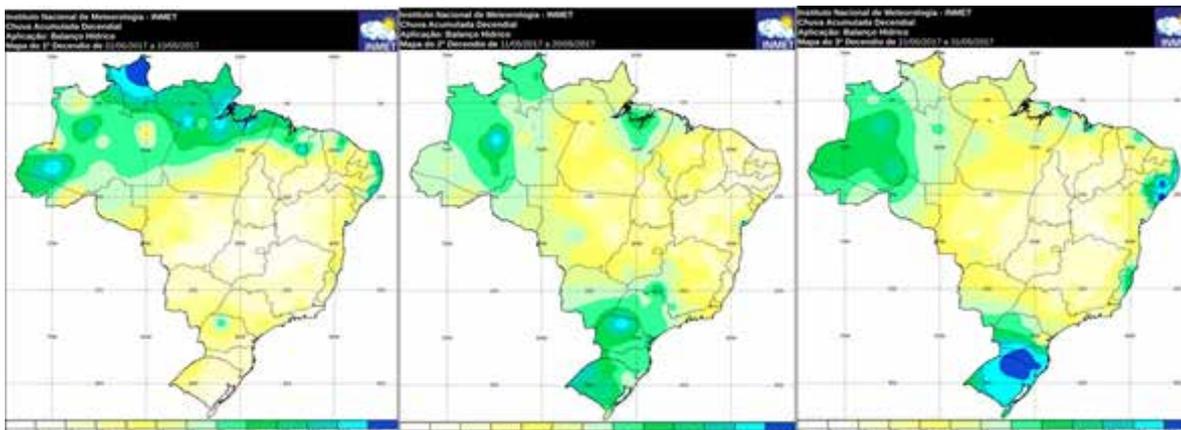
Fonte: Inmet.

Figura 16 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em maio de 2017

Precipitação de 01 a 10/05/2017

Precipitação de 11 a 20/05/2017

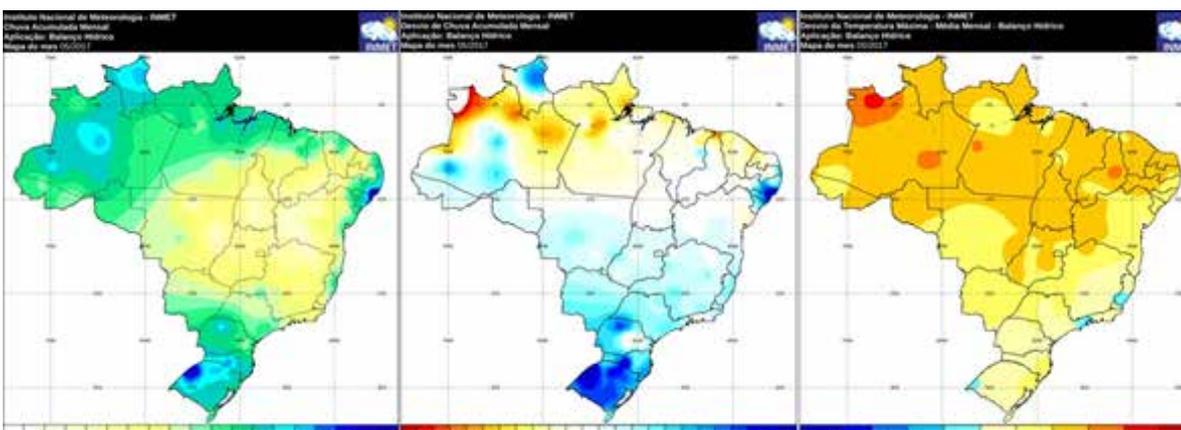
Precipitação de 21 a 31/05/2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

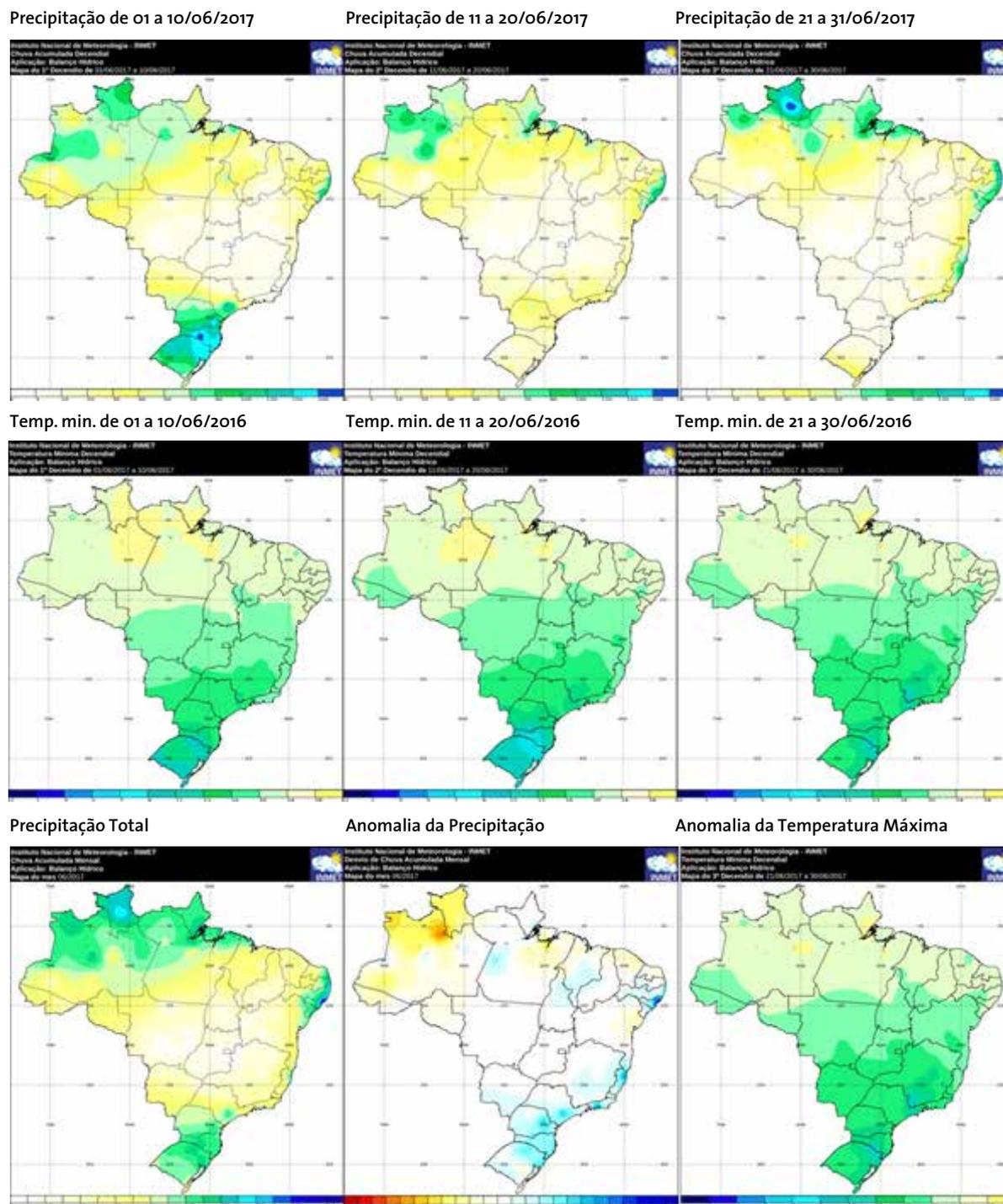
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.



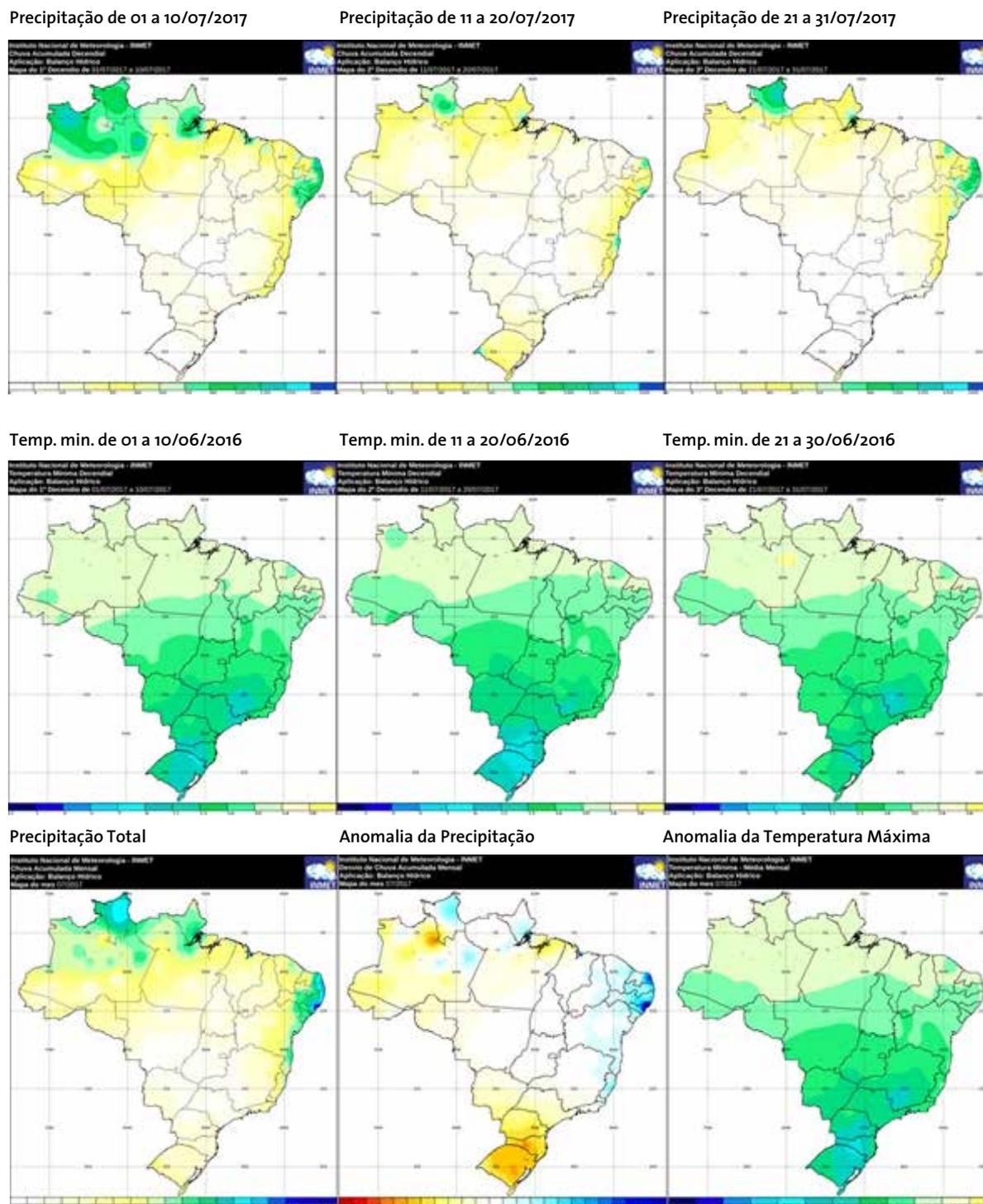
**Figura 17 - Precipitação e temperatura mínima média decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média, em junho de 2017**



Fonte: Inmet.



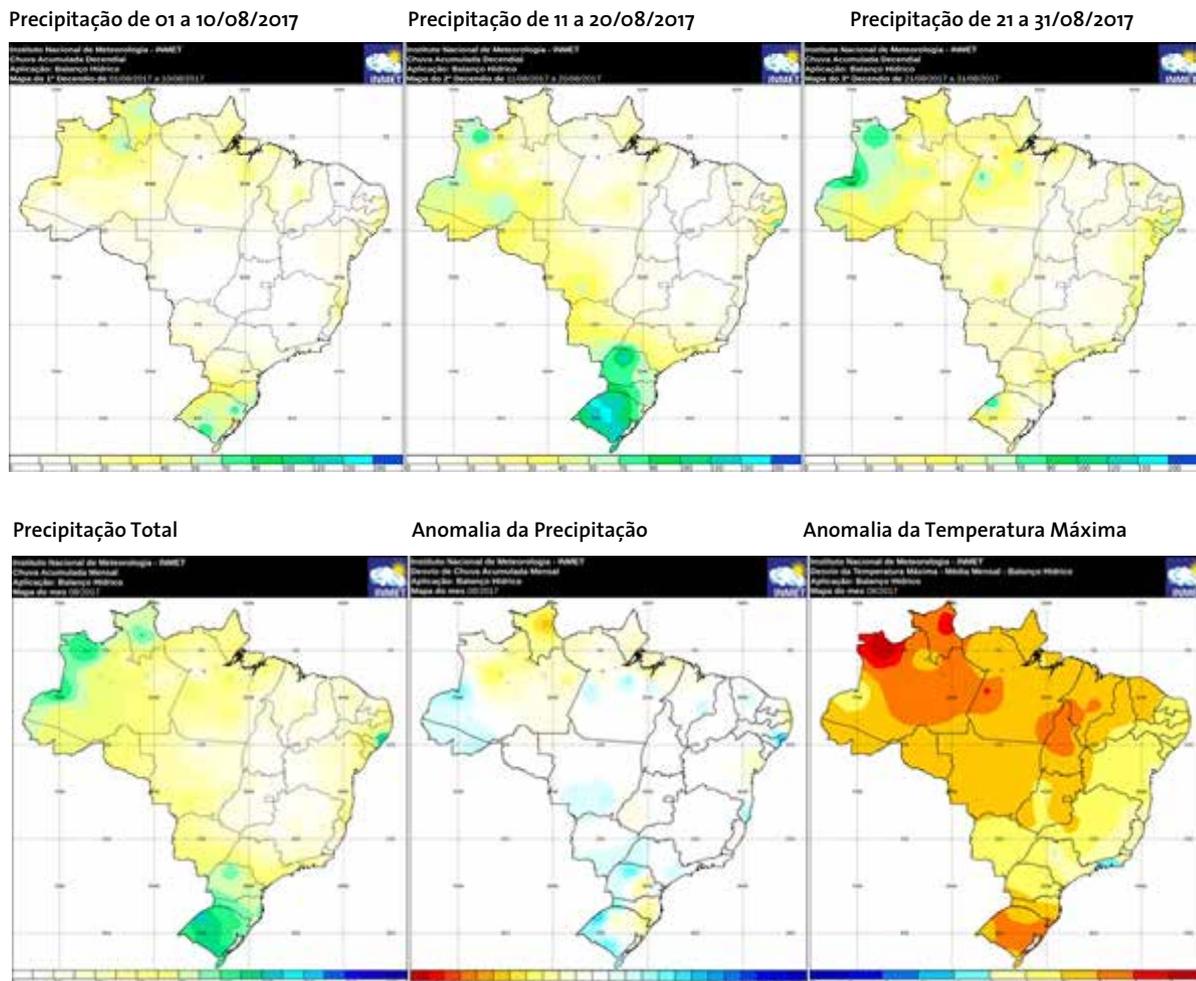
**Figura 18 - Precipitação e temperatura mínima média decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média, em julho de 2017**



Fonte: Inmet.



**Figura 19 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em agosto de 2017**



Fonte: Inmet.

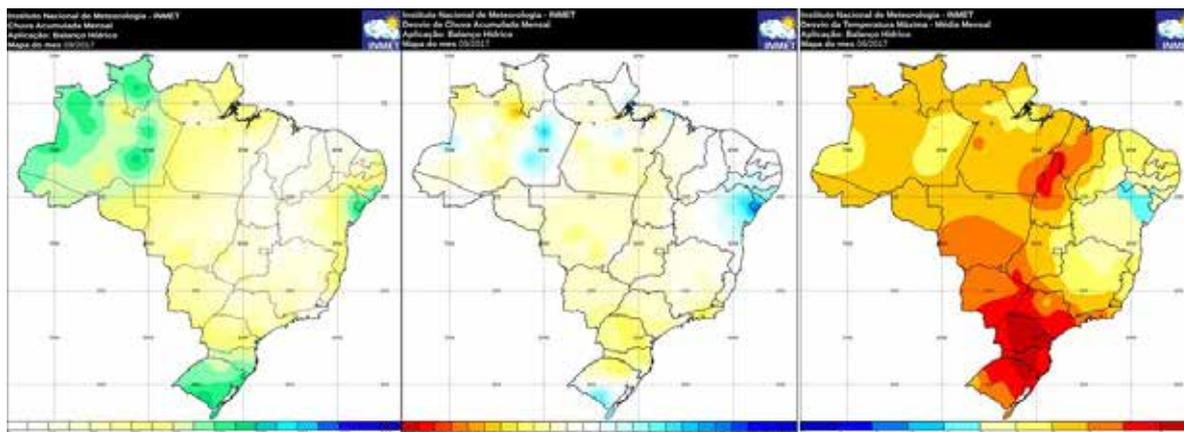
**Figura 20 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em setembro de 2017**



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima Média



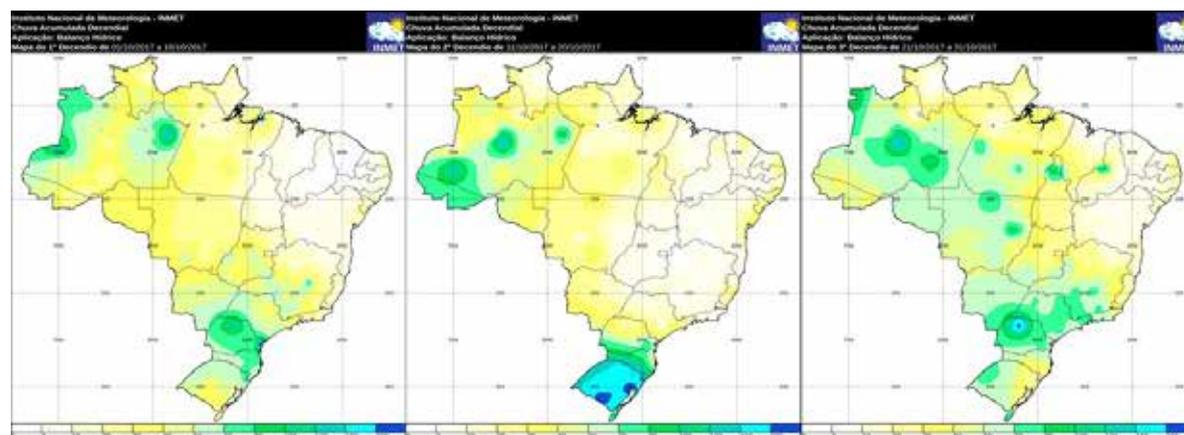
Fonte: Inmet.

Figura 21 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em outubro de 2017

Precipitação de 01 a 10/10/2017

Precipitação de 11 a 20/10/2017

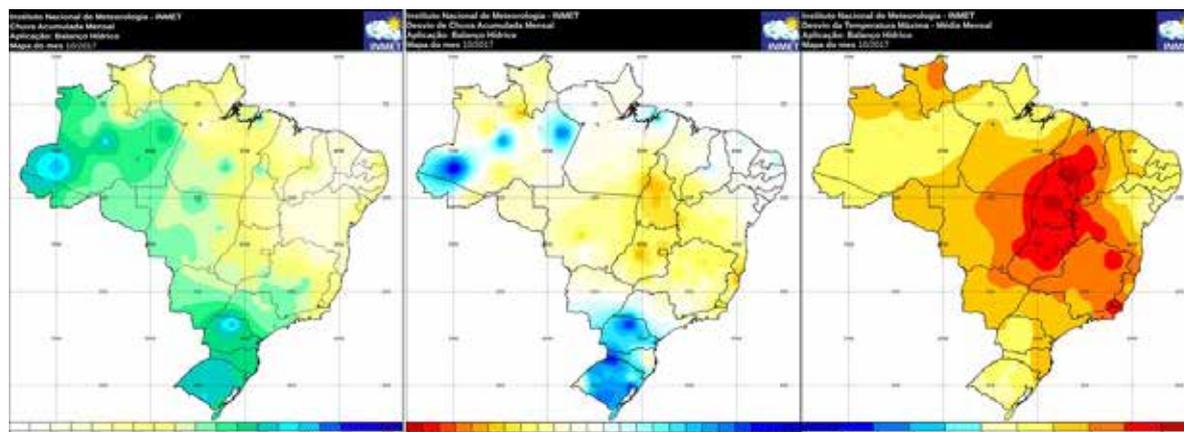
Precipitação de 21 a 31/10/2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima Média



Fonte: Inmet.





## 8. AVALIAÇÃO POR ESTADO

### 8.1. MINAS GERAIS

#### 8.1.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

**A**s chuvas, registradas ao longo de agosto de 2016, contribuíram para a recuperação do estado vegetativo dos cafezais, assim como para a emissão de uma primeira florada nas principais regiões produtoras do estado.

Em setembro de 2016, o clima seco favoreceu a conclusão das atividades de colheita da safra anterior, porém, provocou abortamento de flores na maior parte das regiões. Contudo, uma segunda florada, mais forte, ocorreu entre o final de setembro e o início de outubro, com melhor vingamento.

A continuidade das chuvas, nos três últimos meses do ano, favoreceu a formação dos grãos de café, entretanto, as plantas apresentaram menor crescimento de ramos e maior raleamento das rosetas resultando em uma carga mais baixa que à da safra anterior. Fato já esperado, visto que 2017 é ano de baixa bienalidade, na maior parte das regiões produtoras, em face do estresse das lavouras resultantes da produção recorde alcançada na safra 2016.

O regime de chuvas no início de 2017, entre janeiro e fevereiro, quando os frutos estavam em sua fase de enchimento de grãos, foi irregular e insuficiente, com precipitações concentradas em curtos períodos,

intercalados por períodos de longa estiagem. Isso acarretou redução do tamanho do grão e consequentemente em queda de rendimento e qualidade do produto final devido à presença de maior quantidade de grãos chochos, os chamados “café-boia”.

Registrou-se também ocorrência de geadas em alguns municípios, com diferentes graus de intensidade, de forma que algumas lavouras foram forte-

### 8.1.2. CRÉDITO RURAL

O financiamento é direcionado, em sua maior parte, para custeio, seguido por investimento. Quando a cultura do café está mais destinada para pequenos produtores rurais há uma incidência maior no financiamento da configuração Pronaf. Já os médios e grandes agricultores se direcionam para a iniciativa privada, com o uso do Pronamp.

Na região do Sul de Minas houve relatos de que a liberação dos recursos atrasou devido a questões operacionais, prejudicando alguns produtores quando da aquisição de insumos para custear as lavouras. Em razão do ocorrido vem sendo realizado convênio entre

### 8.1.3. CONDIÇÕES DA CULTURA

A safra cafeeira em 2017 de Minas Gerais fecha com área em produção estimada em 980.762 hectares, redução de 2,8% em relação à safra passada. Resultante da intensificação de podas e erradicação de algumas lavouras. A produtividade sofreu queda de 18,1% devido à bienalidade negativa da cultura na maior parte dos municípios produtores, às más condições climáticas desfavoráveis e à incidência de pragas e doenças. A redução de área e produtividade culminaram em

### 8.1.4. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS POR REGIÃO

#### Região sul e centro-oeste

Nessa região a área em produção sofreu redução de 5,3% em relação à safra anterior, enquanto a área em formação cresceu 46,5% na safra 2017 em relação à safra 2016. Variações resultantes da intensificação das podas realizadas nas lavouras que sofreram mais com os efeitos da alta carga produtiva da safra anterior, ou com os danos provocados pela geada nas áreas atingidas com maior severidade. Além de renovação por meio de erradicação de lavouras e substituição de cafezais antigos, bem como plantio de novas áreas. Ressalta-se, entretanto, que houve limitação na disponibilidade de mudas na região.

A produtividade média ficou estimada em 27,56 scs/

mente atingidas ao passo que outras foram afetadas apenas superficialmente.

De maneira geral, o regime pluviométrico não foi muito favorável à cafeicultura na safra 2017 em Minas Gerais, de modo que a ausência de chuvas no momento de desenvolvimento do fruto foi o principal motivo de perdas na atual safra.

o agente financiador e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-MG), além de “despachantes” particulares, para agilizar a documentação exigida para liberação de créditos de custeio e investimento para o setor.

Observou-se também um avanço de financiamento através das cooperativas onde o pagamento vem sendo realizado através de “troca” por café. As aquisições de adubos, defensivos, máquinas, em geral, com pagamento futuro, através de um preço pré-negociado entre produtor e cooperativa, vem aumentando significativamente nos últimos anos.

um recuo de 20,4% na produção, que ficou estimada em 24.445,3 mil de sacas.

Vale ressaltar que a queda de produção foi minimizada pela produção de uma boa safra naqueles municípios que apresentaram inversão da bienalidade. Nesses, algumas áreas chegaram a produzir mais de 40 scs/ha.

ha, 13% menor em relação à safra anterior devido ao esgotamento da planta, em decorrência da alta carga produtiva e acentuada desfolha no pós-colheita da safra anterior, assim como a ocorrência de pragas e doenças, a saber: broca, ferrugem tardia, cercóspera e bicho mineiro. Por outro lado, o longo período de estiagem, que coincidiu com o período de colheita da safra 2017, foi considerada extremamente satisfatória para a qualidade dos produtos colhidos. A falta de chuvas fez com que a colheita e a secagem dos grãos não tivessem interferências negativas, em se tratando de qualidade da bebida.



## Região do cerrado mineiro (triângulo, alto Paranaíba e noroeste)

A colheita foi finalizada no cerrado mineiro, com redução de área em produção de 7,2% e aumento de 76,6% da área em formação em relação à safra anterior devido, principalmente, à intensificação de podas.

Dentre as regiões mineira, o Cerrado foi a que apresentou a maior queda de produtividade, 46,7% menor que a safra passada devido às condições climáticas desfavoráveis e à incidência de pragas e doenças. Tais

## Região da Zona da Mata, Rio Doce e Central

As regiões Zona da Mata Rio Doce e Central apresentaram, juntas, aumento de 4,6% de área em produção e redução de 9,9% na área em formação em relação à safra 2016, em decorrência do retorno de lavouras podadas na safra anterior. A safra 2017 ocorre na sequência de uma safra baixa em 2016, sendo, portanto, considerada como safra de bienalidade alta ou positiva, em uma condição produtiva inversa às demais regiões produtoras de café de Minas Gerais.

Na ocasião do levantamento, a expectativa de alta produção esperada para a safra atual é significativamente menor do que a esperada antes da colheita. A forte estiagem acompanhada de elevadas temperaturas voltou a ser o motivo da redução do potencial produtivo da cultura e a falta de umidade no solo comprometeu o enchimento dos grãos de café, a absorção dos nutrientes pela planta e o controle fitossanitário das lavouras.

Os impactos das adversidades climáticas sobre os cafezais nos últimos anos comprometeram o potencial produtivo das lavouras, principalmente daquelas situadas em menores altitudes. Os baixos índices pluviométricos entre o final de dezembro de 2016 e o início de fevereiro de 2017 afetaram a fase de granação dos frutos, mas os impactos variam de acordo com a

## Regiões Norte, Jequitinhonha e Mucuri

Nessas regiões a safra finalizou com uma ligeira redução de área em produção e acentuado aumento da área em formação devido a podas realizadas em algumas lavouras. Contudo, um incremento de 1,7% na produtividade, que contribuiu para uma produção superior à safra passada.

Assim, como nas outras regiões do estado, as referidas regiões tiveram a produtividade comprometida devido ao clima desfavorável que impactou no desenvolvimento da cultura, na colheita e limitou a irrigação. Outro fator que desfavoreceu a produção foi a

ocorrências influenciaram negativamente na qualidade do produto colhido e no custo de produção do café, com tendência a comprometer o rendimento da próxima safra, visto que o índice de lavouras depauperadas pós-colheita ficou acima do esperado para um ano de bienalidade negativa. Como consequência da redução de área e produtividade, registrou-se uma redução de aproximadamente 50,6% da produção, quando comparada com a safra anterior.

situação das lavouras.

Nas lavouras situadas em menores altitudes, onde os efeitos das altas temperaturas e baixa umidade no solo foram mais acentuados, observa-se que o enchimento dos grãos ficou comprometido, resultando em grãos miúdos e, conseqüentemente, em baixo rendimento, refletindo a estimativa de uma produção menor do que a esperada antes da ocorrência da estiagem.

Nas lavouras situadas em maiores altitudes, os produtores obtiveram melhores rendimentos, já que a maturação mais tardia dos frutos e as condições de clima ameno e retenção de umidade no solo beneficiaram os cafezais. Na mesma direção, chuvas temporâneas no início da colheita, associada à maturação desuniforme dos frutos e ao maior percentual de grãos verdes, pretos e ardidados, comprometeu em maior ou menor grau a qualidade da bebida colhida.

A partir de julho, condições climáticas favoráveis aos trabalhos de colheita e beneficiamento do café proporcionaram a retomada dos padrões de qualidade da bebida na região, com reflexos positivos nos concursos de qualidade de café de Minas Gerais.

presença de pragas e doenças tais como: broca, bicho mineiro, cigarras e ferrugem.

Nestas regiões há dois cenários bem distintos para o cultivo de café: na grande maioria dos municípios prevalecem pequenos produtores e suas lavouras de sequeiro, nas quais os tratamentos culturais praticamente não ocorrem, sendo raras as práticas de análise e correção de solo, adubação e podas, por exemplo. Por outro lado, tem-se na mesma região área com alta tecnologia, inclusive irrigação, nas quais é possível alcançar produtividades acima de 40 scs/ha.



## 8.1.5. PARQUE CAFEIEIRO

O parque cafeeiro de Minas Gerais é formado por aproximadamente 3,98 bilhões de plantas, composto pelas espécies café arábica e conilon, vistos que a primeira espécie corresponde a 99% do parque cafeeiro mineiro, enquanto a segunda espécie representa apenas 1%. A produtividade média alcançada pelo café

arábica foi de 24,9 scs/ha, enquanto o café robusta, produziu em média de 26,4 scs/ha na safra 2017. O café conilon é cultivado nas regiões do Norte de Minas, Jequitinhonha, Mucuri, Zona da Mata, Rio Doce e Central.

## 8.1.6. COLHEITA, QUALIDADE E COMERCIALIZAÇÃO

Finda a colheita da safra de café 2017, com o volume total produzido 6,4% abaixo das projeções iniciais, assim como e perdas qualitativas, no tocante à peneira

e defeitos, o que se constatou foi um aumento significativo do índice de catação em razão da presença de grãos chochos ou mal granados.

**Quadro 1 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases\* do café em Minas Gerais**

		Minas Gerais																	
Ano										2017									
Meses		Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)	PV	PV	R	R/F	F	F	F/CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste)	PV	PV	R	R	F	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	PV	PV	R	R	F	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	PV	PV	R	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C

\* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

\*\* nas lavouras localizadas na região do Rio Doce houve restrição por falta de chuvas e altas temperaturas.

\*\*\* houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês.

Favorável
  Baixa restrição falta de chuva
  Média restrição falta de chuva
  Baixa restrição geadas

## 8.2. ESPÍRITO SANTO

### 8.2.1. INTRODUÇÃO

Os dados do fechamento da estimativa da safra de café de 2017, no Espírito Santo, foram levantados por técnicos do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), nos municípios produtores de café arábica e de café conilon do Espírito Santo.

Os resultados foram obtidos por intermédio de pesquisa de campo, usando uma amostra aleatória estratificada de cerca de 1% do universo das propriedades cafeeira capixaba. Foi utilizada uma base amostral, contemplada na metodologia de estimativa de safra de café definida pela Conab.

Como resultado desse trabalho, verifica-se que a safra

cafeeira de 2017, no Espírito Santo, fechou em 8.865 mil sacas beneficiadas. Desse quantitativo, 2.950 (35,28%) milhões de sacas serão de café arábica e 5.915 (64,72%) milhões de sacas de café conilon. Esse total é oriundo de uma área cafeeira em produção de 385.538 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 19,65 scs/ha para o café arábica e 25,13 scs/ha para o café conilon, resultando em uma produtividade estadual, ponderando café arábica e conilon, de 22,99 scs/ha.

Fazendo um paralelo entre a produção de 2016 e 2017, verifica-se o decréscimo de 1,1% na produção geral do Espírito Santo, com decréscimo de 25% para o café arábica e acréscimo de 17,5% para o café conilon.



### 8.2.2. CAFÉ ARÁBICA

Para o fechamento da estimativa de previsão de safra cafeeira 2017, a produção de café arábica do Espírito Santo foi estimada em 2.950 mil sacas, 25% inferior à produção de 2016, que foi de 3.932,1 mil sacas. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 150.123 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 19,65 scs/ha.

O decréscimo de 25% em relação à estimativa de 2016 é atribuído ao efeito da bionalidade negativa, que é normal em plantações de café arábica, e ao efeito da seca em parte das regiões produtoras.

Assim, o decréscimo significativo estimado na produção de 2017 em relação ao ano anterior, pode ser atribuído aos seguintes fatores: alta produção de 2016, o efeito da bionalidade, o déficit hídrico e a má distribuição de chuvas, sobretudo na região sul, onde fica a serra do Caparaó. Nessa área, localizada entre 500 e 700 metros de altitudes, que corresponde a 40% do arábica do Espírito Santo, provocou desfolhas nas lavouras, interferências no crescimento da planta e

### 8.2.3. CAFÉ CONILON

Para o fechamento da estimativa de safra 2017 de café conilon, a produção foi estimada em 5.915 mil sacas, que representa acréscimo de 17,5% em relação à safra 2016. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 235.415 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 25,13 scs/ha.

As lavouras de café conilon vêm sendo renovadas e revigoradas na ordem de 7% a 8% ao ano, sobre novas bases tecnológicas, com variedades clonais mais produtivas, nutrição adequada, poda, manejo de pragas e doenças e irrigação. Como resultado aplicado, a produção do estado até 2014 vinha ininterruptamente crescendo na média de 5% ao ano. Essa sequência crescente positiva de produção foi interrompida e reduzida drasticamente nos três últimos anos por problemas climáticos (seca, má distribuição de chuvas, associado a altas temperaturas e insolação).

O decréscimo significativo e sequencial na produção de café conilon de 2015 e 2016, deve-se ao seguinte fatores: 1) a seca e má distribuição de chuvas por três anos consecutivos, principalmente nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, interferiram no número e época das floradas, na fertilização das flores, no número e no desenvolvimento dos frutos, provocaram a queda de folhas e de frutos em crescimento e prejudicou o desenvolvimento e vigor da planta; 2) a falta de água nos mananciais (córregos, rios, represas), associada à normativa de proibição de

floração e conseqüentemente na quantidade e desenvolvimento dos frutos.

As lavouras têm potencial para maior produção devido à inserção cada vez maior dos cafeicultores ao Programa de Renovação e Revigoração de lavouras (Programa Renovar Café Arábica), com a utilização das boas práticas agrícolas. Mas, os preços ainda baixos principalmente para os cafés normais, levaram muitos produtores a fazerem adubações e os tratos culturais aquém das recomendações técnicas.

O parque cafeeiro de arábica capixaba se encontra, em média, ainda envelhecido. Há necessidade de acelerar o processo de renovação. As dificuldades na renovação e revigoração de lavouras e de realizarem adequadamente adubações, os tratos culturais e fitossanitários, deve-se ao fato da descapitalização dos cafeicultores, que para muitos cafeicultores, está aquém do custo de produção, além da escassez e custo elevado da mão de obra.

irrigação durante o dia por falta de água, em todo o Espírito Santo, comprometeu 70% das lavouras do Espírito Santo que são irrigadas; 3) a falta de água provocou a redução de adubações e prejudicou os tratos culturais, promoveu maior incidência de ácaros vermelho, cochonilha da roseta e broca das hastes.

Devido aos efeitos drásticos dos problemas climáticos, nos últimos três anos, houve a redução de cerca de 50% da produção de café conilon do estado. A elevadíssima desfolhas, baixo crescimento e redução do vigor das plantas devido ao prolongado período de seca (cerca de 1.000 dias), levaram muitos produtores a efetuarem podas drásticas e irradiação de lavouras, reduzindo, assim, em mais de 10% a área em produção de café conilon do estado.

Verifica-se que a partir do final de 2016, no geral, melhorou as condições climáticas nas regiões produtoras de conilon do Espírito Santo. Em razão da adaptação, associada ao uso de tecnologias e empreendedorismo do produtor, as lavouras de conilon estão passando por um processo de recuperação da seca e de revigoração.

Registra-se que as lavouras apresentam capacidade de responder ainda mais à produção. Para tal, há necessidade de maior precipitação, melhoraria na regularidade de chuvas para a recomposição dos reservatórios, aumento das estruturas para a reserva de água



e melhora o manejo de irrigação, uma vez que cerca de 70% das plantações são irrigadas. As lavouras têm sido renovadas com variedades melhoradas e outras tecnologias associadas, que poderão contribuir para aumentar de forma significativa a produção e melhoria na qualidade final do produto do café conilon no Espírito Santo.

A remuneração mais adequada para os cafés conilon de qualidade superior será um grande incentivo para os cafeicultores aumentarem a produtividade e inserirem mais intensamente no Programa de Melhoria da Qualidade do café conilon Capixaba.

### Quadro 2 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases\* do café conilon no Espírito Santo

Espírito Santo																				
Ano											2017									
Meses	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C	C

\* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita  
 \*\* maior concentração na região norte.

Favorável

Baixa restrição  
falta de chuva

Média restrição  
falta de chuva

Baixa restrição  
geadas

### Quadro 3 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases\* do café arábica no Espírito Santo

Espírito Santo																				
Ano											2017									
Meses	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	
Fases*	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	C	C	C	C	C	

\* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita  
 \*\* maior concentração na região sul.

Favorável

Baixa restrição  
falta de chuva

Média restrição  
falta de chuva

Baixa restrição  
geadas

## 8.3. SÃO PAULO

### 8.3.1. INTRODUÇÃO

A cafeicultura brasileira é muito conhecida pela característica de safras altas alternadas com safras baixas, o que se denomina de ciclo bienal de produção de café.

A safra 2017 foi caracterizada pelo ciclo de baixa produção e, em razão disso, houve uma significativa redução no montante a ser produzido. A planta, em razão do alto estresse sofrido no período anterior por causa da alta produção, tem sua performance bastante reduzida, ocasião em que os produtores aproveitaram para praticar podas extensivas em suas lavouras, objetivando o ciclo seguinte (2018). Esse ciclo reduz a

oferta do produto, exigindo a estocagem e carregamento de uma safra para outra.

Nessa safra havia plantas malnutridas e estressadas pela carga alta da safra passada, o que acarretou significativa redução na produção da safra recém-finalizada. Outro fator agravante para essa safra é que muitas lavouras já são consideradas muito velhas, com espaçamentos inapropriados, com necessidades de renovação, novos plantios, bem como novas variedades mais produtivas e resistente à infestação de pragas.



### 8.3.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Em virtude de poucas chuvas em setembro de 2016, a floração dos cafezais se deu efetivamente a partir de outubro de 2016. A segunda floração verificada nos cafezais de arábica de importantes regiões do estado paulista, no início de outubro de 2016, desenvolveu-se satisfatoriamente favorecida pelas condições climáticas, com chuvas regulares seguidas de boa insolação.

Até abril de 2017 as condições climáticas se mantiveram favoráveis à cultura do café. As precipitações pluviométricas a partir de fevereiro de 2017 foram de baixa intensidade, porém bem distribuídas, o que permitiu um bom acúmulo de umidade no solo em praticamente todas as regiões produtoras do estado

paulista.

Outro fator positivo foram as baixas temperaturas que envolveram o estado naquele período, as quais se tornaram bastantes positivas para a manutenção da umidade do solo.

De junho a agosto uma forte estiagem se estabeleceu, principalmente nas regiões norte e noroeste do estado, o que favoreceu a finalização da colheita de café, uma vez que permitiu que as operações de campo fossem feitas, tanto pelo meio manual, como pelas colhedoras de café. Assim, a presente safra foi toda colhida até setembro de 2017.

### Quadro 4 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases\* do café em São Paulo

São Paulo																
Ano	2016							2017								
Meses	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	PV	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

\* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Favorável
  Baixa restrição falta de chuva
  Média restrição falta de chuva
  Baixa restrição geadas

### 8.3.3. CONDIÇÕES DA CULTURA

No início da safra havia uma expectativa de forte redução na produtividade, que saiu de 29,97 scs/ha produzidas na safra anterior (2016), para 22,35 scs/ha na atual, variação negativa de 25,4% na produtividade e de 25% na produção, ou seja, um decréscimo de 1.509,6 mil sacas de café beneficiadas. A maior queda ocorreu na região de Franca, importante polo produtor do estado.

No levantamento realizado em abril se confirmou a redução expressiva na produtividade da safra, estimada em 21,84 scs/ha. O terceiro levantamento realizado em agosto, com a colheita próxima do fim, os

números consolidados apontavam efetivamente para uma quebra de produtividade para 21,56 scs/ha. Havia até uma expectativa que nesse levantamento poderia haver um ligeiro aumento na produção em razão da recuperação que as lavouras vinham apresentando, entretanto, com o surgimento da broca-do-café, essa previsão não foi confirmada, ao contrário, teve ligeiro aumento na redução safra.

Neste quarto e último levantamento da safra 2017, após consolidação nos números finais, houve uma leve recuperação na produtividade total do estado, estimada em 21,99 scs/ha.

### 8.3.4. MANEJO DA CULTURA

A safra 2017, em razão do ano de baixa produção (bienalidade negativa), grande parte dos produtores adotaram uma prática bastante comum, a poda. Estima-se que essa prática teve um incremento aproximadamente de 40% nas áreas de café do estado paulista.

A poda em plantas perenes é uma técnica muito usual, praticada desde que o produtor entenda ser necessária para melhoria na frutificação das brotações novas.

Uma vez decidido o sistema de podas, é muito impor-



tante definir a época de iniciar a operação. Há trabalhos que comprovam que quanto mais cedo for feito, melhor é a resposta em brotação e recuperação da área. O ideal é fazer entre julho e setembro, logo após o encerramento da colheita.

Entre as podas, usa-se com muita frequência o decote, que é uma poda alta, feita acima de 1,5m, com o obje-

### 8.3.5. QUALIDADE DO CAFÉ

Devido às condições adversas que esta safra sofreu ao longo de seu desenvolvimento, existem registros que, em algumas regiões produtoras do estado, tivemos cafés miúdos e com bebida fraca, reflexo da estiagem no momento de enchimento de grãos dos frutos.

Outro fator determinante foi a alta incidência de broca nas lavouras, o que trouxe bastante preocupação com aqueles segmentos envolvidos com o mercado, com possíveis desdobramentos na comercialização dos grãos. Há relatos de incidência de broca em quase todas as regiões produtoras de São Paulo, o que vem

### 8.3.6. COMERCIALIZAÇÃO

O ano de 2017 foi caracterizado por uma safra pequena e, em razão disso, os produtores acabaram tendo pouco produto para comercializar. Outro fator que influenciou negativamente na comercialização desse grão foram os baixos preços praticados pelo mercado.

## 8.4. BAHIA

### 8.4.1. CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES PRODUTORAS

A cafeicultura, na Bahia, segue a característica do agronegócio baiano, com a estratificação do perfil dos produtores quanto ao emprego da tecnologia disponível no mercado agrícola. Há produtores cujo o cultivo é irrigado, com a colheita e as operações agrícolas estritamente mecanizadas, há produtores que mecanizam algumas etapas das práticas agrícolas e outros produtores que empregam o uso da agricultura familiar, com reduzida mecanização.

A grande variação nas características abrange também os aspectos edafoclimáticos, havendo cultivos nos Biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, região de elevada altitude e próximo ao nível do mar. Com essas diferentes características encontramos propriedades produzindo cafés de bebida estritamente mole a cafés de bebida dura, com produtividades variando de 2 a 170 scs/ha.

A região produtora, denominada de Atlântico, está

tivo de diminuir a altura das plantas para facilitar a colheita. O desponete, tipo de poda muito semelhante ao esqueletamento, variando apenas no tamanho do corte, que fica de 40 a 60 cm dos ramos laterais. O esqueletamento, que nas condições de estresse dos cafeeiros, aumentou significativamente no pós-colheita em 2016, em algumas regiões, como a Mogiana. Essa prática atingiu mais de 50% das áreas em produção.

trazendo preocupação quanto à exportação desse café.

Essa praga, de difícil erradicação, tem causado muitos transtornos aos produtores de café. Depois que elas penetram no caroço, torna-se bastante difícil qualquer tentativa de controle por parte do produtor. Penetrando no fruto, essa praga se alimenta do caroço e realiza seu ciclo, ou seja, coloca os ovos, que se tornarão larvas mais tarde e posteriormente se tornam em insetos adultos.

O produtor procurou vender apenas o necessário para cobrir dívidas contraídas junto às cooperativas, como a compra de adubos e insumos. Os preços praticados em nível de produtor giraram em torno de R\$ 430,00 a R\$ 450,00.

localizada na Mesorregião Sul, fronteira com o Espírito Santo e banhada pelo Oceano Atlântico. A produção se baseia no cultivo de café conilon, em condição de sequeiro e irrigado, favorecido pela baixa altitude e com chuvas distribuídas ao longo do ano.

A região produtora, denominada de Cerrado, está localizada na Mesorregião Extremo Oeste. A produção se baseia no cultivo de café arábica, em condição irrigado, favorecido pelos solos profundos. As chuvas predominantes ocorrem na primavera e verão, e as temperaturas típicas de ambientes tropicais criam condições para produção de cafés bebida dura e mole.

A região produtora, denominada de Planalto, está dividida em três microrregiões: Vitória da Conquista, Chapada Diamantina e Brejões. A microrregião Vitória da Conquista está inserida em um ambiente favorável ao cultivo do café, com temperaturas amenas, boa pluviosidade, em uma paisagem de relevo de monta-



nhas e vales, em altitude entre 700 a 1.000 metros. A microrregião Chapada Diamantina possui clima ameno e seco e altitude em torno dos 1.100 a 1.500 metros, uma das maiores do país para a produção do café. Essa altitude exerce papel fundamental na qualidade final dos grãos, pois a amplitude térmica, com dias quentes e noites frias, propicia condição ideal para

## 8.4.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

A planta do café possui a particularidade de apresentar os ciclos vegetativos e reprodutivos no mesmo ano, caracterizada como uma cultura bianual. De setembro a março ocorre expansão vegetativa, com a formação de ramos, folhas e gemas; de abril a julho há formação de gemas florais; de agosto a dezembro ocorre a florada, formação dos chumbinhos e a ex-

### 8.4.2.1. ATLÂNTICO

A distribuição das chuvas de agosto de 2016 a setembro de 2017, com registros superiores a 1.200 mm, foi regular durante todo o ano, desde a fase de floração em agosto de 2016 e durante o enchimento e maturação dos frutos de café, não havendo restrição hídrica, propiciando ótimas produtividades de café.

As temperaturas médias oscilaram de 19 a 27 °C, com

### 8.4.2.2. CERRADO

A distribuição irregular das chuvas, no ano de 2016, com a concentração de 800 mm no primeiro bimestre (janeiro e fevereiro), com intensa estiagem nos sete meses seguintes (março a setembro), depauperou fisiologicamente as plantas de café que estavam na fase de enchimento de grãos, maturação, colheita da safra 2016 e florescimento da safra 2017.

### 8.4.2.3. PLANALTO

#### Vitória da Conquista

O inverno chuvoso, associado às temperaturas amenas, favoreceram a recuperação das lavouras. Junho e julho apresentaram boas precipitações para o período, com volumes de 39,5 mm e 86 mm, no município de Vitória da Conquista, devendo-se destacar que alguns municípios produtores de café, como Barra do Choça-BA, possuem condições climáticas ainda mais favoráveis.

maturação e incorporação de açúcares naturais ao grão. A microrregião de Brejões, que já foi a mais tradicional produtora do estado, vem passando por um declínio significativo do cultivo de café, transição para outras culturas (mandioca e maracujá) e expansão da pecuária em face da baixa pluviosidade e à salinidade das fontes de água para irrigação.

pansão dos frutos nos ramos que se expandiram no ano anterior e simultaneamente há outros ramos se expandindo vegetativamente. De janeiro até julho ocorrerá a granação dos frutos, amadurecimento e colheita. Devido a sua característica bianual, os impactos do manejo, clima, pragas e doenças têm reflexos na safra atual e na seguinte.

máximas de até 33 °C e mínimas de até 14 °C. Tais condições de temperatura influenciaram positivamente na qualidade fisiológica das plantas, aumentando o percentual de pegamento dos frutos e garantiu maior massa e qualidade aos grãos formados. As temperaturas amenas retardam a velocidade de formação e amadurecimento dos frutos de café.

A restrição hídrica, aliada a temperaturas de máximas de 37 °C e umidade relativa do ar de 20% na época da floração, em agosto de 2016, atrelada ao pouco enfolhamento, causou reduzido florescimento, escaldadura das folhas e abortamento de flores e chumbinhos. Esse quadro reduziu significativamente a produtividade média da região.

As chuvas em fevereiro e março permitiram algumas floradas tardias, o que alterou o calendário de colheita na região e têm colocado os produtores num entrave quanto à colheita de cafés não maduros e o preparo das lavouras para a próxima safra. Deve-se destacar o caráter irregular das chuvas durante a presente safra, quando as precipitações se concentraram, principalmente, em janeiro de 2016.



## Chapada Diamantina

Na região da Chapada Diamantina, observou-se chuvas moderadas. Cafeicultores do município de Mucugê têm buscado a tecnologia para o enfrentamento das irregularidades das precipitações e têm se destacado no aumento da eficiência produtiva, nos ganhos de qualidade do café colhido e beneficiado e na redução do custo de produção das lavouras a partir da fertirrigação.

## Brejões

Na região de Brejões/Vale do Jiquiriçá, que vem passando por um declínio significativo do cultivo de café, transição para outras culturas (mandioca e maracujá)

As chuvas de março a agosto melhoraram as condições das lavouras e reduziram os impactos da estiagem de janeiro e fevereiro do ano presente. Em novembro foi registrado 95,2 mm de chuvas, com concentração na primeira quinzena do mês. Observou-se boas floradas e expectativa positiva para a produção da próxima safra.

e expansão da pecuária em face da baixa pluviosidade e à salinidade das fontes de água para irrigação.

### Quadro 5 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases\* do café na Bahia.

Bahia																					
Ano		2016										2017									
Meses		Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Cerrado**	PV	PV	PV	PV	PV	R	R/F	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	
	Planalto	PV	PV	PV	PV	PV	R	R/F	F	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Atlântico	PV	PV	PV	PV	PV	R	R/F	F	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C		

\* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* região irrigada.

\*\*\* impacto por altas temperaturas.

Favorável
  Baixa restrição falta de chuva
  Média restrição falta de chuva

## 8.4.3. ASPECTOS FITOSSANITÁRIOS

### 8.4.3.1. ATLÂNTICO

Embora as condições climáticas tenham favorecido a produtividade e a qualidade do café, estas também favoreceram o desenvolvimento da ferrugem e cercosporiose que promoveu uma acentuada queda de folhas, na microrregião de Teixeira de Freitas, na fase de pós-colheita.

Foi registrado a presença de broca da haste em toda

a região do Atlântico, mas sem comprometimento da produtividade.

A cochonilha da roseta está aparecendo gradativamente em reboleiras em quase todas as lavouras, demandando monitoramento e controle, para minimizar a disseminação pelos campos de cultivo de café conilon.

### 8.4.3.2. CERRADO

O principal problema fitossanitário da região é o bicho mineiro, também havendo presença de broca, cochonilha, cercosporiose e ferrugem, mas com pouca infestação. A infestação do bicho mineiro foi intensa e de difícil controle no início da safra devido às condições oriundas da estiagem e das altas temperaturas. No entanto, com a chegada das chuvas em out-

ubro, a infestação diminuiu e ficou sobre controle. As melhores eficiências no controle foram obtidas com a alternância de inseticidas sistêmicos e de contato, com a manutenção das entrelinhas vegetadas servindo de abrigo para a população natural de insetos e pequenos animais.



### 8.4.3.3. PLANALTO

A irregularidade das precipitações e as altas temperaturas potencializaram a vulnerabilidade das plantas e permitiram a ocorrência de fungos e bactérias. Observou-se a incidência do bicho mineiro nas lavouras,

### 8.4.4. CONDIÇÕES DA CULTURA

A produção de café, na Bahia, está estimada em 3.358 mil sacas beneficiadas, sendo 978 mil sacas da espécie arábica e 2.380 mil sacas da espécie conilon. A área total cultivada, em produção e em formação, está estimada em 154.567 hectares.

Comparando a safra 2017 com a safra 2016, a área cul-

#### 8.4.4.1. ATLÂNTICO

Com a colheita finalizada, estima-se a produção de 2.380 mil sacas beneficiadas, em 46.770 hectares, com a produtividade de 50,89 scs/ha.

A colheita foi iniciada em maio e finalizada em julho. A maturação dos frutos de café foi uniforme devido à tecnologia utilizada, destacando-se a utilização dos clones em linha e a utilização de irrigação em 40% dos campos de café.

A safra atual em relação à passada teve aumento de 1,9% na área colhida e crescimento de 182,7% na produtividade e da produção. A safra passada, prejudicada com a escassez das chuvas, rendeu somente 18 scs/ha. Nessa safra, as perspectivas iniciais de boas

#### 8.4.4.2. CERRADO

Com a colheita finalizada e o beneficiamento concluído, estima-se a produção de 288 mil sacas beneficiadas em 9.670 hectares, com a produtividade de 29,78 scs/ha.

Afetada pela longa estiagem ocorrida de abril a outubro de 2016, a florada ficou abaixo do desejado e apesar de possuir lavouras irrigadas e mecanizadas, a eficiência produtiva se apresentou desuniforme. Encontrou-se propriedades com rendimentos de 55 a 10 scs/ha, produtores erradicando as lavouras e substituindo pelo cultivo de grãos. O principal motivo para tal heterogeneidade tem sido a severa infestação do bicho mineiro, cujo o ciclo de vida é favorecido pelas altas temperaturas e o microclima criado nas áreas irrigadas. Na expectativa do melhor convívio com as

no entanto, convive-se com estes problemas fitossanitários através de controle químico, sem danos econômicos significativos.

tivada sofreu redução de 4,7%, sendo a cultura do café substituída pela lavoura de grãos, de fruteiras tropicais e pastagens. As estimativas mostram o crescimento de 69,6% dos rendimentos e 60,4% da produção, essa elevação é atribuída à recuperação das lavouras de café conilon.

chuvas sinalizavam o rendimento de 32,50 scs/ha, elevadas para 40,37 scs/ha em razão da ótima granação.

Com a colheita e beneficiamento da safra se constatou a excepcional formação dos grãos de café, com densidade e qualidade, que renderam a média produtiva de 50,89 scs/ha, um recorde para a região. O bom clima, a bienalidade positiva, a suplementação de irrigação em 40% das áreas e o empenho dos produtores foram fundamentais para a colheita de uma safra recorde.

Em toda região se estima que haja 2.351 hectares de lavouras em formação, dentre lavouras novas e podadas, que entrarão em produção nos próximos anos.

pragas alguns produtores têm manejado a lavoura deixando as ruas vegetadas, buscando o equilíbrio das populações entre os insetos que promovem controle biológico.

A safra atual, em relação à safra passada, apresentou retração de 14,6% da área colhida, 16,7% da produção e 2,4% nos níveis de produtividade. A safra passada e a atual sofreram os impactos negativos da severidade do clima e da escassez das chuvas, com rendimentos na ordem de 30 scs/ha, muito abaixo dos desejáveis 40 scs/ha já obtidas na região. Estima-se a erradicação de cerca de 1.100 hectares que serão substituídos pela lavoura de grãos, sendo cultivados nessa safra, 13.020 hectares de café arábica, sendo 9.670 hectares em produção e 3.350 em formação.



### 8.4.4.3. PLANALTO

Com a colheita finalizada, estima-se a produção de 690 mil sacas beneficiadas em 85.201 hectares, com a produtividade de 8,1 scs/ha.

A colheita foi iniciada em maio e finalizada em novembro do ano presente. A maturação dos frutos de café foi desuniforme, provocado pelas diversas floradas e dos diferentes tratamentos culturais aplicados às lavouras cafeeiras. O inverno se caracterizou por temperaturas amenas e boa pluviosidade, o que contribuiu para o retardo da maturação do café.

As boas chuvas, observadas no inverno do ano presente, possibilitaram a recuperação das lavouras cafeeiras, mas não a ponto de reverter a perda esperada para a safra 2017. Apesar da queda na produção de café, as plantas apresentam boas condições fisiológicas.

Buscando desocupar as plantas para a próxima safra e reduzir o custo da colheita, observou-se a colheita de café verde em setembro, sem completar o ciclo de maturação, o que contribuiu para a redução do rendimento do grão.

No município de Brejões, observou-se a colheita de café com as plantas recém-floradas, com a chuva de novembro. No município de Bonito, importante produtor da microrregião da Chapada Diamantina, a colheita também foi prolongada até o final de novembro e ainda falta, em alguns casos, “pegar o café do chão”.

Diversos produtores da região do Planalto da Conquista e da Chapada Diamantina apontaram que a piora das condições climáticas nas últimas safras tem sido um grande entrave à manutenção de uma boa produtividade, no entanto, destacou-se que a resistência de produtores a novas técnicas de manejo, a dificuldade

### 8.4.5. COMERCIALIZAÇÃO E CRÉDITO

A comercialização tem sido realizada principalmente com o mercado interno, entre produtores e indústria, e com a ação de intermediários ou corretores que fazem a triagem do café para consumo interno ou exportação. Observa-se uma grande insatisfação por parte dos produtores quanto à baixa rentabilidade da atividade cafeeira. Nesse cenário, a baixa produtividade e o elevado custo de produção é devido ao clima e aos gastos com mão de obra no cultivo e na colheita.

A frustração da safra de 2016, castigada pela estiagem, impactou negativamente no acesso ao crédito. A Bahia teve redução de 35% nos números de acesso e redução de 19% nos valores financiados, reduzindo

em investir nas lavouras pela falta de crédito rural e baixo retorno das lavouras cafeeiras, aliada à falta de assistência técnica rural, têm dificultado o acesso a melhores técnicas de cultivos.

Cafeicultores que possuem grandes áreas de cultivo, maior capacidade de investimento e empregam melhores tratamentos culturais têm buscado o adensamento e a mecanização como forma de ampliar o rendimento e reduzir os gastos trabalhistas com mão de obra. Médios produtores que vêm sentindo as perdas das últimas safras e possuem menor capacidade de investimento, fortemente dependente de mão de obra, apresentam dificuldade em ampliar a produtividade e manter a atividade cafeeira. Em contrapartida, pequenos produtores que empregam mão de obra familiar e cultivam pequenas áreas, buscam ampliar a qualidade do café colhido e concorrer a melhores preços no mercado, mas ainda esbarram no entrave da falta de assistência técnica e, principalmente, na ação de atravessadores e na dificuldade de comercialização a preços que remunerem melhor o produtor.

No Vale do Jiquiriçá, na microrregião de Brejões, tem-se observado o abandono de lavouras e a erradicação de áreas de café, perdendo espaço principalmente para a pecuária. A falta de arborização para sombreamento, a dificuldade para irrigação (outorga para irrigação e salinidade das águas) e a não reinversão dos rendimentos das lavouras em tratamentos culturais, além da falta de chuva, foram apontados como fatores que influenciam o baixo rendimento.

No município de Itiruçu os grãos de café apresentaram baixa mucilagem (café sem “mel”), o que dificultou o despulpamento do café através dos desmulsificadores mecânicos. As lavouras apresentam maturação desuniforme, o que encareceu a colheita.

em torno de 38 milhões de reais os investimentos de custeio financiados.

As regiões do Cerrado e Atlântico, caracterizadas por predomínio de cultivos empresariais, com a utilização de máquinas e irrigação e com maior capacidade de investimentos, sofreram menos com os impactos financeiros da safra passada, havendo aumento de recurso acessado, no Cerrado, em 8,4% e redução de 0,3% no Atlântico, na safra 2017, em relação à safra 2016. A região do Planalto, caracterizada por predomínio de cultivos de pequenos produtores, com emprego de mão de obra familiar, sofreu fortemente os impactos financeiros da baixa produção na safra



passada, tendo redução de cerca de 60% no valor de recursos acessados para o custeio e redução de 48%

no número de acessos para a safra 2017 em relação à safra 2016.

## 8.5. RONDÔNIA

### 8.5.1. INTRODUÇÃO

Ainda é comum a existência de lavouras com baixa produtividade e outras em pleno declínio de produção. Nessas lavouras se utiliza o sistema tradicional, com baixo padrão tecnológico, sem irrigação, ou pouco utilizada, controle de pragas e doenças, calagem, poda e desbrota. Aliado a isso, a maioria das lavouras de café em Rondônia foi implantada inicialmente com sementes trazidas pelos agricultores de regiões produtoras tradicionais de outros estados e sem controle oficial.

Nos polos tradicionais da cafeicultura onde estão concentrados um maior número de produtores e conseqüentemente as maiores produções, a cultura do café está passando por um processo gradativo e permanente de substituição das lavouras existentes, por lavouras novas utilizando-se clones com elevado potencial produtivo.

Essa mudança exige uma maior profissionalização e

conscientização do produtor no preparo e retirada de amostras de solo, com objetivo de enviá-las aos laboratórios para sua análise e também o uso racional e sustentável da água para irrigação, na interpretação e recomendação de fertilizantes, corretivos e agrotóxicos, no correto manejo das hastes por hectare, desbrotas, poda, enfim, um melhor manejo da cultura.

A Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril (Idaron) tem exigido a análise laboratorial das raízes das mudas comercializadas pelos viveiristas cadastrados no Registro Nacional de Sementes e Mudas (Renasem), para detecção do nematoide das galhas, objetivando assim maior segurança para quem adquire mudas para implantação da cultura no estado. Recentemente alguns viveiros tiveram que inutilizar diversas mudas, porque o exame realizado nas raízes detectou a presença de nematoides do gênero *Meloidogyne* sp.

### 8.5.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas foram bastantes favoráveis no decorrer da safra em todas as regiões produtoras do estado, contribuindo para o aumento da produção. Junho, julho e agosto foram marcados por altas temperaturas, intensa radiação solar, pouca nebulosidade e precipitação quase nula. Mais susceptíveis a esses fatores são aquelas lavouras de cafés estabelecidas de longa data, cujo plantio se deu via sementes e geralmente sem irrigações. Já nas lavouras de cafés clonais, na sua maioria dotada do sistema de irrigação, as plantas não chegaram a ser prejudicadas. As chuvas esparsas e isoladas, que ocorreram no final de agosto e em setembro, favoreceram a emissão floral

e a manutenção das floradas. A partir de outubro as chuvas foram mais bem distribuídas e bastantes favoráveis à recuperação e formação dos frutos. O período chuvoso se estendeu até março, propiciando um bom desenvolvimento das plantas e beneficiando a expansão e a granação dos frutos.

Com a redução das chuvas em abril e a entrada do período seco, teve início a colheita que se estendeu até a primeira quinzena de julho, quando então houve o encerramento desse processo em todo o estado de Rondônia.

### Quadro 6 – Monitoramento agrometeorológico: análise de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases\* do café em Rondônia

Rondônia													
Ano							2017						
Meses	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Fases*	R/F	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C

\* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

\*\* maior concentração na região norte.

Favorável
  Baixa restrição falta de chuva
  Média restrição falta de chuva



### 8.5.3. CONDIÇÕES DA CULTURA

A área plantada de café foi de 83.339 hectares, sendo 74.255 hectares em produção e 9.084 hectares em formação. A área plantada em 2017 foi 11,9% inferior à safra passada, essa redução da área em produção se deve a um processo constante que está sendo vivenciado pela cafeicultura em Rondônia, com a renovação do material genético, visto que os produtores, nesse primeiro momento, estão utilizando áreas menores, porém com melhor uso de tecnologia. Esse material genético, por sua vez, ainda não está expressando o seu máximo potencial.

A produtividade média no estado, de 26,1 scs/ha, é 40,6% superior à da safra passada. Esse aumento expressivo é capitaneado por materiais genéticos mais responsivos, melhor manejo da cultura envolvendo calagem e adubação com base em análise de solo, inclusive adubação fosfatada na cova e de cobertura, uso de irrigação por gotejamento nas lavouras de ca-

### 8.5.4. CRÉDITO RURAL

Os recursos disponibilizados pelos bancos oficiais e cooperativas de crédito bem como o fluxo de liberação dos créditos pelos agentes financeiros ocorreram satisfatoriamente. Os atrasos registrados na liberação

### 8.5.5. COLHEITA E COMERCIALIZAÇÃO

Em março foram colhidas 10% da área, 30% em abril, 35% em maio, 20% em junho e em julho foram colhidas os 5% restantes, quando então foi encerrada a colheita em todo o estado. Em alguns municípios, parte da colheita foi feita de forma semimecanizada com o uso de recolhedoras de café. A oferta de mão de obra foi suficiente para que toda a produção fosse colhida sem atrasos.

A maioria dos produtores iniciaram a colheita do produto em março, mesmo com elevado percentual de frutos verdes, conseqüentemente acarretando baixo rendimento e prejudicando a qualidade de café beneficiado. Assim, uma boa parte da produção não foi colhida de acordo com o calendário.

A antecipação da colheita do produto no estado ocor-

## 8.6. PARANÁ

### 8.6.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas registradas durante o ciclo de produção, com chuvas e temperaturas dentro da média, favoreceram o desenvolvimento das lavouras e contribuíram para consolidar a produção de ciclo alto,

fés clonais, controle de pragas e doenças e condições climáticas favoráveis durante o ciclo evolutivo da cultura.

As pragas mais comuns observadas nos cafezais de Rondônia em 2017 foram a cochonilha-da-roseta, cochonilha-da-raiz, ácaro vermelho, bicho-mineiro e a broca-do-café. Porém, neste aspecto, cabe ressaltar que em todas as regiões visitadas há predomínio da cochonilha-da-roseta. Em outro aspecto, com relação às doenças, as mais presentes foram ferrugem, cercosporiose, seca-de-ponteiros e mal de Koleroga.

Os produtores estão cada vez mais envolvidos e interessados em melhores informações e assistência técnica, portanto, mais atentos aos cuidados que a lavoura requer, tanto na realização dos controles químicos, biológicos, natural e cultural como em outros tratamentos culturais de forma a garantir melhor produtividade.

de alguns projetos aconteceram em casos isolados devido ao tempo necessário para liberação de outorga de uso da água, a qual passa a ser uma exigência quando das implantações das lavouras com irrigação.

reu, em parte, em razão dos preços praticados no início da safra, os quais atingiram patamares considerados satisfatórios, bem como a necessidade de pagamentos de compromissos em fase de vencimento, os quais foram assumidos pelos produtores, além daquelas despesas imediatas de custeio envolvendo as etapas de colheita e secagem.

Aqueles produtores que retiveram parte da sua produção e apostaram em preços melhores estão aprensivos, pois a saca que foi vendida no início da safra por até R\$ 400,00, atualmente não passa de R\$ 315,00. Cerca de 8% da safra ainda não foi comercializada e esses estoques estão armazenados em instalações próprias (tulhas/armazéns) ou depositados nas máquinas/cerealistas, quando essas ficam responsáveis pelo processamento e compra dos produtos.

atingindo a média de 26,26 scs/ha. A colheita teve início em maio e avançou até meados de setembro, oscilando em períodos com chuvas e estiagens, predominando tempo seco a partir de meados de junho,



colaborando para o bom andamento dos trabalhos de derrça e secagem. Embora a maturação dos frutos tenha sido desuniforme devido as diversas floradas, o

### 8.6.2. CONDIÇÕES DA CULTURA

O Paraná colheu um volume estimado de 1,21 milhão de sacas beneficiadas, um aumento de 15,6% em comparação com a produção colhida em 2016, de 1,05 milhão de sacas, um crescimento normal, considerando que 2017 foi o ciclo de bienalidade positiva. Por outro lado, a área cultivada sofreu redução de cerca de 2%

### 8.6.3. COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização ocorre em ritmo mais lento que em períodos anteriores devido os preços recebidos estarem abaixo do esperado, apresentando queda desde o início da safra, quando os produtores mais necessi-

## 8.7. RIO DE JANEIRO

### 8.7.1. INTRODUÇÃO

O acompanhamento da safra de café no Rio de Janeiro é realizado na região sul, serrana, norte e noroeste do

### 8.7.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

O parque cafeeiro é formado por 44.106,4 mil plantas, das quais 2.142,5 mil estão em formação e 41.963,9 mil em produção. A colheita do produto foi distribuída em maio (16,2%), junho (23%), julho (26,3%), agosto (27,8%) e setembro (6,7%).

A área plantada em produção atingiu 13.053 hectares, superior em 31 hectares aos 13.022 hectares da safra 2016. Já a área em formação gira em torno de 857 hectares. Com isso, a área total estimada deve chegar a 13.910 hectares. A produção apresentou crescimento de 0,5%, alcançando 349 mil sacas, com um aumento

### 8.7.1. COMERCIALIZAÇÃO

O parque cafeeiro é formado por 44.106,4 mil plantas, daA comercialização varia da subsistência à venda do café gourmet, passando pela comercialização tradicional de café em coco ou beneficiado e pela comercialização de café orgânico por associação de produtores. Os produtos são destinados a feiras de produtores, às torrefações locais, a intermediários que vendem para torrefações e enviam para exportação e

clima durante a colheita contribuiu para obter melhor qualidade da bebida.

em relação à existente na safra anterior. O cultivo total das lavouras soma aproximadamente 49,01 mil hectares, com 46,07 mil em produção, representando 94%, e 6% formado por lavouras novas que não atingiram idade produtiva, nessa safra.

tam de recursos para custear os trabalhos de colheita. quinias/cerealistas, quando essas ficam responsáveis pelo processamento e compra dos produtos.

estado, juntos aos técnicos ligados ao setor cafeeiro.

de 1,6 mil sacas, quando comparada à obtida na safra 2016, que foi de 347,4 mil sacas.

O aumento na produção da safra informada para 2017 se deve, principalmente, às condições climáticas favoráveis em algumas regiões, bem como os tratos culturais e expectativa de preço no mercado futuro.

As pragas não chegaram a afetar o cafezal a ponto de se observar uma situação que pudesse comprometer a cultura em seus estágios. As pragas são as conhecidas como ferrugem, broca do café, dentre outras.

até para venda na própria fazenda, como no caso de circuitos turísticos de café.

A maioria dos produtores procuram comercializar o café nos próprios municípios, nas regiões próximas, e vendem também para o Espírito Santo. Grande parte é comercializada pelo município de Varre Sai, que faz divisa com o Espírito Santo.



## 8.8. GOIÁS

### 8.8.1. INTRODUÇÃO

Goiás se caracteriza por duas estações climáticas bem definidas. A primeira é chuvosa e se inicia entre setembro e outubro e vai até abril. A segunda é seca, marcada por grande deficiência hídrica. A estação seca se inicia em abril ou maio e se estende até setembro ou outubro, apresentando, dessa forma, um período de cinco a seis meses de deficiência hídrica. A disponibilidade hídrica é um dos principais fatores da produtividade do cafeeiro. Nas fases fenológicas de vegetação e formação das gemas foliares, florada e granação dos frutos, a deficiência hídrica pode reduzir muito a produtividade. Por outro lado, uma deficiência hídrica entre julho e agosto (meses secos em Goiás), período anterior à antese, pode se tornar benéfica, favorecendo uma florada mais uniforme nas primeiras chuvas de setembro.

Os solos de Goiás, onde a classe de solo predominante é o latossolo, possuem características granulométricas que permitem boa retenção de água, porém sem encharcamento e nutrientes para as plantas de café, mas antes da implantação da cultura necessita de

### 8.8.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As informações de pluviosidade, armazenamento de água no solo e temperaturas médias diárias das regiões produtoras de café demonstram uma temperatura média acima do ideal entre o início de setembro até meados de dezembro de 2016, período de florada, chumbinho e expansão dos frutos e granação. Porém, essas temperaturas se apresentaram mais amenas em relação ao período de florada da safra anterior, que ocorreu entre setembro e novembro de 2015. Embora as temperaturas estivessem mais amenas nesse período de florada em relação à safra passada, podemos observar uma restrição hídrica até outubro de 2016, com temperaturas acima da média.

Embora a maioria dos produtores não relataram falta de água nas barragens e leitos de cursos d'água, chegaram informações de dificuldades para alcançar lâminas d'água adequadas para a irrigação das lavouras em decorrência do solo extremante seco e da baixa umidade relativa do ar. Tais fatos climatológicos, aliados a um período de bienalidade negativa na maior parte das lavouras cafeeiras em Goiás, contribuíram para uma florada menos vigorosa.

Em virtude do baixo nível da disponibilidade de água nas barragens, verificamos que alguns produtores mudaram o método utilizado de irrigação, passando da utilização de aspersão convencional (canhões e

correção de acidez e toxidade por alumínio e ferro e boa adubação.

As topografias relativamente planas em Goiás favorecem a mecanização da cultura. Outras características positivas para a cultura são a ausência de solos encharcados, de chuvas durante a colheita e de geadas. Tais condições permitem a produção em alto rendimento da cultura do café em Goiás sob equipamentos de irrigação, alcançando uma produtividade média próxima aos 40 scs/ha, quase o dobro da produtividade nacional.

Os cafeeiros comerciais em Goiás são produzidos em cerca de 46 estabelecimentos rurais e aproximadamente 20 municípios, concentrados nas regiões leste, entorno do Distrito Federal e em algumas regiões pontuais do estado. As áreas cultivadas variam de 6 a 1.200 hectares, com utilização de baixas a altas tecnologias, mão de obra familiar e propriedades geradoras de uma grande quantidade de empregos.

pivô central) para microaspersão ou gotejamento.

Outra constatação vista em campo foi que, haja vista as altas temperaturas e a baixa umidade do solo e do ar no período de inverno vivenciado neste ano, vários produtores deixaram de realizar a sincronização da florada por meio de estresse hídrico ou utilizando-o com maior cautela, alegando um elevado sofrimento das plantas nos períodos sem o fornecimento de água, ocasionando escaldaduras, perda de folhas e diminuição da densidade do dossel e, por consequência, diminuição da produtividade.

Apesar das propriedades visitadas não possuírem estações meteorológicas para acompanhamento das condições climáticas, podemos observar que nas estações disponíveis do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), localizadas nas regiões que possuem lavouras, pode-se observar dias com temperaturas altas também na fase de enchimento e desenvolvimento dos grãos. As lavouras sob pivôs centrais conseguiram amenizar esses problemas em razão da irrigação, que cria um microclima adequado para o café.

Os dias com alta temperatura trouxeram dificuldades no combate de pragas e doenças. Algumas propriedades fizeram uso de aplicações extras contra o ácaro, ferrugem e bicho mineiro.



## Quadro 7 – Monitoramento agrometeorológico: análise de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases\* do café em Goiás

Goiás												
Ano	2017											
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F**	F**	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C

\* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

\*\* maior concentração na Região Norte.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição geadas
---	---	---	---

### 8.8.3. CONDIÇÕES DA CULTURA

A previsão da safra 2017 é de diminuição da área em produção pelo segundo ano consecutivo. Tal redução se refere à diminuição de área plantada propriamente dita (arranquios, abandono de lavouras e desistência da atividade), e em maior importância, as podas drásticas intensificadas nos últimos dois anos devido a uma maior conscientização dos produtores de café em realizar tal procedimento com vistas a revigorar as lavouras, promovendo a sustentabilidade da atividade.

Há um incremento de áreas em formação nos dois últimos anos em contraste com a área em produção. Devido ao pequeno incremento de áreas com plantios novos, podemos afirmar que o crescimento das áreas em formação, nesses dois últimos anos, deve-se à realização de podas drásticas em plantas com baixo vigor, geralmente provocado pela idade e/ou pelo acúmulo de pragas e desgastes naturais. A maioria das áreas em Goiás são relativamente compostas de parques cafeeiros mais velhos e que em algumas áreas chegam a quase 20 anos, uma idade considerada avançada para cafezais irrigados de alta produtividade.

Sob a ótica da área total (somadas as áreas em produção e as áreas em formação) fica nítida a firme redução gradativa da área de produção de café em Goiás desde o ano de 2012. Tal redução se deve, em maior parte, ao abandono da atividade nesses últimos anos, quer seja pelo abandono das plantas ou pela substituição da atividade cafeeira pelo plantio de grãos, fibras e outras atividades agropecuárias.

Nessa presente safra, a bienalidade negativa, na maior parte dos cafezais, foi um fator fundamental na diminuição da produtividade média observada. Além da bienalidade negativa, fatores como clima, manejo,

adubação, pragas e idade do cafezal sempre interferem na produtividade.

Os ataques de pragas foram os limitadores da produtividade nessa presente safra. Todos os produtores relataram ataques do bicho mineiro e em menor escala a broca do cafeeiro, que são as pragas que mais trazem prejuízos à cultura cafeeira em Goiás e no Brasil. Destacamos também que a explosão populacional do bicho-mineiro foi favorecida devido às temperaturas elevadas nessa presente safra.

Temperaturas elevadas durante a fase fenológica reprodutiva, especificamente de setembro a novembro de 2016, e a baixa umidade do ar e do solo também influenciaram negativamente para a diminuição da produtividade nessa presente safra em comparação com a safra anterior. Tudo isso reflete numa produtividade inferior à safra 2016.

A safra de café 2017 em Goiás foi de 190,2 mil sacas, uma redução de 36,6 mil sacas, (16,1%) inferior à produção da safra 2016. A redução de produção da safra vindoura se deve à redução de 2% da área em produção e principalmente da redução de 14,5% na produtividade média, ocasionado principalmente pela bienalidade negativa.

A colheita de café se encerrou em agosto. Como as áreas em Goiás são planas, praticamente 100% da colheita é mecanizada, sendo o serviço terceirizado ou próprio. Produtores em Goiás que possuem propriedades em Minas Gerais (especificamente no triângulo mineiro) deslocam suas máquinas após a colheita para a região do leste goiano, onde se concentra a maior produção em Goiás.



#### 8.8.4. COMERCIALIZAÇÃO

Os produtores armazenam seus estoques de melhor qualidade, comercializando apenas o de padrão inferior, aguardando preços melhores. Os estoques, mesmo que pequenos, estão estocados na principal cooperativa do estado e algumas propriedades armazenam até mesmo em coco. Devido aos preços ainda serem considerados baixos, os produtores negociam

aos poucos sua produção.

Os preços em outubro e novembro mantiveram estáveis nos principais municípios produtores. O comportamento nos municípios produtores de Goiás acompanham a tendência do mercado do triângulo mineiro.

### 8.9. MATO GROSSO

#### 8.9.1. INTRODUÇÃO

Em Mato Grosso, a expectativa de incremento de área em formação decorre de políticas públicas implementadas no âmbito do governo estadual como, por exemplo, o Programa de Revitalização da Cafeicultura no Estado de Mato Grosso (Pró Café MT), que tem como objetivo fomentar e fortalecer a cadeia produtiva do café nas regiões norte e noroeste do estado, como alternativa sustentável de geração de renda para conter o desmatamento nos selecionados municípios produtores dessas regiões, também parceiros do Programa (Alta Floresta, Carlinda, Nova Bandeirantes, Nova Monte Verde, Aripuanã, Colniza, Cotriguaçu, Juína e Rondolândia).

O estágio de algumas ações técnicas operacionais, no

bojo desse Programa, como as capacitações e a estruturação dos viveiros já realizadas, reforça o entendimento sobre possível alteração da área em formação.

Os viveiros de mudas, localizados nos municípios de Aripuanã e Nova Bandeirantes produziram, cada um, 250.000 mudas de café conilon, cuja distribuição para os municípios participantes (50.000/município) ocorreu esse ano. Ainda com a finalidade de formação de jardim clonal foram distribuídas para cada município participante 1.200 mudas do cultivar Conilon BRS Ouro Preto, todas já plantadas, que dentre as diversas características agrônômicas, apresenta boa resistência à restrição hídrica.

#### 8.9.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

O início da safra de café foi marcado pelo padrão de normalidade das condições climáticas, com bons índices pluviométricos e regularidades das chuvas, o que propiciou boa floração e frutificação da cultura.

Essa normalidade favoreceu o desenvolvimento das lavouras de café em Mato Grosso. Porém, durante a

fase de floração e frutificação houve períodos de estiagem em alguns municípios do estado, que afetou o pegamento das floradas e o enchimento dos grãos, influenciando negativamente algumas lavouras e diminuindo a expectativa inicial de produtividade. O excesso de chuvas, ocorrido em abril, dificultou o início da colheita.

#### 8.9.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

A área em produção de café conilon em Mato Grosso somou 9,5 mil hectares. Para a safra 2017, a redução foi de 32,6% em relação aos 14,1 mil hectares da safra 2016. De maneira geral, a diminuição da área em produção se deve ao abandono de áreas improdutivas ou de difícil recuperação, sendo a melhor opção a renovação das áreas com mudas clonais, tecnologia que garante maior produtividade à cultura e permite ainda um produto de melhor qualidade em relação ao plantio tradicional por sementes. Assim, o produtor consegue um melhor preço pelo produto e garante melhor renda.

As áreas em formação, nesse ano são, em sua totalidade, compostas por mudas clonais, tecnologia que

vem sendo implantada na região e que permite maior número de plantas por hectare, maior produtividade e, conseqüentemente, maior produção. Essas áreas somaram 2.123 hectares, 34,6% superior à safra 2016, que era de 1.577 hectares.

Essas áreas, em formação de café clonal, foram implantadas com parte de mudas obtidas em Rondônia, por meio do Pro Café MT, e também por mudas produzidas em viveiros particulares e conveniados com os municípios.

A produção de café conilon foi de 90,4 mil sacas de café, 27,2% menor que a safra 2016, quando a produção foi de 124,1 mil sacas. A queda da produção se deve



à redução das lavouras, as quais estão muito antigas e foram abandonadas, sem que haja a possibilidade de recuperação.

As lavouras não afetadas pela estiagem durante a florada e que receberam as chuvas bem distribuídas apresentaram boa produção, elevando a produtividade do estado para 9,6 scs/ha. Contudo, quando se compara com a evolução das safras, nos demais estados produtores, as causas do baixo desempenho

## 8.10. AMAZONAS

### 8.10.1. INTRODUÇÃO

O ano de 2017 foi marcado pelo avanço do acompanhamento da safra brasileira de café para o Amazonas, estado que vem se destacando pela produção de café orgânico e pelas práticas agroecológicas utilizadas para o manejo da cultura. Assim, esse estado passa a fazer parte do monitoramento realizado pela Co-

### 8.10.2. HISTÓRICO

O plantio de café nessa região remonta há mais de uma década, quando os colonizadores do antigo assentamento, que deu origem ao município, trouxeram sua tradição de plantio de café de seus estados de origem, principalmente o Paraná.

O sistema de plantio é prioritariamente familiar, caracterizado pelas pequenas áreas de plantio, pouca adoção de tecnologia e conseqüentemente com obtenção de baixa produtividade.

Ao longo dos anos, a baixa rentabilidade financeira obtida pelo café desmotivou muitos agricultores a continuar com a atividade, sendo grande parte das áreas substituídas pela pastagem para a criação de gado extensivo. Uma nova perspectiva para a retomada do cultivo de café na região se deu em meados de 2008, com o início da adoção de práticas agroecológicas, principalmente do uso de consórcio com espécies arbóreas para sombreamento e fixação biológica de nitrogênio (leguminosas).

Em 2012 se iniciou um projeto, coordenado pelo Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam), que preconiza a adoção de práticas agroecológicas no sistema de manejo. O projeto está caminhando para a certificação orgânica de um grupo de agricultores, como caminho para incremento da rentabilidade da atividade e da redução dos custos de produção. Práticas de manejo como adubação orgânica foliar, adubação orgânica do solo (compostagem), monitoramento de pragas e doenças e controle das plantas daninhas nas entrelinhas, com

podem ser atribuídas ao inadequado manejo das lavouras.

Em relação à área de café arábica no estado, os dois municípios produtores somam uma área de 45 hectares, 35,7% menor que a safra passada (70 hectares), e apresentam produtividade de 24,44 scs/ha. A produção foi de 1,1 mil sacas, 14,1% de redução ante à safra 2016, na qual foram colhidas 1,3 mil sacas.

nab com objetivo de mensurar os dados da produção nacional dessa cultura. Os números foram levantados em atividade de campo na região de Apuí onde há a maior expressão na produção de café nos estados e que possui unidade de processamento (torragem e moagem) para obtenção do produto finalístico.

a possibilidade de uso de espécies de leguminosas como cobertura do solo, abrem a perceptiva de incremento da produtividade dessas áreas em até 30% para 2017.

Todo o café cultivado no Amazonas é da espécie conilon, por conta da sua maior rusticidade e maior adaptação às condições de floresta tropical. A média estadual para esta variedade está muita abaixo da média nacional, enquanto que no restante do país a produtividade chega a 25 sc/ha a média do estado está estimada em 15 sc/ha.

Porém foram implantadas em 2015 três unidades de observação de café clonal da variedade BRS Ouro Preto em cultivo orgânico. As áreas das unidades de observação variam de 0,3 a 0,5 hectares, onde já foi realizada a primeira colheita em 2017, com o intuito de melhorar o rendimento da cultura no estado.

A introdução de mudas clonais nas áreas da maioria dos cafeicultores se apresenta como o fator de grande esperança para a manutenção da atividade no município em razão da uniformidade da produção e da alta produtividade.

Atualmente o espaçamento adotado na maioria das áreas é de 3 m x 2 m, com aproximadamente 1.666 plantas por hectare. A colheita é realizada conforme o grau de maturação, quando a planta atinge acima de 70% de grãos maduros.

Os produtores pertencentes ao grupo agroecológico recebem, em parceria com a empresa de cosméticos,



um aporte de R\$ 600,00 por ano, a título de pagamento pelos serviços ambientais relacionados ao plantio de espécies florestais em consórcio com o cafezal (le-

guminosas e espécies florestais – ingá, paruá, ipê etc.), que atuam no sequestro de carbono.

### 8.10.3. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas foram favoráveis para a cultura como um fator preponderante para o incremento de produtividade em 2017 em relação à safra 2016. Há um abandono de grande parte das áreas plantadas com café, excetuando os agricultores que fazem parte do grupo do manejo agroecológico, que retomaram a condução do plantio, seguindo os princípios agroecológicos. Essas práticas de manejo já permitem

observações na melhoria sanitária do pomar devido à nutrição dessas.

A maioria dos pomares são de mais de dez anos, tendo seu início de implantação através da produção das próprias mudas por parte dos agricultores, sem utilização de variedades produtivas ou de melhor adaptação à nossa realidade.

### 8.10.4. CONDIÇÕES DA CULTURA

No que diz respeito à safra de café para o ano de 2017, o incremento de produção está relacionado principalmente com os aspectos da bienalidade, ou seja, o retorno da planta do período fisiológico de acúmulo de reserva (baixa produção) para o início do período de expressão dessas reservas em produção de frutos, além das condições climáticas favoráveis.

nas entrelinhas de plantio. Nesse cenário específico se alcançou um incremento de até 25% da safra de 2017 em relação à safra 2016.

No caso específico das áreas manejadas no sistema agroflorestal, além dos fatores acima mencionados, também atuará de forma significativa no incremento de produção da safra de 2017 o manejo nutricional realizado com os compostos orgânicos ou mesmo pela fixação biológica do solo através do uso de legumino-

Mesmo considerando o fator da bienalidade como de grande relevância para a definição da produção no cultivo do café, e a despeito do abandono de parte desses cafezais menos produtivos, ainda assim há um incremento de 17,3% na área total do estado em 2017. O único relato da existência de ataques de pragas no município foi relacionado à broca-do-café, sendo o seu controle realizado através do uso de armadilhas, com atrativos naturais.

### 8.10.5. BENEFICIAMENTO

O café colhido na região é beneficiado em Apuí, em uma agroindústria local. O produto finalístico possui duas formas de apresentação, sendo uma para o mercado local e de municípios vizinhos, produto que recebe um percentual de café arábica para produzir um

blend mais barato, tendo em vista que esse café arábica é proveniente de outros estados. O produto tido como de primeira linha é embalado como café agroflorestal e é 100% conilon, com grãos selecionados.

### 8.10.6. COMERCIALIZAÇÃO

A região possui todos os elos da cadeia produtiva para obtenção do produto final do cultivo do café. A produção colhida pelos agricultores é comercializada após a retirada da quantidade destinada ao autoconsumo. Nessa fase é realizada a classificação do produto, com o incremento de pagamento devido à quantidade de defeitos, conforme as especificações abaixo:

Café entre 0 e 300 defeitos = incremento de R\$ 30,00.  
Café entre 301 -450 defeitos = incremento de R\$ 20,00.  
Café acima de 451 defeitos = incremento de R\$ 10,00.

O incremento é pago pelo segundo elo da cadeia, que

é a agroindústria responsável pela torrefação e moagem dos grãos, porém, é antecipado pelo cerealista no ato da entrega do café em coco.

O café torrado e moído é vendido com a marca de “Café Apuí Agroflorestal” em embalagens de 250 gramas, porém após a certificação orgânica essa marca será substituída pelo “Café Orgânico Apuí”.

Na condição de melhor qualidade do café (até 300 defeitos) e com o acréscimo de 20% após a certificação orgânica, o produtor que segurou o café na propriedade receberá R\$ 390,00 pela saca de 60 quilos de café.





## 9. RECEITA BRUTA

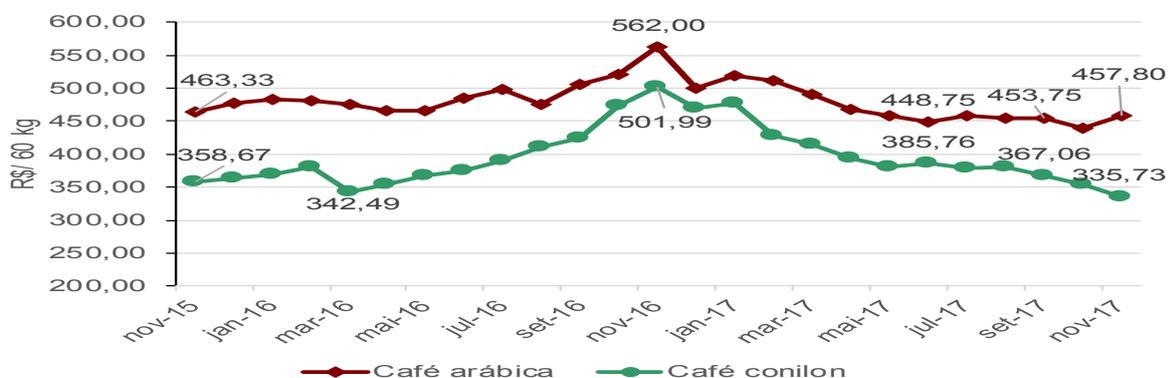
**D**e acordo com os dados do quarto levantamento, a produção brasileira de café arábica e conilon, na safra 2017, deverá ser de 44,97 milhões de sacas de café beneficiado, 12,5% abaixo da obtida em 2016 – 51,37 milhões de sacas.

A redução da safra foi influenciada pelo efeito da bialidade negativa da lavoura, principalmente nos cultivos de café arábica, uma vez que o café conilon, embora também esteja sujeito às influências do ciclo bial de produção, esta situação se manifesta com menor intensidade devido às práticas de manejo e ao fato de ser uma espécie mais rústica, e, por isso, menos suscetível às adversidades do que o arábica.

Os maiores produtores nacionais de café arábica e conilon são respectivamente, Minas Gerais e Espírito Santo. Em Minas deverão ser produzidas 24,10 milhões de sacas de café, o que corresponde a 70,4% do total de arábica e o Espírito Santo; 5,92 milhões de sacas ou 55,17% do total de conilon produzido no Brasil.

O comportamento dos preços praticados de novembro de 2015 a novembro de 2017 para o café conilon, no Espírito Santo e arábica em Minas Gerais, pode ser observado no gráfico a seguir.

**Gráfico 20 - Preços mensais recebidos pelos produtores de café arábica, em Minas Gerais e de café conilon, no Espírito Santo**

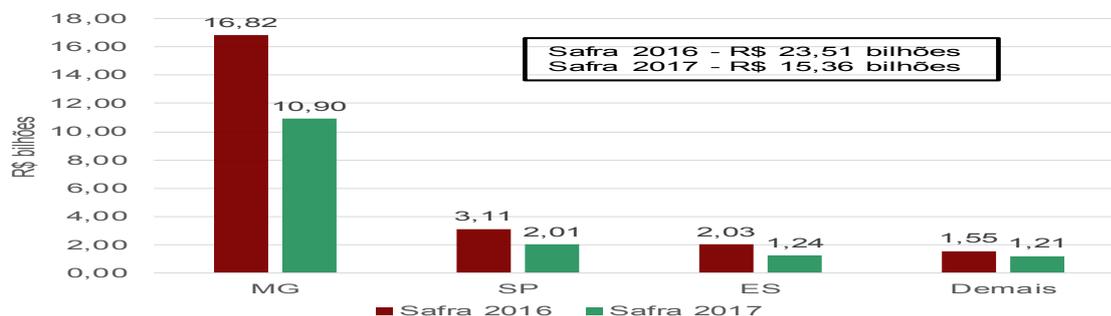


Fonte: Conab.

Considerando as estimativas de produção divulgados para as safras 2016 e 2017 e os preços médios pagos aos produtores em novembro de 2016 e de 2017, respectivamente, a receita bruta de café arábica foi esti-

mada em R\$ 15,36 bilhões, na safra 2017, 34% inferior aos R\$ 23,51 bilhões da safra 2016 (Gráfico 2)..

**Gráfico 21 - Receita bruta de café arábica - Safras 2016 e 2017 - Preços nominais - 08/2016 e 08/2017**



Fonte: Conab.

Tanto a produção como os preços observados apresentam participação relevante na menor receita auferida para o produtor de café arábica, nos períodos em análise. A produção nacional de café arábica declinou, entre as safras de 2017, e 2016, um montante de 9,1 milhões sacas. Além disso, quando comparados

os preços praticados em novembro de 2016 e novembro de 2017 percebe-se um declínio de 17,2% no valor nacional médio de comercialização. Esses dois fenômenos foram relevantes para a diminuição de 8,1 bilhões de reais na receita bruta advinda do comércio do café arábica no Brasil.



Tabela 7 - Estimativa da receita bruta - Café arábica beneficiado

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	08/2016	08/2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RO	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AM	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	1.267,2	981,0	-22,6	470,30	447,36	-4,9	595.964,2	438.860,2	-26,4
BA	1.267,2	981,0	-22,6	470,30	447,36	-4,9	595.964,2	438.860,2	-26,4
Cerrado	345,6	291,0	-15,8	470,30	447,36	-4,9	162.535,7	130.181,8	-19,9
Planalto	921,6	690,0	-25,1	470,30	447,36	-4,9	433.428,5	308.678,4	-28,8
Atlântico	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-OESTE	228,1	181,2	-20,6	484,00	450,86	-6,9	110.390,7	81.695,8	-26,0
MT	1,3	1,1	-14,1	484,00	450,86	-6,9	619,5	495,9	-20,0
GO	226,8	180,1	-20,6	484,00	450,86	-6,9	109.771,2	81.199,9	-26,0
SUDESTE	40.738,4	31.638,3	-22,3	475,89	454,26	-4,6	19.386.875,7	14.371.891,2	-25,9
MG	30.427,9	24.041,0	-21,0	477,03	454,46	-4,7	14.515.021,1	10.925.672,9	-24,7
Sul e Centro-Oeste	16.627,7	13.219,0	-20,5	477,03	454,46	-4,7	7.931.911,7	6.007.506,7	-24,3
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	7.401,6	3.975,0	-46,3	477,03	454,46	-4,7	3.530.785,2	1.806.478,5	-48,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	5.889,4	6.361,0	8,0	477,03	454,46	-4,7	2.809.420,5	2.890.820,1	2,9
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	509,2	486,0	-4,6	477,03	454,46	-4,7	242.903,7	220.867,6	-9,1
ES	3.932,1	2.920,0	-25,7	438,60	439,13	0,1	1.724.619,1	1.282.259,6	-25,7
RJ	347,4	349,0	0,5	445,00	432,53	-2,8	154.593,0	150.953,0	-2,4
SP	6.031,0	4.328,3	-28,2	496,21	465,08	-6,3	2.992.642,5	2.013.005,8	-32,7
SUL	1.047,0	1.265,0	20,8	438,75	434,97	-0,9	459.371,3	550.237,1	19,8
PR	1.047,0	1.265,0	20,8	438,75	434,97	-0,9	459.371,3	550.237,1	19,8
OUTROS(*)	101,5	58,8	-42,1	468,75	473,34	1,0	47.578,1	27.832,4	-41,5
NORTE/NORDESTE	1.267,2	981,0	-22,6	470,30	447,36	-4,9	595.964,2	438.860,2	-26,4
CENTRO-SUL	42.013,5	33.084,5	-21,3	475,01	453,50	-4,5	19.956.637,7	15.003.824,1	-24,8
BRASIL	43.382,2	34.124,3	-21,3	474,85	453,36	-4,5	20.600.180,0	15.470.516,6	-24,9

Legenda: (\*) AC, CE, PE, MS e DF

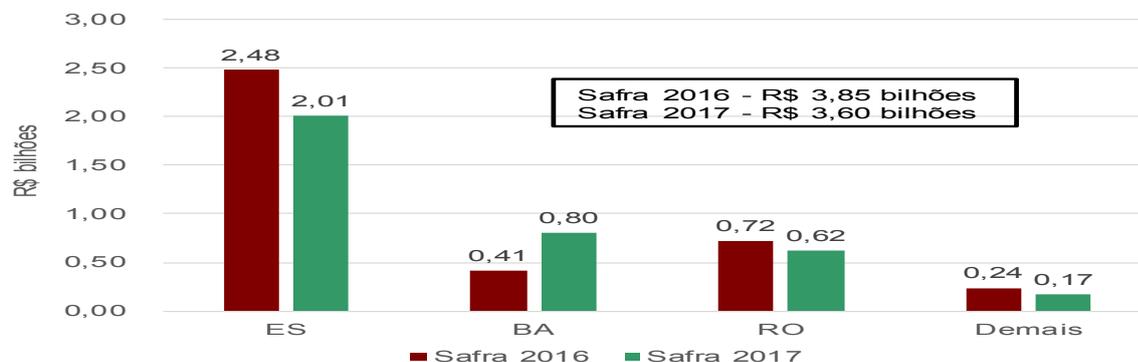
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Quanto ao café conilon, o quadro atual apresenta aumento substancial para a produção e queda também relevante para os preços, observando-se, assim, ligeira

queda na receita dos produtores dessa espécie.

Gráfico 22 - Receita bruta de café conilon - Safras 2016 e 2017 - Preços nominais - 08/2016 e 08/2017



Fonte: Conab.



**Tabela 8 - Estimativa da receita bruta - Café conilon beneficiado**

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR %	08/2016	08/2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	1.642,0	1.952,9	18,9	-	-	-	615.451,5	739.930,5	20,2
RO	1.626,9	1.938,2	19,1	375,69	379,30	1,0	611.210,1	735.159,3	20,3
AM	6,0	7,5	24,7	240,00	320,00	33,3	1.440,0	2.393,6	66,2
PA	9,1	6,8	-25,3	307,85	349,65	13,6	2.801,4	2.377,6	-15,1
NORDESTE	826,1	2.380,0	188,1	404,00	375,00	-7,2	333.744,4	892.500,0	167,4
BA	826,1	2.380,0	188,1	404,00	375,00	-7,2	333.744,4	892.500,0	167,4
Cerrado	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-	-
Planalto	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-	-
Atlântico	826,1	2.380,0	188,1	404,00	375,00	-7,2	333.744,4	892.500,0	167,4
CENTRO-OESTE	124,1	83,4	-32,8	375,69	379,30	1,0	46.623,1	31.633,6	-32,2
MT	124,1	83,4	-32,8	375,69	379,30	1,0	46.623,1	31.633,6	-32,2
GO	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	5.331,5	6.249,1	17,2	410,66	385,52	-6,1	2.189.421,9	2.409.133,4	10,0
MG	296,2	334,1	12,8	404,33	388,88	-3,8	119.762,5	129.919,4	8,5
Sul e Centro-Oeste	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-	-
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-	-
Zona da Mata, Rio Doce e Central	192,5	217,2	12,8	404,33	388,88	-3,8	77.833,5	84.459,3	8,5
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	103,7	116,9	12,7	404,33	388,88	-3,8	41.929,0	45.460,1	8,4
ES	5.035,3	5.915,0	17,5	411,03	385,32	-6,3	2.069.659,4	2.279.167,8	10,1
RJ	0,00	0,1	-	-	385,32	-	-	46,2	-
SP	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
SUL	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
PR	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
OUTROS(*)	63,3	40,0	-36,8	305,00	377,50	23,8	19.306,5	15.100,0	-21,8
NORTE/NORDESTE	2.468,1	4.332,5	75,5	384,59	376,79	-2,0	949.195,9	1.632.430,5	72,0
CENTRO-SUL	5.455,6	6.332,5	16,1	409,86	385,44	-6,0	2.236.045,0	2.440.767,0	9,2
<b>BRASIL</b>	<b>7.987,0</b>	<b>10.705,0</b>	<b>34,0</b>	<b>401,22</b>	<b>381,91</b>	<b>-4,8</b>	<b>3.204.547,4</b>	<b>4.088.297,5</b>	<b>27,6</b>

Legenda: (\*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

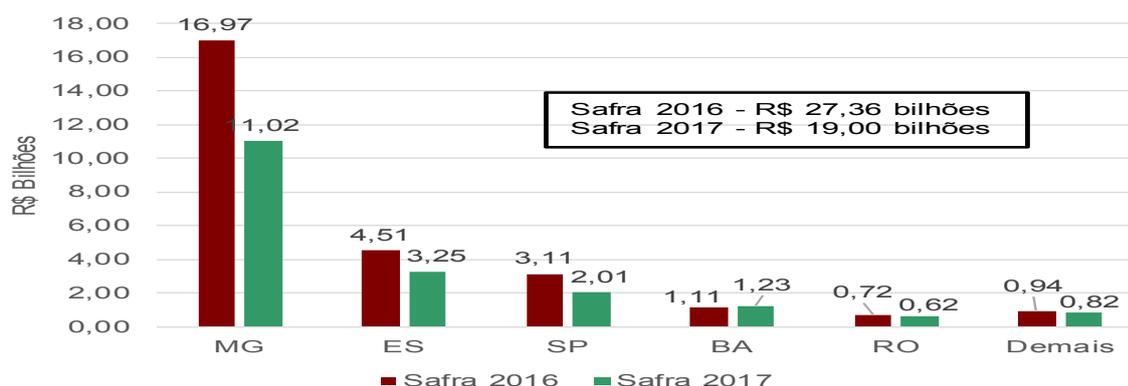
Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Consolidando os dados do arábica e do conilon, apura-se que a receita bruta total do café, na safra 2017, atinge o montante de R\$ 19 bilhões, 30,7% abaixo dos R\$ 27,36 bilhões alcançados em 2016.

Ou seja, a pequena queda da receita verificada no café conilon, – R\$ 250 milhões e a forte( redução de R\$ 8,1 bilhões do arábica, resultaram em um total líquido de R\$ 8,4 bilhões Gráfico 4 e Tabela 3).



Gráfico 23 - Receita bruta total de café (arábica e conilon) - Safras 2016 e 2017 - Preços nominais - 08/2016 e 08/2017



Fonte: Conab.

Tabela 9 - Estimativa da receita bruta - Total do café beneficiado (arábica e conilon)

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	08/2016	08/2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	1.642,0	1.952,1	18,9	441,35	320,42	-27,4	724.699,0	625.486,9	-13,7
RO	1.626,9	1.938,2	19,1	442,55	320,53	-27,6	719.984,6	621.251,2	-13,7
AM	6,0	7,5	25,0	256,00	300,00	17,2	1.536,0	2.250,0	46,5
PA	9,1	6,4	-29,7	349,28	310,27	-11,2	3.178,4	1.985,7	-37,5
NORDESTE	2.093,3	3.358,0	60,4	528,55	366,55	-30,7	1.106.403,3	1.230.881,2	11,3
BA	2.093,3	3.358,0	60,4	528,55	366,55	-30,7	1.106.403,3	1.230.881,2	11,3
Cerrado	345,6	288,0	-16,7	545,85	441,12	-19,2	188.645,8	127.042,6	-32,7
Planalto	921,6	690,0	-25,1	545,85	441,12	-19,2	503.055,4	304.372,8	-39,5
Atlântico	826,1	2.380,0	188,1	502,00	335,91	-33,1	414.702,2	799.465,8	92,8
CENTRO-OESTE	352,2	281,7	-20,0	487,10	404,74	-16,9	171.546,9	114.016,4	-33,5
MT	125,4	91,5	-27,0	443,25	322,02	-27,4	55.575,0	29.464,9	-47,0
GO	226,8	190,2	-16,1	511,34	444,54	-13,1	115.971,9	84.551,5	-27,1
SUDESTE	46.069,9	38.071,1	-17,4	537,70	431,72	-19,7	24.771.764,0	16.436.152,4	-33,7
MG	30.724,1	24.445,3	-20,4	552,36	450,83	-18,4	16.970.750,3	11.020.784,4	-35,1
Sul e Centro-Oeste	16.627,7	13.684,2	-17,7	552,77	452,15	-18,2	9.191.293,7	6.187.311,0	-32,7
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	7.401,6	3.658,3	-50,6	552,77	452,15	-18,2	4.091.382,4	1.654.100,3	-59,6
Zona da Mata, Rio Doce e Central	6.081,9	6.481,1	6,6	551,42	448,92	-18,6	3.353.696,4	2.909.527,2	-13,2
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	612,9	621,7	1,4	545,57	434,05	-20,4	334.377,8	269.845,9	-19,3
ES	8.967,4	8.865,0	-1,1	502,83	366,54	-27,1	4.509.100,6	3.249.348,7	-27,9
RJ	347,4	349,0	0,5	520,50	433,98	-16,6	180.821,7	151.459,0	-16,2
SP	6.031,0	4.411,8	-26,9	515,85	456,63	-11,5	3.111.091,4	2.014.560,2	-35,3
SUL	1.047,0	1.210,0	15,6	484,21	423,10	-12,6	506.967,9	511.951,0	1,0
PR	1.047,0	1.210,0	15,6	484,21	423,10	-12,6	506.967,9	511.951,0	1,0
OUTROS(*)	164,8	97,1	-41,1	485,09	426,59	-12,1	79.943,2	41.422,0	-48,2
NORTE/NORDESTE	3.735,3	5.310,1	42,2	490,22	349,59	-28,7	1.831.102,3	1.856.368,1	1,4
CENTRO-SUL	47.469,1	39.562,8	-16,7	536,14	431,27	-19,6	25.450.278,8	17.062.119,8	-33,0
BRASIL	51.369,2	44.970,0	-12,5	532,64	421,61	-20,9	27.361.324,3	18.959.909,9	-30,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Legenda: (\*) AC, CE, PE, MS e DF.





## 10. ANÁLISE DE MERCADO

### 10.1. OFERTA E DEMANDA MUNDIAL

Segundo estimativas do Departamento de Agricultura do Estados Unidos (Usda), publicadas em junho de 2017, a produção mundial de café na safra 2017/18 deverá ser praticamente idêntica à da safra passada e foi avaliada em 159,3 milhões de sacas de 60 quilos (sendo 95,2 milhões de toneladas do arábica e 64,1 milhões de toneladas do robusta). Já no ano safra 2016/17, a produção totalizou 159,1 milhões de sacas.

Quanto ao consumo, o Usda estima que no corrente ano safra a demanda mundial deverá crescer cerca de 1,35% em relação ao período anterior (expansão de 2,1 milhões de sacas), saindo de 155,6 milhões em 2016/17 para 157,7 milhões no corrente período. Torna-se oportuno enfatizar que aquele departamento estimou uma nova retração dos estoques mundiais de passagem (arábica mais robusta), saindo de 35,1 milhões de sacas no ano anterior para os atuais 34 milhões de sacas de 60 quilos, o que tão somente equivale a 2,6 meses de consumo.

Por sua vez, o comércio mundial do produto no ano safra 2017/18 deverá movimentar cerca de 130,3 milhões de sacas. Nesse contexto, Brasil e Vietnã devem vender menos café, contudo, outros importantes produtores tais como, Colômbia, Peru, Guatemala, México, Honduras, Indonésia, Índia, Etiópia e Uganda deverão fechar o ano safra com maiores volumes exportados. Na avaliação da Organização Internacional do Comércio (OIC,) o bom desempenho dessas nações se deve

a vários fatores, entre os quais, destacam-se o clima favorável nos dois últimos anos e o programa de renovação de lavouras implantados por alguns países tais como Colômbia, Peru e Honduras.

Voltando aos números que compõem o quadro de suprimento, denota-se uma situação de extremo ajuste entre oferta e demanda e de reduzido volume de

estoques de passagem. Na hipótese da ocorrência de uma frustração da safra mundial, os mercados futuro de Nova Iorque e de Londres, que durante boa parte do ano de 2017 negociaram baseados tão majoritariamente em projeções incertas de safra futura elevada e ignoraram os reais fundamentos do mercado, como o volume atual no mercado físico, poderão ser protagonistas de fortes elevações dos preços da commodity.

**Tabela 10 - Suprimento mundial de café - Em milhões de sacas de 60kg**

Junho/2017

DISCRIMINAÇÃO	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17*	2017/18**
EST. INICIAL	25.673	35.365	41.164	42.954	42.954	34.723
PRODUÇÃO	158.018	160.059	153.674	153.166	159.144	159.312
Arábica	92.872	92.465	86.458	86.546	98.793	95.235
Robusta	65.146	67.594	67.216	66.620	60.351	64.077
IMPORTAÇÃO	116.585	117.011	117.414	124.262	126.855	127.525
<b>OFERTA TOTAL</b>	<b>300.276</b>	<b>312.435</b>	<b>312.252</b>	<b>320.382</b>	<b>328.953</b>	<b>321.560</b>
CONSUMO	142.139	142.389	145.650	152.267	155.558	157.647
EXPORTAÇÃO	122.847	128.882	123.648	133.392	130.027	130.326
ESTOQUE FINAL	35.365	41.164	42.954	34.723	35.137	34.001

Fonte: Usda.

Nota: \* Estimativa.

\*\* Previsão.

Na avaliação dos agentes e entidades ligadas ao mercado, as lavouras do café arábica/conilon, safra 2017/18, em andamento em alguns países e já concluídas em outros, vem apresentando um bom desempenho, porém dentro de uma normalidade. Nesse contexto, destaca-se o Brasil, maior produtor mundial, cujas condições climáticas durante todo o ciclo da safra não foram amplamente favoráveis, haja vista a má distribuição de chuvas e baixos índices de pluviometria ocorridos em grande parte das regiões produtoras.

No final de novembro de 2017, o Usda divulgou uma prévia dos novos números de safra de vários países. Para o Brasil foi estimado um volume de produção de 51,2 milhões de sacas (sendo 38,8 milhões de arábica e 12,4 milhões de conilon), ante à previsão anterior de junho de 2017 de 52,1 milhões (em um ano de bienalidade negativa). Em dezembro/17, a Conab divulgou os números finais da avaliação da safra brasileira 2017/18, estimada em 44,97 milhões sacas (das quais 34,25 milhões de sacas do arábica e 10,72 milhões do conilon).

A Colômbia, segundo maior produtor mundial, vem executando com sucesso um programa de renovação no plantio, utilizando variedades mais produtivas e resistentes à praga da ferrugem do café. Logo, de acordo com a prévia divulgada pelo Usda, a safra colombiana poderá ser igual ou ligeiramente superior à safra do ano passado, que foi de 14,6 milhões de sacas. Contudo, a partir do início da segunda quinzena de no-

vembro, volumes de chuvas excessivas vêm sendo registradas nas regiões produtoras de café da Colômbia e a sua continuidade por mais alguns dias poderá, segundo avaliação dos especialistas, comprometer quantitativamente parte da produção estimada para o corrente ano-safra. Em se tratando da questão climática, os dois países (Brasil e Colômbia) maiores produtores mundiais do café arábica, vivem uma situação antagônica.

Devido ao fator de bienalidade negativa e às perdas ocasionadas pela situação irregular do clima, a produção brasileira em 2017, já colhida, foi menor. Contudo, parte desse déficit será compensado por outros importantes países produtores, que deverão ao final da safra contabilizar incremento na sua produção, contribuindo para manter o equilíbrio da oferta mundial do produto. Nesse sentido, e ainda fazendo referência aos números do Usda de safra previamente divulgados em novembro que prevê que no Vietnã, segundo produtor mundial de café conilon, a safra irá totalizar aproximadamente 28,6 milhões de sacas (sendo 27,5 milhões do conilon e 1,1 milhão do arábica) e atualmente, o país se encontra em pleno período de colheita. Na safra anterior a produção somou 26,7 milhões de sacas, nesse caso o incremento em valores absolutos deverá ser de 2,1 milhões de sacas.

A mencionada entidade divulgou ainda as estimativas de produção para a Indonésia e para a Índia, consideradas nações importantes no contexto da produção mundial. Nesse sentido, o relatório indica que a



produção da Indonésia deverá totalizar cerca de 10,9 milhões de sacas e a da Índia cerca de 5,6 milhões de sacas, indicando que os números de crescimento

anuais em termos percentuais serão de 2,8% e 7,7% respectivamente.

### 10.1.1. PREÇOS

Apesar dos fundamentos do mercado do café apontar para um volume de produção muito próximo ao da safra passada, o crescimento percentual de 1,34% na variável consumo e ainda a redução de 3,2% nos volumes de estoques de passagem merecem atenção especial. Ressalta-se que a trajetória negativa da curva dos preços globais da commodity, ao longo de 2017, contrapõe-se aos preocupantes números das variáveis que compõem o quadro mundial de suprimento do café no momento atual.

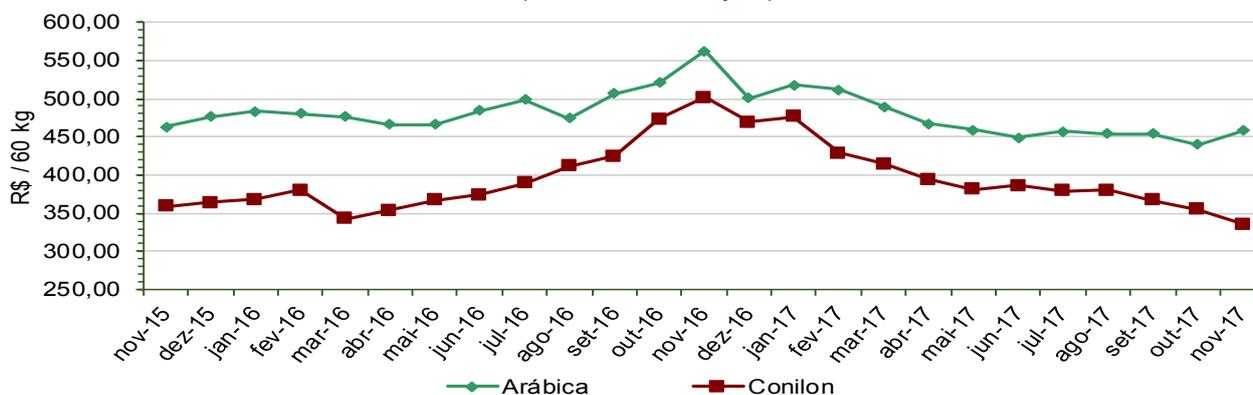
Conforme pode ser observado, no período de um ano, os preços dos contratos dos cafés arábica e conilon recuaram significativamente, saindo de um patamar de US 148,69 Cents/lb para o arábica e de US 100,72 Cents/lb para o conilon, em janeiro de 2017, para os atuais valores em novembro de US 125,67 Cents/lb (+15,48%) e de US 83,62 Cents/lb (+16,98%), respectivamente.

Vale acrescentar que o recuo dos preços foi excessivamente impulsionado pela ação dos fundos especulativos que reduziram suas posições, realizando grandes volumes de vendas. Logo, na atual temporada, os

preços do arábica e do conilon atingiram reduzidos patamares. Com relação ao café arábica, o grau mais baixo foi atingido no dia 22 de junho de 2017, oportunidade em que os contratos negociados na Ice em Nova Iorque estavam cotados em um valor médio de US 113,45 Cents/lb, enquanto isso, na Liffe em Londres, o menor valor registrado foi de US\$ 1.741,00/t no pregão do dia 27 de novembro de 2017, este valor que, após a conversão corresponde à cotação de US 78,97 Cents/lb.

Levando-se em conta os atuais fundamentos do mercado mundial de café, que apontam para volumes de produção relativamente estável nos últimos anos e para uma perspectiva de incremento na próxima safra em 2018, a produção no Brasil tende a ser maior, haja vista que o ano será de bialidade positiva para as lavouras do arábica, acredita-se que a tendência de preços nos níveis atuais será mantida, embora não se possa descartar a ocorrência de oscilações no mercado ao longo do ano, podendo resultar em leves recuos na média dos preços. Entretanto, há perspectiva de um leve aumento da demanda, que será fator de pressão altista no mercado cafeeiro.

**Gráfico 24 -Café arábica e robusta - Evolução mensal dos preços futuros.**



Fonte: Siagro/Conab.

## 10.2. OFERTA E DEMANDA NACIONAL

Com um volume de safra reduzido em 2017, as perspectivas de oferta do café (arábica mais conilon) para o mercado nacional deverá ser restrita no período de entressafra. Nesse sentido, a demanda total do produto (consumo estimado pela Associação Brasileira da Indústria de café (ABIC) em 21.100 mil sacas, mais

exportações em torno de 30.190 mil sacas), estimada para o ano de 2017 será de aproximadamente 51.290 mil sacas, dessa forma o deficit de produto a ser contabilizado será de aproximadamente 6.212 mil sacas. Na safra passada, período de bialidade positiva, o deficit totalizou 3.473 mil sacas.



**Tabela 11 - Brasil - Oferta e demanda de café em 2016 (em mil sacas de 60 kg)**

Produção	51.369
Importação	95
<b>Total da Oferta</b>	<b>51.464</b>
Consumo	20.500
Exportação Jan a Dez/16	34.437
<b>Demanda Total</b>	<b>54.937</b>
<b>SALDO: Oferta - Demanda</b>	<b>-3.473</b>

Fonte: Conab, Spa/Mapa/Cecafé e Abic.  
Nota: N° de Produção dez/17, demais nov/16

**Tabela 12 - Brasil - Oferta e demanda de café em 2017 (em mil sacas de 60 kg)**

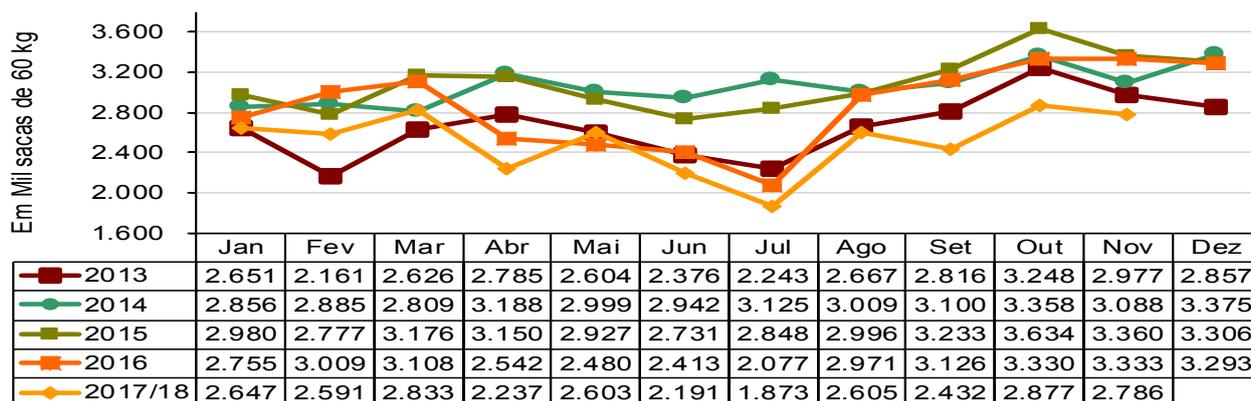
Produção	44.970
Importação	108
<b>Total da Oferta</b>	<b>45.078</b>
Exportação Jan a Nov/17	27.674
Estimativa Export. Dez/17 *	2.516
<b>Estimativa Exportação em 2017</b>	<b>30.190</b>
Consumo *	21.100
<b>Demanda Total</b>	<b>51.290</b>
<b>SALDO: OFERTA - DEMANDA</b>	<b>-6.212</b>

Fonte: Conab, Spa/Mapa/Cecafé e Abic.  
Nota: \* Estimativa de mercado.

Entre janeiro e novembro de 2017 as exportações brasileiras de café somaram 27.674 mil sacas. Conforme pode ser observado, o desempenho mensal dos embarques tem se caracterizado como um dos menores dos últimos cinco anos. O setor estima que até o encerramento do exercício os volumes embarcados irão totalizar algo próximo a 30.190 mil sacas.

Em 2016, o desempenho das vendas foi melhor (ainda assim bem inferior ao ano de 2015, quando o país embarcou 37,118 mil sacas) na medida em que o montante vendido atingiu 34.437 mil sacas. Ao se confirmar os atuais prognósticos para 2017, ficará configurada uma expressiva retração nos volumes de vendas de 4.247 mil sacas, que em termos percentuais equivale a

**Gráfico 25 -Exportações brasileiras de café por ano civil - Mensal**



Fonte: Secex/Agrostat/Cecafé.

uma queda 12,33%.

No período de janeiro a novembro/17, aproximadamente 94 países compraram café do Brasil, com destaque para os cinco maiores clientes relacionados na sequência pela ordem de grandeza: Estados Unidos com 5.509,5 mil sacas; Alemanha com 4.844,9 mil sacas; Itália com 2.617,3 mil sacas; Japão com 1.852,3 mil sacas e; Bélgica com 1.591,7 mil sacas compradas.

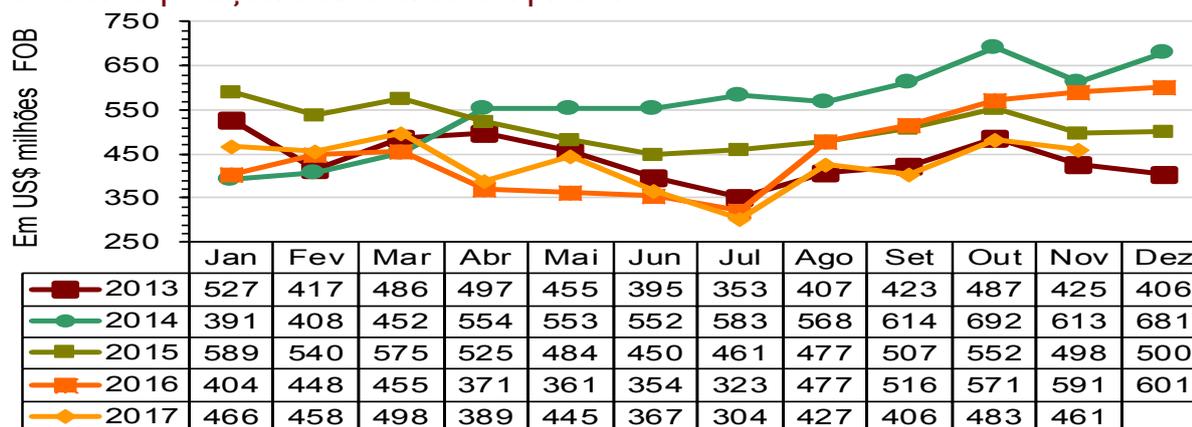
No ano de 2016, a receita com as exportações somou US\$ 5.445 milhões e, de janeiro a novembro/17, totalizou US\$ 4.702 milhões (os meses de julho e março se caracterizaram respectivamente como os de menores e maiores volumes de receita auferida no exercício), vide Gráfico III. Destaca-se, porém, que a expectativa do setor quanto ao montante total a ser auferido no

ano de 2017 é algo próximo a US\$ 5.129 milhões. Caso este número venha ser confirmado, a contabilidade do caixa do café irá fechar o ano com desempenho negativo de aproximadamente US\$ 316 milhões e, em termos percentuais, irá significar uma retração de 5,86% em relação ao ano anterior.

Uma possível explicação para a redução das exportações nos últimos anos reside no fato de que a oferta (produção somada aos estoques de passagem) vem caindo. Por três anos seguidos, 2013 a 2015 o Brasil produziu menos café. Em 2016, houve uma recuperação, mas novamente, em 2017, a safra foi menor e o país voltou a colher menos café, isto fez com que os estoques do produto, antes existentes, fossem aos poucos sendo esvaziados.



**Gráfico 26 - Exportações brasileiras de café por ano civil**

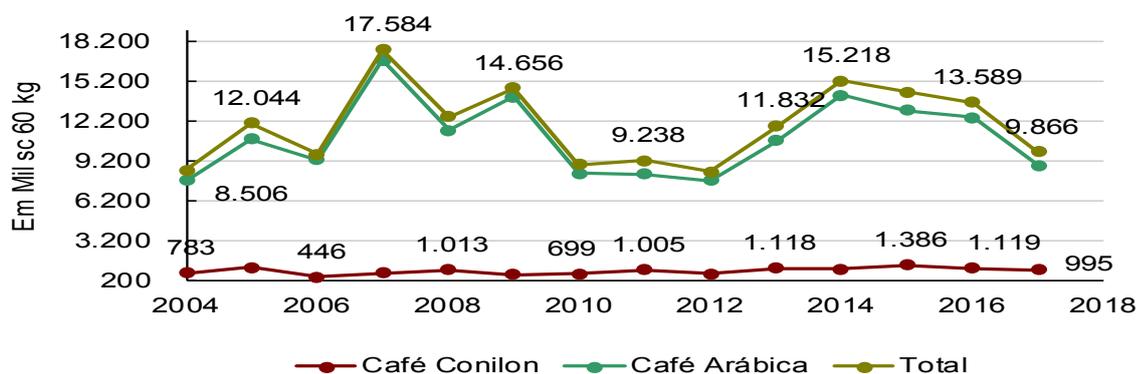


Fonte: Secex/Agrostat/Cecafé.

Nesta linha, o governo federal, diante da restrita oferta do produto no mercado nos dois últimos anos, autorizou a Conab a vender todo o estoque de café sob sua guarda. As vendas foram efetivadas via realização de leilões públicos, ocasião em que todo o quantitativo ofertado foi arrematado. Assim, o governo encerra o ano de 2017 com estoque zero. Os estoques privados,

cujo o levantamento anual é realizado pela Conab e divulgado no mês de março, estão diminuindo. Em 2014, a iniciativa privada detinha em seu poder um volume de estoque de 15.218 mil sacas e, em março de 2017, o montante reduziu para 9.866 mil sacas, o segundo menor volume de estoque indicado na série iniciada em 2004.

**Gráfico 27 - Estoques finais privados de café - Posição em 31 de março**



Fonte: Conab.

### 10.2.1. PREÇOS

A curva dos preços de comercialização do café arábica e conilon, no Brasil apresentaram comportamento idêntico aos seus similares no mercado internacional. Isso quer dizer que a comercialização do café no mercado interno está cada vez mais atrelada aos fatores que motivam as oscilações dos preços internacionais.

do arábica e do conilon. Notícias de caráter político, dependendo do grau de complexidade, também interferem no cotidiano do mercado. Portanto, as notícias inerentes ao setor produtivo têm um maior poder de impactar negativamente as negociações nos mercados futuro do café e por extensão no mercado físico.

Como já comentado anteriormente, esse foi um ano em que os movimentos especulativos dos fundos influenciaram as negociações nas respectivas bolsas de Nova Iorque e Londres, locais em que circulavam notícias muitas vezes desprovidas de verdades sobre a real situação do desenvolvimento da safra de café em importantes países produtores, com ênfase para o Brasil e para o Vietnã, maiores produtores mundiais

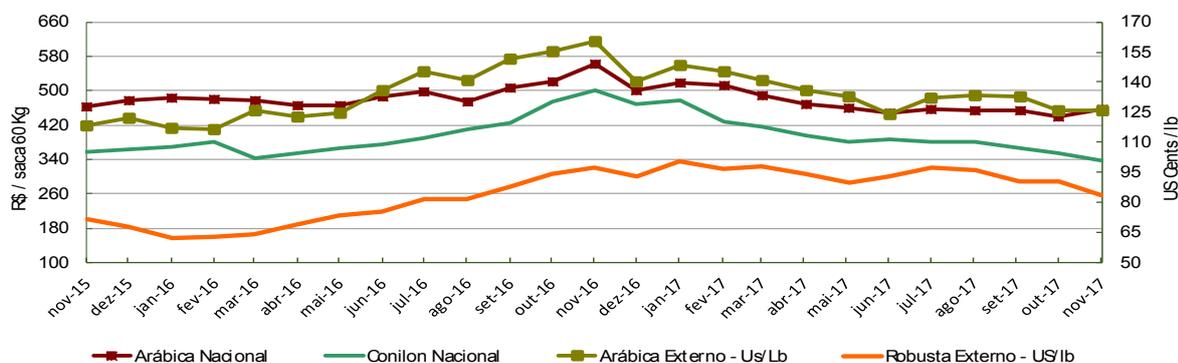
Os produtores brasileiros, em determinados momentos da comercialização da safra e até onde as condições lhes permitiam, passaram a restringir a oferta do produto quando os valores ofertados não despertavam interesse, porém, diante da necessidade de fazer caixa para honrar compromissos mais urgentes, os cafeicultores acabavam cedendo às menores propostas de preços oferecidas pelos compradores.

Nesse tipo de situação, o mercado demandante sempre faz valer a sua força no momento da negociação, não por acaso, os preços de forma paulatina foram cedendo mês após mês.

O preço médio de venda do café arábica, Tipo 6 Bebida Dura, recebido pelo produtor, no período de janeiro a novembro de 2017, foi de R\$ 468,93 asaca e, no mesmo período de 2016, o valor obtido foi de R\$ 492,58a saca. Para o café conilon, o produtor recebeu o valor médio de janeiro a novembro de 2017 de R\$ 390,75 a saca, contra R\$ 398,84 a saca no ano passado. Vale ressaltar que o atual patamar de comercialização do conilon se encontra bem abaixo dessa média, neste sentido o valor médio recebido pelo cafeicultor em nov/17 foi de R\$ 335,73/sc.

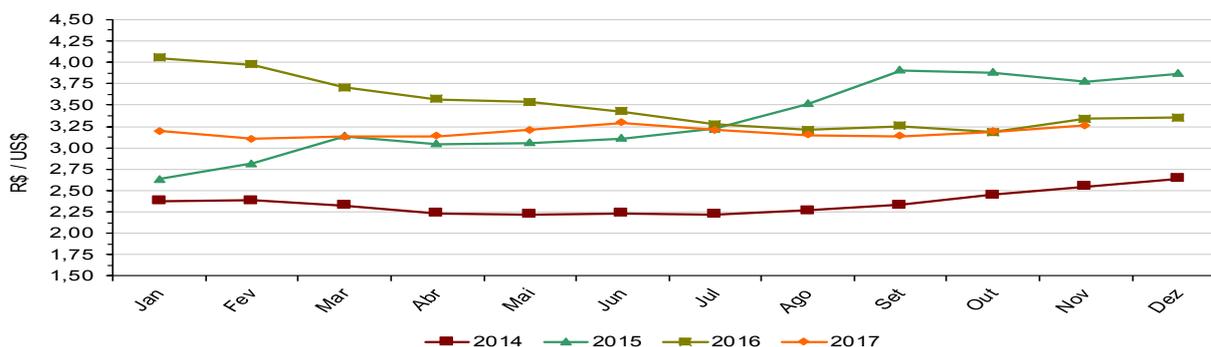
Mesmo com os preços no corrente exercício de 2017 apresentando uma performance inferior a 2016, o mercado se manteve calmo e, de modo pontual, apresentou picos de oscilações, ora ocasionadas pelo impulso dos fortes recuos das cotações no mercado internacional, ora pela variação do câmbio, que nos momentos de alta do dólar propiciavam maior competitividade às exportações brasileiras. Esse fato, na opinião dos operadores do mercado, deixava os centros de comércio externo mais ofertados e, em períodos de baixa, inibiam os negócios com o mercado externo, pois, sob a ótica dos exportadores (produtores, cooperativas e traders), o produto ficava menos competitivo e a venda, nesta situação, implicava em redução das margens de lucro.

**Gráfico 28 - Preços nacional e internacional do café**

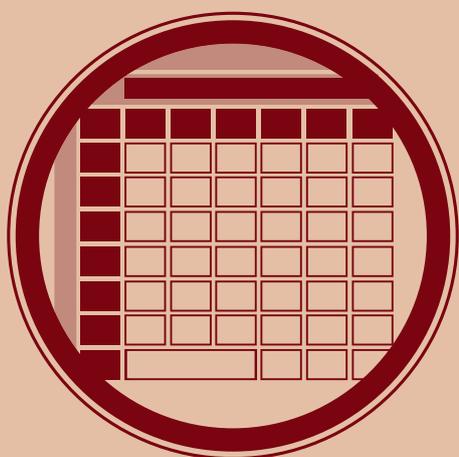


Fonte: Conab

**Gráfico 29 - Comparativo da evolução mensal da taxa de câmbio - Valores: R\$/US\$ - 2014 a 2017**



Fonte: Bacen



### 13. PARQUE CAFEIRO

**Tabela 13 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2016 e 2017**

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (MIL COVAS)			EM PRODUÇÃO (MIL COVAS)			TOTAL (MIL COVAS)		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	12.677,3	20.548,1	62,1	136.234,9	148.117,8	8,7	148.912,2	168.665,9	13,3
RO	12.510,2	20.185,0	61,3	133.822,2	146.037,0	9,1	146.332,4	166.222,0	13,6
AM	110,0	118,5	7,7	715,4	839,3	17,3	825,4	957,8	16,0
PA	57,1	244,6	328,4	1.697,3	1.241,5	(26,9)	1.754,4	1.486,1	(15,3)
NORDESTE	45.659,2	49.996,0	9,5	474.299,5	489.892,0	3,3	519.958,7	539.888,0	3,8
BA	45.659,2	49.996,0	9,5	474.299,5	489.892,0	3,3	519.958,7	539.888,0	3,8
Cerrado	15.559,5	18.425,0	18,4	62.304,0	53.185,0	(14,6)	77.863,5	71.610,0	(8,0)
Planalto	23.788,9	23.743,0	(0,2)	259.175,2	280.963,0	8,4	282.964,1	304.706,0	7,7
Atlântico	6.310,8	7.828,0	24,0	152.820,3	155.744,0	1,9	159.131,1	163.572,0	2,8
CENTRO-OESTE	9.517,7	12.058,7	26,7	48.578,1	37.541,6	(22,7)	58.095,8	49.600,3	(14,6)
MT	3.199,7	7.025,9	119,6	22.340,5	14.848,8	(33,5)	25.540,2	21.874,7	(14,4)
GO	6.318,0	5.032,8	(20,3)	26.237,6	22.692,8	(13,5)	32.555,6	27.725,6	(14,8)
SUDESTE	852.763,7	1.110.378,4	30,2	4.918.699,4	4.789.556,2	48,2	5.771.463,1	5.899.934,6	2,2
MG	670.260,4	912.736,8	36,2	3.119.980,4	3.066.252,5	(1,7)	3.790.240,8	3.978.989,3	5,0
Sul e Centro-Oeste	373.121,5	551.511,0	47,8	1.572.659,8	1.489.480,4	(5,3)	1.945.781,3	2.040.991,4	4,9
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	101.943,1	180.045,0	76,6	640.766,0	594.532,8	(7,2)	742.709,1	774.577,8	4,3
Zona da Mata, Rio Doce e Central	184.418,3	166.174,4	(9,9)	808.779,1	871.085,7	7,7	993.197,4	1.037.260,1	4,4
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	10.777,5	15.006,4	39,2	97.775,5	111.153,6	13,7	108.553,0	126.160,0	16,2
ES	139.262,0	153.888,0	10,5	1.094.239,0	1.039.327,0	(5,0)	1.233.501,0	1.193.215,0	(3,3)
RJ	2.142,8	2.142,5	-	41.982,9	41.963,9	-	44.125,7	44.106,4	-
SP	41.098,5	41.611,1	1,2	662.497,1	642.012,8	(3,1)	703.595,6	683.623,9	(2,8)
SUL	15.100,0	14.110,0	(6,6)	151.700,0	152.140,0	0,3	166.800,0	166.250,0	(0,3)
PR	15.100,0	14.110,0	(6,6)	151.700,0	152.140,0	0,3	166.800,0	166.250,0	(0,3)
OUTROS	1.814,6	1.195,8	(34,1)	32.257,4	20.291,1	(37,1)	34.072,0	21.486,9	(36,9)
NORTE/NORDESTE	58.336,5	70.544,1	20,9	610.534,4	638.009,8	4,5	668.870,9	708.553,9	5,9
CENTRO-SUL	877.381,4	1.136.547,1	29,5	5.118.977,5	4.979.237,8	(2,7)	5.996.358,9	6.115.784,9	2,0
BRASIL	937.532,5	1.208.287,0	28,9	5.761.769,3	5.637.538,7	(2,2)	6.699.301,8	6.845.825,7	2,2

Legenda: (\*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



**Tabela 14 - Café arábica - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016**

REGIÃO/UF	PARQUE CAFFEEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
NORDESTE	39.348,4	42.168,0	7,2	321.479,2	334.148,0	3,9	360.827,6	376.316,0	4,3
BA	39.348,4	42.168,0	7,2	321.479,2	334.148,0	3,9	360.827,6	376.316,0	4,3
Cerrado	15.559,5	18.425,0	18,4	62.304,0	53.185,0	(14,6)	77.863,5	71.610,0	(8,0)
Planalto	23.788,9	23.743,0	(0,2)	259.175,2	280.963,0	8,4	282.964,1	304.706,0	7,7
CENTRO-OESTE	6.318,0	5.052,8	(20,0)	26.362,6	22.788,7	(13,6)	32.680,6	27.841,5	(14,8)
MT	-	20,00	-	125,0	95,9	(23,3)	125,0	115,9	(7,3)
GO	6.318,0	5.032,8	(20,3)	26.237,6	22.692,8	(13,5)	32.555,6	27.725,6	(14,8)
SUDESTE	773.545,2	1.019.067,9	31,7	4.299.197,4	4.224.249,1	(1,7)	5.072.742,6	5.243.317,0	3,4
MG	666.245,9	910.479,3	36,7	3.081.784,4	3.027.219,4	(1,8)	3.748.030,3	3.937.698,7	5,1
Sul e Centro-Oeste	373.121,5	551.511,0	47,8	1.572.659,8	1.489.480,4	(5,3)	1.945.781,3	2.040.991,4	4,9
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	101.943,1	180.045,0	76,6	640.766,0	594.532,8	(7,2)	742.709,1	774.577,8	4,3
Zona da Mata, Rio Doce e Central	181.808,9	164.707,0	(9,4)	783.951,7	845.714,2	7,9	965.760,6	1.010.421,2	4,6
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	9.372,4	14.216,3	51,7	84.406,9	97.492,0	15,5	93.779,3	111.708,3	19,1
ES	64.058,0	64.835,0	1,2	512.933,0	513.053,0	-	576.991,0	577.888,0	0,2
RJ	2.142,8	2.142,5	-	41.982,9	41.963,9	-	44.125,7	44.106,4	-
SP	41.098,5	41.611,1	1,2	662.497,1	642.012,8	(3,1)	703.595,6	683.623,9	(2,8)
SUL	15.100,0	14.110,0	(6,6)	151.700,0	152.140,0	0,3	166.800,0	166.250,0	(0,3)
PR	15.100,0	14.110,0	(6,6)	151.700,0	152.140,0	0,3	166.800,0	166.250,0	(0,3)
OUTROS	1.104,4	1.195,8	8,3	23.567,4	17.508,2	(25,7)	24.671,8	18.704,0	(24,2)
NORTE/NORDESTE	39.348,4	42.168,0	7,2	321.479,2	334.148,0	3,9	360.827,6	376.316,0	4,3
CENTRO-SUL	794.963,2	1.038.230,7	30,6	4.477.260,0	4.399.177,8	(1,7)	5.272.223,2	5.437.408,5	3,1
BRASIL	835.416,0	1.081.594,5	29,5	4.822.306,6	4.750.834,0	(1,5)	5.657.722,6	5.832.428,5	3,1

Legenda: (\*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

**Tabela 15 - Café conilon - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016**

REGIÃO/UF	PARQUE CAFFEEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
NORTE	12.677,3	20.548,1	62,1	136.234,9	148.117,8	8,7	148.912,2	168.665,9	13,3
RO	12.510,2	20.185,0	61,3	133.822,2	146.037,0	9,1	146.332,4	166.222,0	13,6
AM	110,0	118,5	7,7	715,4	839,3	17,3	825,4	957,8	16,0
PA	57,1	244,6	328,4	1.697,3	1.241,5	(26,9)	1.754,4	1.486,1	(15,3)
NORDESTE	6.310,8	7.828,0	24,0	152.820,3	155.744,0	1,9	159.131,1	163.572,0	2,8
BA	6.310,8	7.828,0	24,0	152.820,3	155.744,0	1,9	159.131,1	163.572,0	2,8
Atlântico	6.310,8	7.828,0	24,0	152.820,3	155.744,0	1,9	159.131,1	163.572,0	2,8
CENTRO-OESTE	3.199,7	7.005,9	119,0	22.215,5	14.752,9	(33,6)	25.415,2	21.758,8	(14,4)
MT	3.199,7	7.005,9	119,0	22.215,5	14.752,9	(33,6)	25.415,2	21.758,8	(14,4)
SUDESTE	79.218,5	91.310,5	15,3	619.502,0	565.307,1	(8,7)	698.720,5	656.617,6	(6,0)
MG	4.014,5	2.257,5	(43,8)	38.196,0	39.033,1	2,2	42.210,5	41.290,6	(2,2)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	2.609,4	1.467,4	(43,8)	24.827,4	25.371,5	2,2	27.436,8	26.838,9	(2,2)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.405,1	790,1	(43,8)	13.368,6	13.661,6	2,2	14.773,7	14.451,7	(2,2)
ES	75.204,0	89.053,0	18,4	581.306,0	526.274,0	(9,5)	656.510,0	615.327,0	(6,3)
OUTROS	710,2	-	(100,0)	8.690,0	2.782,9	(68,0)	9.400,2	2.782,9	(70,4)
NORTE/NORDESTE	18.988,1	28.376,1	49,4	289.055,2	303.861,8	5,1	308.043,3	332.237,9	7,9
CENTRO-SUL	82.418,2	98.316,4	19,3	641.717,5	580.060,0	(9,6)	724.135,7	678.376,4	(6,3)
BRASIL	102.116,5	126.692,5	24,1	939.462,7	886.704,7	(5,6)	1.041.579,2	1.013.397,2	(2,7)

Legenda (\*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.





## 14. CALENDÁRIO DE COLHEITA

A colheita de café se inicia em março e termina em outubro, porém a concentração da colheita ocorre geralmente entre maio e agosto onde cerca de 90% do café é colhido. O ideal é evitar colheita tardia de forma a não prejudicar a florada da próxima safra.

**Tabela 16 – Estimativa mensal de colheita de café total (arábica e conilon)**

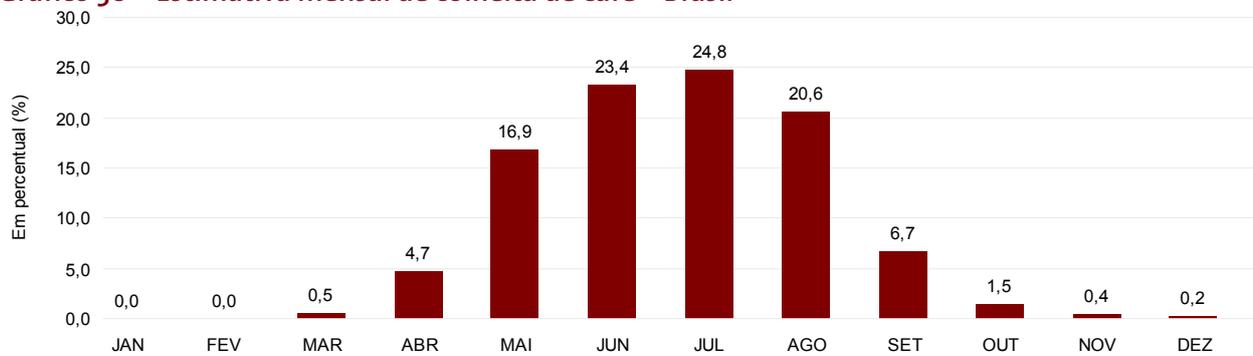
U.F.	PROD.	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO		NOVEMBRO		DEZEMBRO	
		%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
NORTE	1.952,5	9,9	193,8	29,9	583,0	34,9	681,2	20,0	390,0	5,2	101,4	0,2	3,0	-	-	-	-	-	-	-	-
RO	1.938,2	10,0	193,8	30,0	581,5	35,0	678,4	20,0	387,6	5,0	96,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AM	7,5	-	-	-	-	-	-	-	-	60,0	4,5	40,0	3,0	-	-	-	-	-	-	-	-
PA	6,8	-	-	23,0	1,6	42,0	2,9	35,0	2,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	3.361,0	1,4	47,6	9,2	309,7	42,1	1.414,0	25,4	852,1	5,8	196,1	5,8	195,3	8,5	286,4	1,8	60,7	-	-	-	-
BA	3.361,0	1,4	47,6	9,2	309,7	42,1	1.414,0	25,4	852,1	5,8	196,1	5,8	195,3	8,5	286,4	1,8	60,7	-	-	-	-
Cerrado	291,0	-	-	5,0	14,6	35,0	101,9	40,0	116,4	15,0	43,7	5,0	14,6	-	-	-	-	-	-	-	-
Planalto	690,0	-	-	-	-	4,6	31,7	6,6	45,5	12,3	84,9	26,2	180,8	41,5	286,4	8,8	60,7	-	-	-	-
Atlântico	2.380,0	2,0	47,6	12,4	295,1	53,8	1.280,4	29,0	690,2	2,8	67,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-OESTE	264,6	-	-	1,6	4,2	29,2	77,2	28,4	75,2	27,2	72,0	12,9	34,2	0,7	1,8	-	-	-	-	-	-
MT	84,5	-	-	5,0	4,2	70,0	59,2	25,0	21,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
GO	180,1	-	-	-	-	10,0	18,0	30,0	54,0	40,0	72,0	19,0	34,2	1,0	1,8	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	37.887,4	-	-	3,0	1.127,2	14,0	5.303,5	23,6	8.937,7	26,7	10.108,5	23,2	8.798,0	6,9	2.609,1	1,6	597,2	0,5	194,4	0,3	106,0
MG	24.375,1	-	-	1,0	243,8	8,0	1.950,0	22,0	5.362,5	30,0	7.312,5	30,0	7.312,5	8,0	1.950,0	1,0	243,8	-	-	-	-
ES	8.835,0	-	-	7,4	653,8	24,8	2.191,1	26,2	2.314,8	18,30	1.616,8	9,2	812,8	5,5	485,9	4,0	353,4	2,2	194,4	1,2	106,0
RJ	349,1	-	-	16,2	56,6	23,0	80,3	26,3	91,8	27,8	97,1	6,7	23,4	-	-	-	-	-	-	-	-
SP	4.328,3	-	-	4,0	173,1	25,0	1.082,1	27,0	1.168,6	25,0	1.082,1	15,0	649,2	4,0	173,1	-	-	-	-	-	-
SUL	1.265,0	-	-	5,0	63,3	7,0	88,6	15,0	189,8	49,0	619,9	17,0	215,1	7,0	88,6	-	-	-	-	-	-
PR	1.265,0	-	-	5,0	63,3	7,0	88,6	15,0	189,8	49,0	619,9	17,0	215,1	7,0	88,6	-	-	-	-	-	-
OUTROS	98,8	-	-	10,0	9,9	20,0	19,8	30,0	29,6	30,0	29,6	5,0	4,9	5,0	4,9	-	-	-	-	-	-
NORTE/NORDESTE	5.313,5	4,5	241,4	16,8	892,7	39,4	2.095,3	23,4	1.242,2	5,6	297,6	3,7	198,3	5,4	286,4	1,1	60,7	-	-	-	-
CENTRO-SUL	39.417,0	-	-	3,0	1.194,7	13,9	5.469,2	23,3	9.202,7	27,4	10.800,4	23,0	9.047,3	6,8	2.699,4	1,5	597,2	0,5	194,4	0,3	106,0
<b>BRASIL</b>	<b>44.829,3</b>	<b>0,5</b>	<b>241,4</b>	<b>4,7</b>	<b>2.097,3</b>	<b>16,9</b>	<b>7.584,2</b>	<b>23,4</b>	<b>10.474,5</b>	<b>24,8</b>	<b>11.127,5</b>	<b>20,6</b>	<b>9.250,5</b>	<b>6,7</b>	<b>2.990,7</b>	<b>1,5</b>	<b>657,9</b>	<b>0,4</b>	<b>194,4</b>	<b>0,2</b>	<b>106,0</b>

Legenda: \* Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

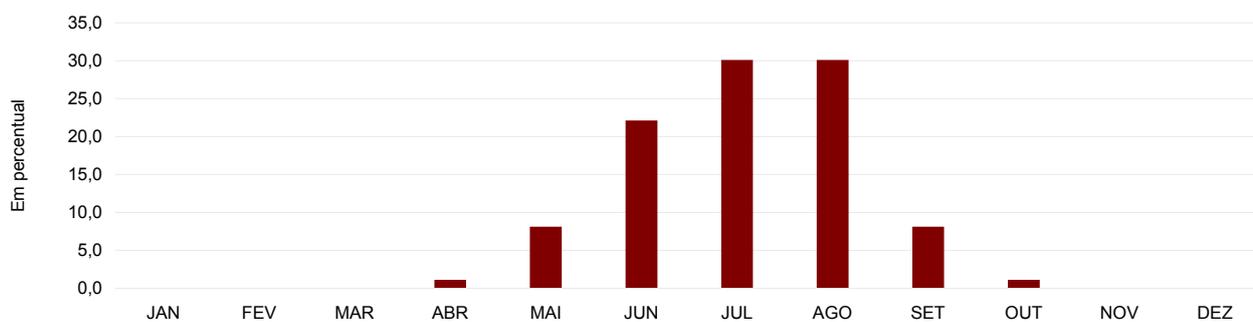
Nota: Estimativa em dezembro/2017.

**Gráfico 30 – Estimativa mensal de colheita de café – Brasil**



Fonte: Conab.

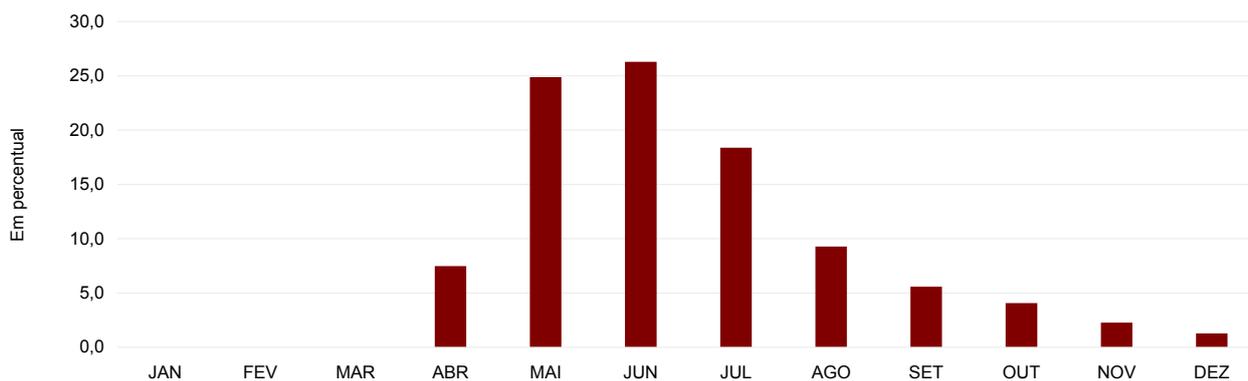
**Gráfico 31 – Estimativa mensal de colheita de café – Minas Gerais**



Fonte: Conab.

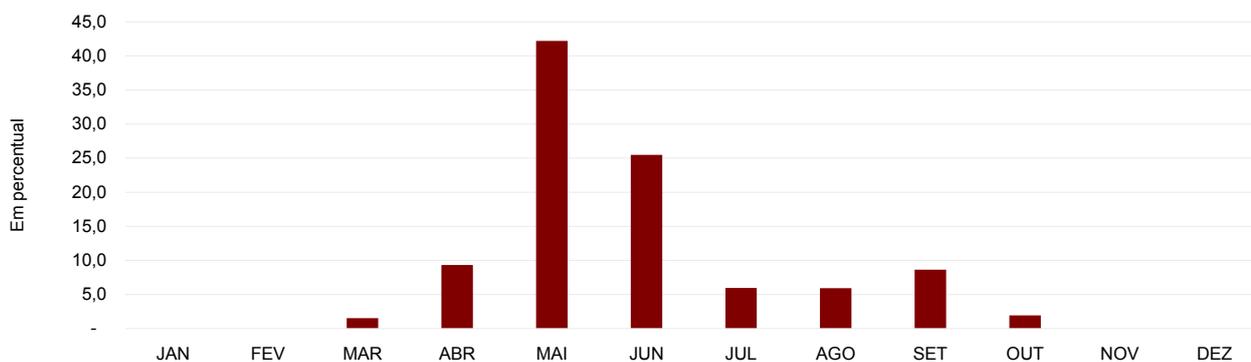


**Gráfico 32 – Estimativa mensal de colheita de café – Espírito Santo**



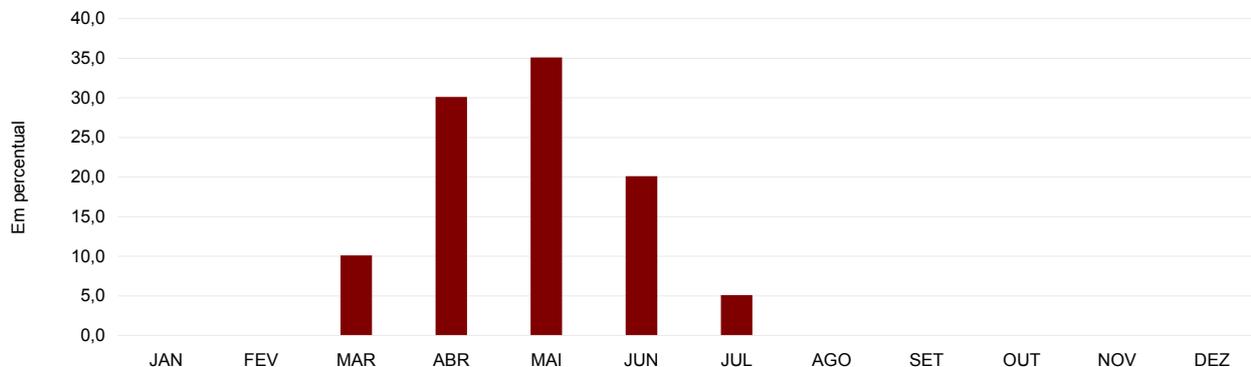
Fonte: Conab.

**Gráfico 33 – Estimativa mensal de colheita de café – Bahia**



Fonte: Conab.

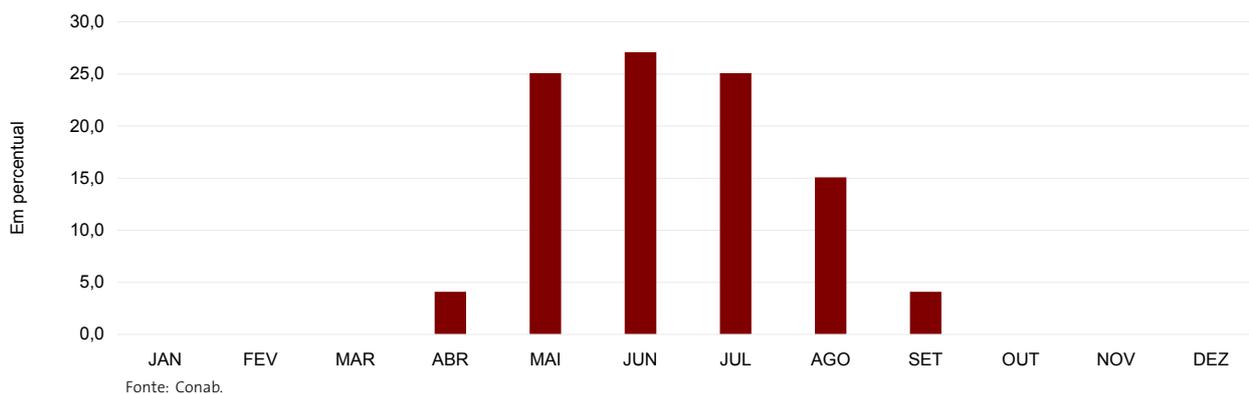
**Gráfico 34 – Estimativa mensal de colheita de café – Rondônia**



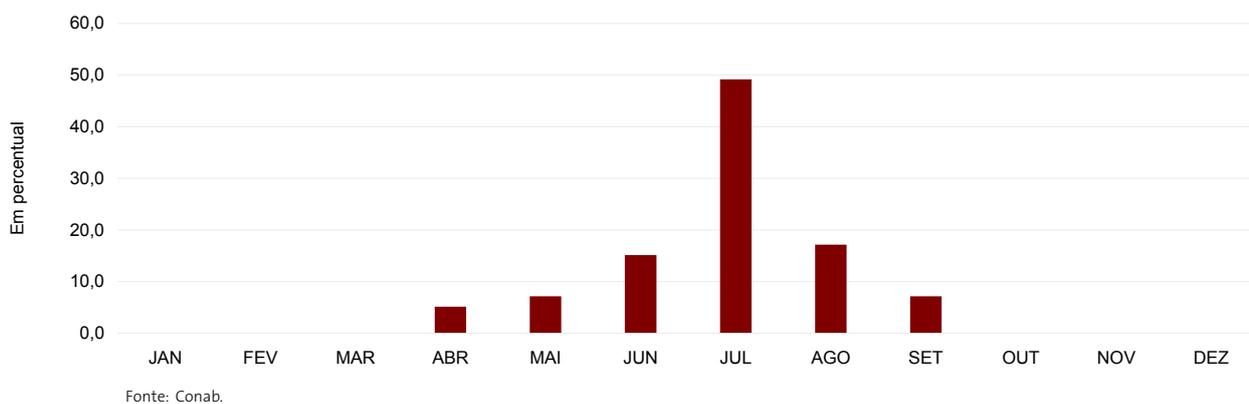
Fonte: Conab.



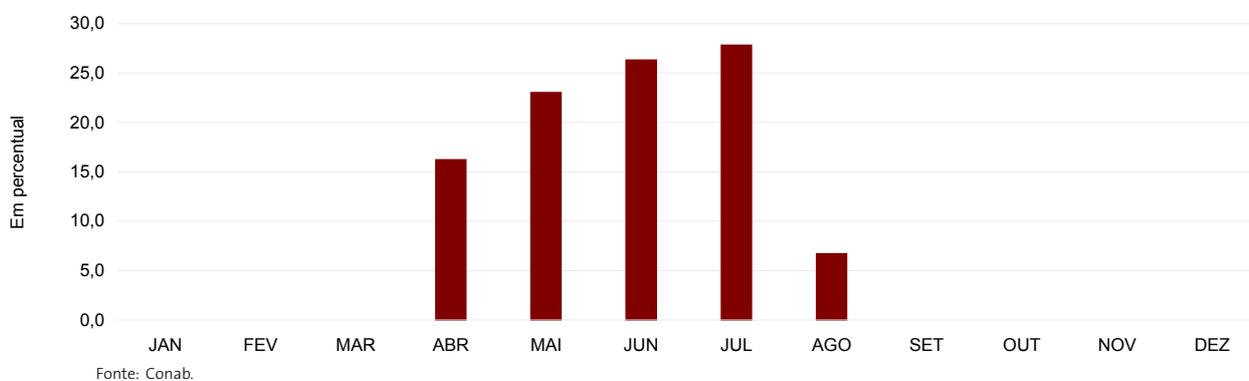
**Gráfico 35 – Estimativa mensal de colheita de café – São Paulo**



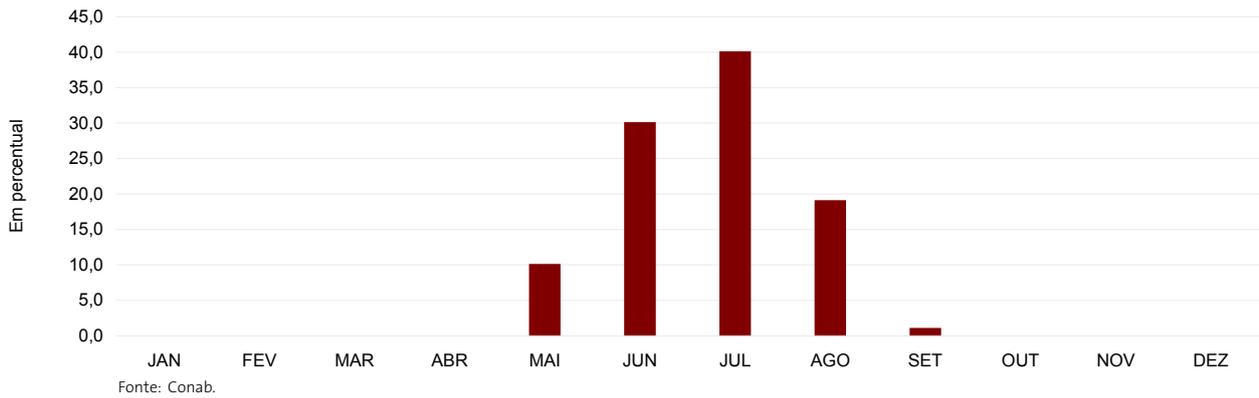
**Gráfico 36 – Estimativa mensal de colheita de café – Paraná**



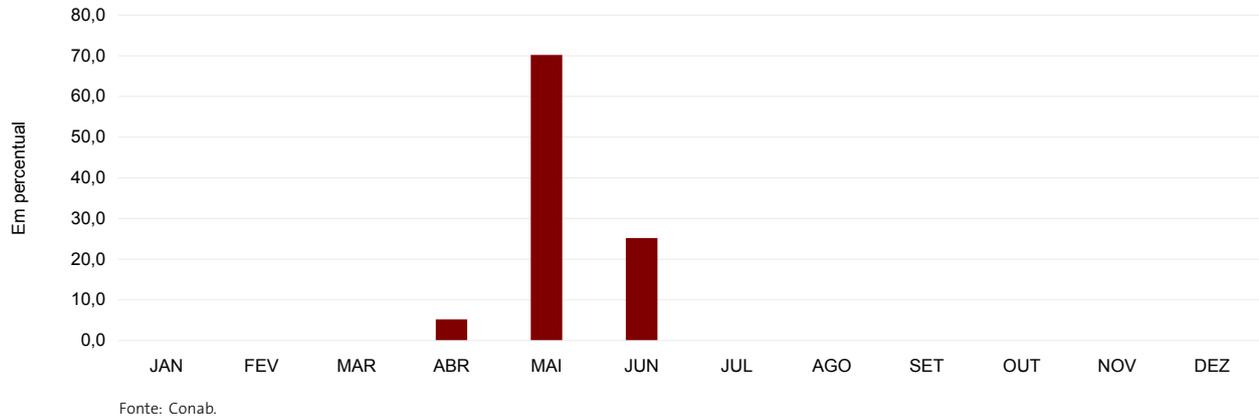
**Gráfico 37 – Estimativa mensal de colheita de café – Rio de Janeiro**



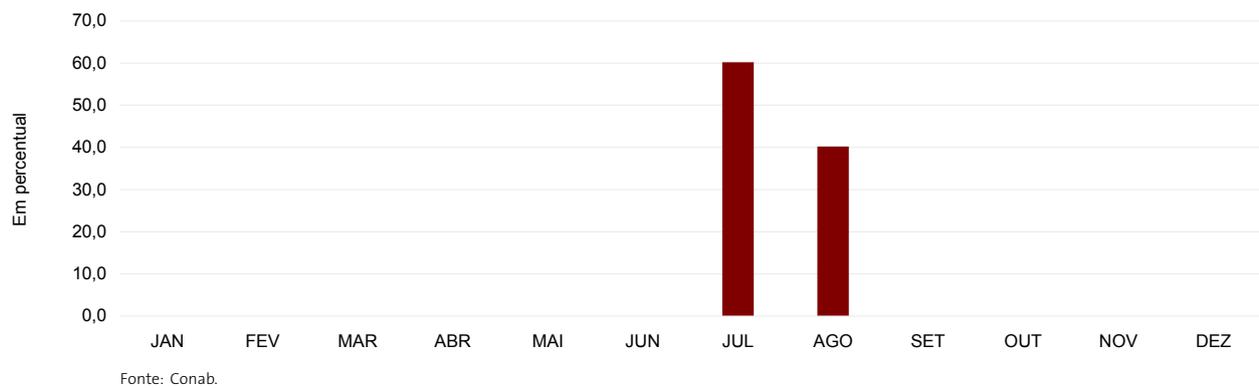
**Gráfico 38 – Estimativa mensal de colheita de café – Goiás**



**Gráfico 39 – Estimativa mensal de colheita de café – Mato Grosso**



**Gráfico 40 – Estimativa mensal de colheita de café – Amazonas**





---

Distribuição:  
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)  
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)  
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)  
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)  
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF  
(61) 3312-6277/6264/6230  
<http://www.conab.gov.br> / [geasa@conab.gov.br](mailto:geasa@conab.gov.br)





MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO

